

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
SOCIOECONÔMICO
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO**

ADRIÉLI DE JESUS CASAGRANDE

**INFLUÊNCIA DA AUTORREGULAÇÃO E DO COMPORTAMENTO DE GESTÃO
FINANCEIRA FAMILIAR NO BEM-ESTAR FINANCEIRO**

**CRICIÚMA
2024**

ADRIÉLI DE JESUS CASAGRANDE

**INFLUÊNCIA DA AUTORREGULAÇÃO E DO COMPORTAMENTO DE GESTÃO
FINANCEIRA FAMILIAR NO BEM-ESTAR FINANCEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico.

Orientador: Dr. Jaime Dagostim Picolo
Coorientador: Dr. José Carlos Monteiro Teixeira

**CRICIÚMA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C335i Casagrande, Adriéli de Jesus.

Influência da autorregulação e do comportamento de gestão financeira familiar no bem-estar financeiro / Adriéli de Jesus Casagrande. - 2024.
109 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, 2024.
Orientação: Jaime Dagostim Picolo.
Coorientação: José Carlos Monteiro Teixeira.

1. Finanças pessoais. 2. Orçamento familiar. 3. Famílias - Aspectos econômicos. 4. Bem-estar. 5. Autorregulação. 6. Educação financeira. I. Título.

CDD 23. ed. 332.024

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

ADRIÉLI DE JESUS CASAGRANDE

**INFLUÊNCIA DA AUTORREGULAÇÃO E DO COMPORTAMENTO DE GESTÃO
FINANCEIRA FAMILIAR NO BEM-ESTAR FINANCEIRO**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestra em Desenvolvimento Socioeconômico no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 19 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Jaime Dagostim Picolo
(Presidente e Orientador – UNESC)



Prof. Dr. José Carlos Monteiro Teixeira
(Coorientador - ISCAL/Portugal)

Documento assinado digitalmente
gov.br GIANCARLO GOMES
Data: 21/04/2024 11:27:13 -0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Giancarlo Gomes
(Membro – FURB)



Profa. Dra. Melissa Watanabe
(Membra – UNESC)



Adriéli de Jesus Casagrande
(Discente)



Prof. Dr. Dimas de Oliveira Estevam
Coordenador do PPGDS – UNESC

Dedico esta dissertação aos meus pais, por todo apoio e por tantas oportunidades concedidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me proporcionar vida, saúde e por me conceder tantas oportunidades.

Ao meu orientador, Jaime Dagostim Picolo, agradeço por todo o auxílio, paciência e tempo dispendido na elaboração desta dissertação.

Aos meus pais, sou grata pelo imenso amor, carinho e respeito com que me educaram. Obrigada por sonharem comigo todos os meus sonhos.

Agradeço à FAPESC pela bolsa concedida por meio do edital de chamada pública FAPESC Nº 24/2021.

Aos demais professores do curso e a todos os professores que fizeram parte da minha jornada acadêmica, sou muito grata pelos ensinamentos e pelas sementes plantadas.

Às respondentes da pesquisa e às responsáveis pelos clubes de mães do município, agradeço de coração por me receberem tão bem.

A melhor maneira de prever o futuro, é criá-lo
Peter Drucker

RESUMO

Estudos têm se dedicado a compreender a influência psicológica nos comportamentos financeiros e seu impacto no bem-estar e na qualidade de vida. Neste contexto, o objetivo desta pesquisa é analisar como a autorregulação e o comportamento de gestão financeira familiar influenciam o bem-estar financeiro. Realizou-se um estudo Survey com uma abordagem não probabilística e de conveniência, aplicado em clubes de mães do município de Morro da Fumaça, Santa Catarina, Sul do Brasil, envolvendo o comportamento de 322 famílias. A coleta de dados possibilitou uma descrição quantitativa do comportamento de gestão financeira familiar, autorregulação e bem-estar financeiro. Para a análise dos dados, as relações teóricas propostas foram testadas utilizando técnicas estatísticas de equações estruturais com o software SmartPLS versão 4.0, sob uma perspectiva hipotético-dedutiva. Este estudo contribui para a literatura por meio de uma abordagem empírica, evidenciando inicialmente a formação do constructo de gestão financeira familiar nas dimensões: gestão de dívidas, reserva financeira, orçamento, riscos e investimentos. Posteriormente, as hipóteses de pesquisa foram testadas, demonstrando que a autorregulação e o comportamento de gestão financeira familiar influenciam positiva e significativamente o bem-estar financeiro. Famílias com altos níveis de autorregulação, capazes de estabelecer objetivos e controlar impulsos, tendem a apresentar melhores comportamentos financeiros. Adicionalmente, um bom comportamento de gestão financeira familiar está associado a maior bem-estar financeiro, permitindo o gerenciamento eficaz de dívidas, reservas financeiras, orçamentos, riscos e investimentos. Assim, o comportamento de gestão financeira familiar medeia a relação entre autorregulação e bem-estar financeiro. Famílias autorreguladas nas dimensões de estabelecimento de objetivos e controle de impulsos não alcançam o bem-estar financeiro diretamente pelas dimensões de expectativa financeira e capacidade financeira, mas devem focar no comportamento de gestão financeira. Implicações práticas sugerem que estratégias devem ser direcionadas para promover níveis mais elevados de autorregulação, potencializando a eficácia e as competências do comportamento de gestão financeira familiar, refletindo positivamente no bem-estar financeiro. Isso enfatiza a importância de intervenções focadas no fortalecimento da autorregulação como meio de melhorar a saúde financeira e o bem-estar das famílias.

Palavras-chave: Autorregulação; Comportamento de gestão financeira familiar; bem-estar financeiro.

ABSTRACT

Studies have been dedicated to understanding the psychological influence on financial behaviors and their impact on well-being and quality of life. In this context, the aim of this research is to analyze how self-regulation and family financial management behavior influence financial well-being. A survey study with a non-probabilistic and convenience approach was conducted in mothers' clubs in the municipality of Morro da Fumaça, Santa Catarina, Southern Brazil, involving the behavior of 322 families. Data collection enabled a quantitative description of family financial management behavior, self-regulation, and financial well-being. For data analysis, the proposed theoretical relationships were tested using structural equation modeling techniques with SmartPLS 4, under a hypothetical-deductive perspective. This study contributes to the literature through an empirical approach, initially evidencing the formation of the family financial management construct in dimensions: debt management, financial reserve management, budget management, risk management, and investment management. Subsequently, research hypotheses were tested, demonstrating that self-regulation and family financial management behavior positively and significantly influence financial well-being. Families with high levels of self-regulation, capable of setting goals and controlling impulses, tend to exhibit better financial behaviors. Additionally, good family financial management behavior is associated with greater financial well-being, allowing effective management of debts, financial reserves, budgets, risks, and investments. Thus, family financial management behavior mediates the relationship between self-regulation and financial well-being. Self-regulated families in the dimensions of goal setting and impulse control do not achieve financial well-being directly through the dimensions of financial expectation and financial capacity but must focus on family financial management behavior. Practical implications suggest that strategies should be directed to promote higher levels of self-regulation, enhancing the efficacy and competencies of family financial management behavior, positively reflecting on financial well-being. This emphasizes the importance of interventions focused on strengthening self-regulation as a means to improve financial health and family well-being.

Keywords: Self-regulation; Family financial management behavior; Financial well-being.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho da pesquisa.....	61
Figura 2 – Diagrama de declividade das dimensões do CGFF.....	80
Figura 3 – Modelo das dimensões do constructo do CGFF	84
Figura 4 – Diagrama <i>box-plot</i> da variáveis latentes do constructo AR.....	87
Figura 5 - Diagrama <i>box-plot</i> da variáveis latentes do constructo CGFF	88
Figura 6 - Diagrama <i>box-plot</i> da variáveis latentes do constructo BEF.....	89
Figura 7 - Modelo estrutural da pesquisa	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos respondentes.....	70
Tabela 2 - Dimensão estabelecimento de objetivos da AR	70
Tabela 3 - Dimensão controle de impulsos da AR	72
Tabela 4 - Dimensão gestão de dívidas do CGFF	73
Tabela 5 - Dimensão gestão de reserva financeira do CGFF	74
Tabela 6 - Dimensão gestão de orçamento do CGFF	74
Tabela 7 - Dimensão gestão de riscos do CGFF	75
Tabela 8 - Dimensão gestão de investimentos do CGFF.....	75
Tabela 9 - Dimensão de expectativa financeira do BEF	76
Tabela 10 - Dimensão de capacidade financeira do BEF	77
Tabela 11 – AFE do constructo do CGFF	78
Tabela 12 – AFC do constructo do CGFF	82
Tabela 13 – Validação do constructo do CGFF	84
Tabela 14 – AFC do constructo da AR	85
Tabela 15 – AFC do constructo do BEF	86
Tabela 16 - Dispersão das variáveis latentes dos constructos com dados não padronizados...	86
Tabela 17 - Validade Discriminante – Teste HTMT	89
Tabela 18 – Indicadores do modelo da pesquisa	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões do Comportamento de Gestão Financeira.....	26
Quadro 2 - Estudos relacionados a AR e CGGF	45
Quadro 3 - Estudos relacionados ao CGFF e o BEF	50
Quadro 4 - Estudos relacionados a AR, CGFF e BEF	55
Quadro 5 – Constructo da AR	63
Quadro 6 - Constructo do CGFF	63
Quadro 7 - Constructo do BEF	64
Quadro 8 - Variáveis de controle da pesquisa	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC	Análise Fatorial Confirmatória
AFE	Análise Fatorial Exploratória
AR	Autorregulação
AVE	Validade Convergente
BEF	Bem-estar Financeiro
CGFF	Comportamento de Gestão Financeira Familiar
CNC	Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo
CR	Confiabilidade Composta
FAPESC	Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
P.P.	Pontos Percentuais
PFMB	Comportamento de Gestão Financeira Pessoal
PPGDS	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.2 PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA	16
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA	17
1.4 JUSTIFICATIVA	17
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS	20
2.2 COMPORTAMENTO DE GESTÃO FINANCEIRA	23
2.3 AUTORREGULAÇÃO.....	31
2.4 BEM-ESTAR FINANCEIRO	39
2.5 ESTUDOS ANTERIORES	45
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	62
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	62
3.2 CONSTRUCTO DA PESQUISA.....	62
3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA	65
3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO.....	65
3.5 COLETA DE DADOS	66
3.6 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS	67
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	70
4.1 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS	70
4.2 VALIDAÇÃO DOS MODELOS	77
4.3 DIAGNÓSTICO DOS CONSTRUCTOS	86
4.4 MODELO ESTRUTURAL	89
4.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	107

1 INTRODUÇÃO

Bons comportamentos financeiros, caracterizados pela prudência na gestão financeira, com foco na gestão cuidadosa das finanças, destacando-se pela atenção às dívidas, à constituição de uma reserva financeira, ao planejamento orçamentário, à avaliação de riscos e ao direcionamento eficiente de investimentos, podem elevar o bem-estar financeiro (Riitsalu; Murakas, 2019; Xiao; Porto, 2017; Xiao; Chen; Chen, 2014).

O bem-estar geral de um indivíduo ou família é fortemente influenciado por aspectos financeiros. O bem-estar financeiro está à frente de atributos como saúde e satisfação no trabalho quando avaliado o bem-estar geral. Dois principais atributos são considerados no bem-estar financeiro, o primeiro deles é a capacidade financeira, definida pelo potencial de um indivíduo ou família de arcar com suas obrigações financeiras. O segundo atributo é a expectativa financeira, ou seja, quais são as estimativas financeiras futuras (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020; Netemeyer *et al.*, 2018).

Uma educação financeira adequada eleva as chances dos indivíduos de adotarem bons comportamentos financeiros. Existe uma relação entre o nível de exposição à educação financeira e o nível de educação financeira pessoal, principalmente quando se abordam as temáticas de planejamento financeiro de longo prazo, investimentos e empréstimos, ou ainda em aconselhamento sobre dívidas. Logo, a educação financeira é um meio para que os indivíduos desenvolvam uma melhor gestão financeira, de modo, a incentivar a compreensão quanto aos benefícios da poupança e investimentos assertivos, permitindo maior estabilidade financeira. Essa estabilidade financeira permite aos indivíduos maior assertividade na busca do bem-estar, bem como na promoção do crescimento econômico (Paraboni *et al.*, 2020; Goyal; Kumar; Xiao, 2021).

Entretanto, mesmo tendo acesso à educação financeira, o comportamento humano é influenciado por aspectos psicológicos que podem resultar em decisões baseadas em julgamentos individuais, nem sempre seguindo a razão. Nesse sentido, aspectos comportamentais podem ter repercussões significativas e inesperadas nas decisões financeiras (Kimura; Basso; Krauter, 2006).

Embora existam estudos que relacionem bons comportamentos financeiros individuais ao bem-estar financeiro individual, a produção acadêmica pesquisada não dá luz ao contexto familiar, nem a presença de fatores psicológicos, tal qual a autorregulação, que estejam influenciando a relação entre comportamento de gestão financeira e bem-estar financeiro. Nesse

sentido, buscou-se relacionar nesta pesquisa três constructos, sendo eles: a autorregulação, o comportamento de gestão financeira, e o bem-estar financeiro, para melhor entender as relações entre eles e contribuir para a literatura do tema.

No capítulo I apresenta-se a problemática na qual a pesquisadora pretende se aprofundar, os objetivos do estudo e a sua justificativa. No capítulo II, busca-se fundamentar os princípios e características das finanças comportamentais; do comportamento de gestão financeira; autorregulação; e por último, do bem-estar financeiro. No capítulo III, a pesquisadora pretende reunir constructos para medir a autorregulação, o comportamento de gestão financeira, e bem-estar financeiro nas famílias. Neste momento, também será apresentado o método de pesquisa quantitativo, suas características e a forma como a pesquisa será aplicada e analisada. E por fim, no capítulo IV, serão apresentados os resultados e a experiência da pesquisa, que vão apontar se as hipóteses foram confirmadas ou refutadas.

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

Entender a influência psicológica em comportamentos financeiros e conseqüentemente na busca de bem-estar e qualidade de vida tem sido alvo de estudos. Comportamentos financeiros responsáveis, fatores psicológicos, componentes da alfabetização financeira e situação financeira objetiva tem um efeito significativo sobre o bem-estar financeiro (Sehrawat; Vij; Talan, 2021).

Programas de educação financeira devem incentivar os indivíduos a evitarem comportamentos financeiros de risco, tais como: endividamento sem planejamento, compras excessivas e atraso no pagamento de dívidas. O foco deve estar nos ensinamentos sobre tomadas de decisão assertivas, favorecendo o surgimento de bons comportamentos financeiros, além da melhora da autoeficácia, ou seja, a capacidade do próprio indivíduo de estabelecer metas e executar ações para atingi-las (Xiao; Chen; Chen, 2014).

A relação entre autorregulação, comportamento de gestão financeira familiar e bem-estar financeiro é uma lacuna que se propõe discutir nesta pesquisa, já que é pouco explorada nos estudos anteriores conhecidos. A autorregulação refere-se à capacidade das pessoas de ajustar seus comportamentos, pensamentos, atenção e emoções, para se adequarem a diferentes contextos e situações. Sendo assim, é a habilidade de regular e controlar de forma consciente as respostas a estímulos externos e internos (Gestsdottir; Lerner, 2008). O comportamento de gestão financeira caracteriza-se pela atenção em atributos como gestão de dívidas, reserva

financeira, orçamento, riscos e investimentos (Goyal; Kumar; Xiao, 2021). O bem-estar financeiro é a sensação de ser capaz de arcar com as obrigações financeiras recorrentes e também de sentir-se seguro para o futuro. Logo, pode-se dizer, que o bem-estar financeiro permeia o presente e o futuro. Entretanto, é possível que um indivíduo tenha uma boa capacidade financeira no presente e esteja inseguro com sua situação financeira no futuro e o contrário também é válido (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020; Netemeyer *et al.*, 2018).

Sendo assim, apresenta-se o problema de pesquisa norteador desta dissertação: Qual a relação entre a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro?

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.3.1 Objetivo geral

Analisar a influência da autorregulação e do comportamento de gestão financeira familiar no bem-estar financeiro.

1.3.2 Objetivos específicos

- a) Descrever a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro;
- b) Avaliar a relação entre autorregulação e o comportamento de gestão financeira familiar;
- c) Avaliar a relação entre o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro;
- d) Avaliar a relação entre a autorregulação e o bem-estar financeiro, mediada pelo comportamento de gestão financeira familiar.

1.4 JUSTIFICATIVA

O percentual de famílias catarinenses endividadas alcançou a marca de 77,6% em setembro de 2023. Percebe-se uma elevação de 0,8 pontos percentuais (p.p.) na passagem do mês, sendo assim, o endividamento estadual registra uma escalada de 12,6 p.p. ao longo do ano

de 2023 (CNC, 2023). O endividamento é algo natural, entretanto precisa ser planejado e coerente com a capacidade financeira de um indivíduo ou família. Entender os comportamentos financeiros dos indivíduos das cidades catarinenses é uma lacuna de pesquisa existente.

Logo, este estudo é relevante para os indivíduos e famílias, para os educadores financeiros, formuladores de políticas públicas, pesquisadores e para a autora desse estudo. Para os indivíduos e famílias, o entendimento do comportamento financeiro pode equipá-los com conhecimentos que permitirão um melhor gerenciamento de suas finanças, contribuindo para o aumento do bem-estar financeiro e, conseqüentemente, da qualidade de vida. Para os educadores financeiros porque poderão aplicar os resultados obtidos nesta pesquisa para desenvolver programas de educação mais eficazes, levando em conta os aspectos de comportamento e autorregulação que influenciam a gestão financeira. Para os formuladores de políticas públicas porque podem utilizar as informações desta pesquisa para orientar a formulação de políticas e programas de educação financeira mais eficazes, visando a promoção do bem-estar financeiro da população. Para os pesquisadores poderá servir como um recurso valioso para outros pesquisadores na área de finanças comportamentais, abrindo novas possibilidades de investigação e contribuindo para o avanço do conhecimento na área.

Para a autora deste estudo, a relevância do tema é pessoal e acadêmica. O interesse pelo assunto, aliado à necessidade de promover iniciativas gratuitas de educação financeira pessoal e familiar, é um estímulo para o aprofundamento da pesquisa. No âmbito local, não há estudos conhecidos que abordem os três constructos aqui propostos (autorregulação, comportamento de gestão financeira familiar e bem-estar financeiro). Assim, os resultados da pesquisa podem contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas efetivas que incentivem bons comportamentos de gestão financeira, promovendo a disciplina necessária para alcançar metas e objetivos pessoais e, conseqüentemente, elevando o bem-estar das famílias e indivíduos da região.

Um aspecto importante deste estudo reside em sua abordagem interdisciplinar para investigar a relação entre comportamento de gestão financeira, autorregulação e bem-estar financeiro no contexto familiar. De acordo com Schuchardt *et al.* (2007), a busca por compreender as finanças pessoais é um esforço interdisciplinar que envolve várias áreas do conhecimento, incluindo psicologia, sociologia, finanças, economia, tecnologia da informação (TI) e estudos familiares. Ao utilizar um construto inovador que combina constructos já presentes na literatura, este estudo tem o potencial de fornecer novas perspectivas e contribuições significativas para a compreensão do comportamento financeiro humano e suas

implicações na vida individual e familiar. Este estudo também apresenta ineditismo na região pesquisada, uma vez que não foram encontrados estudos que relacionem diretamente esses três aspectos.

Ademais, este estudo está alinhado com a linha de pesquisa de trabalho e organizações do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDS) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Destaca-se também o alinhamento da pesquisa com a meta 1.4 do ODS 1 (Erradicação da Pobreza), que visa, até 2030, assegurar que todos os homens e mulheres, especialmente os pobres e vulneráveis, tenham direitos iguais ao acesso a recursos econômicos, bem como acesso a serviços básicos, propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, herança, recursos naturais, novas tecnologias apropriadas e serviços financeiros, incluindo microfinanças.

Por fim, o locus da pesquisa recaiu sobre o município de Morro da Fumaça, situado em Santa Catarina. Com uma população de 18.537 habitantes, esta cidade apresenta uma série de potencialidades distintas. Destacam-se, entre elas, a sua localização estratégica, com acesso facilitado à BR 101, promovendo uma conexão com outras regiões; a presença da agroindústria familiar; empreendedorismo; polo industrial consolidado, que contribui significativamente para o desenvolvimento econômico da região; além das atividades dinâmicas nos setores de cerâmica e vestuário (IBGE, 2022; Observatório de Desenvolvimento Socioeconômico e Inovação da UNESC, 2020).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo compreende os fundamentos teóricos de finanças comportamentais, comportamento de gestão financeira, autorregulação e bem-estar financeiro, respectivamente.

2.1 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

O estudo das Finanças Comportamentais é um campo interdisciplinar que combina conceitos da psicologia, economia e finanças para entender como as emoções, comportamentos e decisões humanas influenciam os mercados financeiros, as tomadas de decisões de investimento e os resultados financeiros pessoais. Ao contrário do Modelo Moderno de Finanças, que assume que os investidores são racionais e tomam decisões puramente baseadas em informações e análises objetivas, as finanças comportamentais reconhecem que os seres humanos muitas vezes agem de maneiras previsivelmente irracionais devido a vieses cognitivos, emoções e fatores sociais. Nesse sentido, assume-se que os seres humanos são propensos a falhas em seu pensamento. Sendo assim, com influência das emoções, os indivíduos podem se deixar levar pela irracionalidade, o que pode, por vezes, prejudicar suas escolhas financeiras (Halfeld; Torres, 2001).

A teoria das finanças comportamentais surgiu com o propósito de explicar e investigar as escolhas dos investidores. Uma crítica dirigida aos modelos clássicos deriva da ausência de um realismo psicológico na concepção da racionalidade. Isto se deve ao fato de que, se os agentes econômicos não agirem com uma racionalidade absoluta, a habilidade de realizar previsões precisas é comprometida. Nesse sentido, o entendimento da mente humana e de seus padrões comportamentais torna-se fundamental para uma análise apropriada das decisões financeiras (Franceschini, 2015).

Logo, a teoria representa uma importante evolução no campo financeiro, surgindo como uma resposta às limitações próprias da teoria tradicional. Em incompatibilidade ao modelo convencional, que parte do pressuposto de que os agentes econômicos são totalmente racionais em suas decisões financeiras, a abordagem comportamental considera que as decisões econômicas são frequentemente influenciadas por fatores psicológicos, emocionais e sociais. Esse novo paradigma reconhece que os investidores muitas vezes tomam decisões que não são lógicas (Barberis; Thaler, 2003).

A abordagem das finanças comportamentais representa uma área interdisciplinar que busca compreender e explicar o comportamento econômico dos indivíduos. Esta corrente de estudo revela que as escolhas econômicas dos indivíduos são profundamente influenciadas por fatores psicológicos (Barros; Felipe, 2015).

Nesse contexto, as Finanças Comportamentais emergem como uma abordagem que busca explicar e antecipar as decisões financeiras, levando em consideração pressupostos psicológicos mais realistas. A premissa fundamental é que os investidores muitas vezes agem de maneira irracional devido a vieses cognitivos, emoções e influências sociais. Esses fatores psicológicos desempenham um papel significativo na tomada de decisões financeiras, frequentemente levando a escolhas que se desviam dos padrões previstos pelos modelos tradicionais (Franceschini, 2015).

O comportamento humano é intrinsecamente influenciado por aspectos psicológicos que podem resultar na distorção da identificação e percepção dos fatos objetivos. Essas influências psicológicas levam a decisões frequentemente fundamentadas em julgamentos individuais, nem sempre seguindo lógica e racionalidade. No contexto da tomada de decisões financeiras, esses aspectos comportamentais podem ter repercussões significativas e, muitas vezes, imprevisíveis. Por isso, é necessário reconhecer que os seres humanos não são agentes puramente racionais, sendo suscetíveis a vieses cognitivos e emoções que podem levar a escolhas, por vezes, irracionais no campo financeiro (Kimura; Basso; Krauter, 2006).

Ao integrar a psicologia à teoria financeira, as Finanças Comportamentais oferecem uma visão mais completa do comportamento dos investidores. Ao reconhecer e incorporar esses aspectos psicológicos, os profissionais do mercado financeiro podem tomar decisões mais informadas, considerando não apenas os aspectos quantitativos, mas também os fatores qualitativos que influenciam as escolhas dos investidores (Franceschini, 2015).

Uma das principais áreas de estudo na finança comportamental é a análise de como os investidores respondem a eventos inesperados, crises econômicas e mudanças abruptas no mercado. Essas situações muitas vezes revelam padrões de comportamento que desafiam as previsões dos modelos tradicionais. Ao considerar a irracionalidade em certas decisões financeiras, os pesquisadores conseguem explicar fenômenos como bolhas especulativas, pânico financeiro e comportamentos de manada que não podem ser completamente compreendidos pelos modelos baseados apenas na racionalidade plena dos agentes (Barberis; Thaler, 2003).

Sendo assim, as Finanças Comportamentais representam uma extensão do estudo financeiro, oferecendo uma perspectiva mais realista sobre o comportamento humano no contexto das finanças. Ao reconhecer a complexidade da mente humana, esse campo contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas do mercado e, por conseguinte, para o aprimoramento das estratégias de investimento e gestão de riscos (Franceschini, 2015).

Ademais, as finanças comportamentais também exploram as implicações desses comportamentos irracionalmente fundamentados para a eficiência dos mercados financeiros. Ao compreender como e por que os investidores tomam decisões não completamente racionais, os acadêmicos e profissionais financeiros podem ajustar suas estratégias, desenvolver instrumentos financeiros mais adequados e criar políticas regulatórias mais eficazes (Barberis; Thaler, 2003).

Sendo assim, representa um campo dinâmico e em constante evolução, oferecendo uma visão mais realista e abrangente do comportamento humano nos mercados financeiros. Ao explorar as nuances da irracionalidade, essa abordagem proporciona uma nova perspectiva para uma compreensão mais profunda dos mercados e, por conseguinte, auxilia na tomada de decisões mais informadas e eficazes no mundo financeiro (Barberis; Thaler, 2003).

Um dos principais conceitos das finanças comportamentais é a aversão a perdas, que se refere à tendência das pessoas em valorizar as perdas de forma significativamente maior do que os ganhos de valor equivalente. Esta inclinação psicológica tem implicações profundas no comportamento humano, especialmente no contexto de decisões financeiras e investimentos (Halfeld; Torres, 2001).

O conceito de aversão à perda defende que as pessoas têm uma sensibilidade maior às perdas do que aos ganhos. Em outras palavras, a dor causada por uma perda financeira é percebida como mais intensa do que o prazer derivado de um ganho equivalente. Esse desequilíbrio emocional pode influenciar decisões econômicas, levando a padrões de comportamento aparentemente contraditórios (Halfeld; Torres, 2001).

Esta situação contraditória entre a racionalidade aparente dos indivíduos e a irracionalidade de suas decisões sob a influência da aversão às perdas destaca a importância de uma compreensão do comportamento humano na análise financeira. O estudo das Finanças Comportamentais não apenas revela a complexidade da psicologia por trás das decisões financeiras, mas também destaca a necessidade de estratégias de investimento que levem em conta não apenas dados objetivos, mas também os aspectos subjetivos e emocionais que moldam as escolhas dos investidores (Rogers; Securato; Favato, 2008).

No âmbito dos investimentos, a aversão à perda pode resultar em estratégias mais conservadoras. Investidores podem optar por manter ativos de baixo risco, mesmo que ofereçam retornos relativamente modestos, para evitar o risco de perdas substanciais. Além disso, essa aversão pode levar a uma hesitação em assumir riscos em busca de oportunidades de investimento potencialmente lucrativas (Halfeld; Torres, 2001).

A despeito dos princípios econômicos convencionais que preconizam que investidores devem adotar uma postura mais arriscada quando estão em um cenário de ganhos e uma atitude avessa ao risco em situações de perda, as Finanças Comportamentais desafiam essa lógica ao enfatizar o fenômeno da "aversão às perdas". Esta teoria sugere que as pessoas têm uma tendência intrínseca a evitar a sensação de perda a todo custo, mesmo que isso signifique sacrificar possíveis ganhos. De maneira paradoxal, os indivíduos estão dispostos a assumir riscos quando estão enfrentando perdas, mas tornam-se completamente avessos ao risco quando estão experimentando ganhos (Rogers; Securato; Favato, 2008).

Essa aversão às perdas tem implicações significativas em termos de tomada de decisões financeiras. O medo da perda pode levar as pessoas a tomar decisões de forma irracional, criando molduras cognitivas que as tornam insensíveis aos dados históricos relevantes e, mais ainda, às probabilidades estatísticas subjacentes. É interessante notar que mesmo aqueles que se dedicam a estudar cuidadosamente as informações disponíveis podem sucumbir a esse viés comportamental, agindo de maneira irracional (Rogers; Securato; Favato, 2008).

2.2 COMPORTAMENTO DE GESTÃO FINANCEIRA

Nesta seção será apresentado a evolução do conceito do comportamento de gestão financeira, bem como seus antecedentes e dimensões para mensuração.

2.2.1 Evolução do conceito do comportamento de gestão financeira

O conceito de comportamento de gestão financeira refere-se a um conjunto de dimensões comportamentais multidimensionais associadas ao planejamento, implementação e avaliação de várias atividades financeiras, incluindo gestão de fluxo de caixa, crédito, poupança, investimentos, seguros, aposentadoria e planejamento patrimonial (Goyal; Kumar; Xiao, 2021). Tem suas raízes nos estudos que abordam a gestão financeira pessoal, como exemplificado no trabalho de Weston e Brigham (1981). Mas, outras pesquisas investigam o

comportamento de gestão financeira em contextos familiares, conforme observado por Pahl (1989).

A teoria do comportamento de gestão financeira é sustentada sobretudo em teorias de Finanças Comportamentais, sendo a Teoria do Comportamento Planejado (TPB) a mais notável. A Teoria do Comportamento Planejado baseia-se na intenção de um indivíduo de executar certo comportamento. Norteia-se então nos fatores motivacionais que levam a um comportamento específico e a quão engajado está o indivíduo para esforçar-se para atingir determinado objetivo (Goyal; Kumar; Xiao, 2021; Ajzen, 1991).

Ao longo dos anos, diferentes definições de Comportamento de Gestão Financeira foram explanadas. Weston e Brigham (1981) abordam o comportamento da gestão financeira como uma área de tomada de decisão, que envolve motivos individuais e objetivos profissionais. Para Deacon e Firebaugh (1988), Comportamento de Gestão Financeira é o desempenho comportamental acerca do planejamento e concretização de decisões ligadas à caixa, crédito, investimentos, seguros, aposentadoria e estruturação de patrimônio. Já Pahl (1989) define o conceito como a destinação da renda dentro de uma família, salário dos cônjuges, reserva financeira ou gestão de dinheiro independente.

Horne e Wachowicz (2002) definem o comportamento de gestão financeira como a determinação, aquisição, alocação e utilização de recursos financeiros, possuindo um objetivo planejado. Para Altfest (2004), Comportamento de Gestão Financeira engloba uma série de itens que são de interesse financeiro dos indivíduos, tais como: planejamento tributário, planejamento de fluxo de caixa, gerenciamento de risco, planejamento de aposentadoria e planejamento imobiliário. Para o autor, o planejamento financeiro pessoal é uma maneira de preparar-se e prevenir-se para necessidades financeiras domésticas, de curto ou longo prazo. Entretanto, não se resume apenas na preparação, mas em fazê-la de maneira eficiente e precisa. Schuchardt *et al.* (2007), define o Comportamento de Gestão Financeira como um conjunto de instrumentos, tais como: demonstrativos financeiros, contas corrente e de poupança, hipotecas e investimentos em veículos.

2.2.2 Antecedentes do comportamento de gestão financeira

Os antecedentes do comportamento de gestão financeira circundam questões demográficas e socioeconômicas, psicológicas, traços de personalidade, questões sociais,

tecnológicas, ambientais, situacionais e culturais, além da alfabetização e educação financeira (Goyal; Kumar; Xiao, 2021).

Dentre as questões demográficas e socioeconômicas destacam-se idade, estado civil, renda, educação, status de emprego, tamanho da família, ocupação, renda familiar, estrutura familiar, duração do casamento, casa própria, com associação positiva ao comportamento de gestão financeira (Goyal; Kumar; Xiao, 2021).

Os antecedentes psicológicos mais proeminentes do comportamento de gestão financeira são atitude financeira, autoeficácia financeira, autocontrole, materialismo e *locus* de controle. Atitudes financeiras refletem as percepções e opiniões de um indivíduo sobre finanças, já o comportamento de gestão financeira reflete as ações (Goyal *et al.*, 2022). A autoeficácia financeira diz respeito a autoconfiança dos indivíduos em sua capacidade de gestão financeira, ou seja, o quanto sentem-se capazes de serem bem-sucedidos na administração de suas finanças (Farrell; Fry; Risse, 2016).

O autocontrole pode ser explicado como a capacidade humana de neutralizar suas respostas internas e impulsos, para evitar o surgimento de comportamentos inadequados (Tangney; Baumeister; Boone, 2004). O materialismo exacerbado em um indivíduo, resulta em pensamentos que colocam a aquisição de bens materiais como o objetivo central de vida, indicando sucesso e felicidade (Richins; Dawson, 1992).

Locus de controle diz respeito à percepção do indivíduo quanto à vida, se relacionando com o grau no qual os acertos ou erros são resultados de ações (Chiu, 2003; O'Connor; Kabadayi, 2020). Já os traços de personalidade representam os padrões de pensamentos, sentimentos e comportamentos dos indivíduos. Nesse sentido, as pessoas diferem-se umas das outras a depender da sua personalidade (Diener; Lucas, 2019).

As questões sociais englobam principalmente a socialização financeira familiar. Socialização financeira refere-se ao processo de obtenção e aperfeiçoamento de valores, atitudes, conhecimentos e comportamentos que auxiliam na viabilidade financeira e no bem-estar (Danes, 1994).

Questões tecnológicas, ambientais, situacionais e culturais também possuem associação com o comportamento de gestão financeira, assim como a alfabetização financeira e a educação financeira. A alfabetização financeira permite maior assertividade nas decisões financeiras e engloba atitude financeira, conhecimento e comportamento financeiro (Potrich; Vieira; Kirch, 2015).

Por fim, há a educação financeira, que deve ser utilizada dentro de planos regulares e administrativos, sendo um meio para promoção de desenvolvimento econômico, permitindo aos indivíduos maior segurança e assertividade em suas decisões (OECD, 2005),

2.2.3 Dimensões e mensuração do comportamento de gestão financeira

Existem uma variedade de dimensões a respeito do Comportamento de Gestão Financeira e tem-se consequentes escalas propostas por diferentes autores. As dimensões estão descritas na primeira linha e as respectivas escalas descritas pela literatura na primeira coluna do quadro 1.

Goyal *et al.*, (2021) fez uma revisão sistemática da literatura em 2021 do ano de 1970 a 2020, nas bases Web of Science by Clarivate Analytics e Scopus e localizou diferentes escalas para mensurar o comportamento de gestão financeira. Porém, a maioria dessas escalas necessita de validação psicométrica, exceto a proposta por Dew e Xiao (2011) e a de OCDE (2012) que detém validação. Sendo o comportamento da gestão financeira pessoal um conceito multidimensional, torna-se crucial abordar as respectivas dimensões (Dew; Xiao, 2011). Nos parágrafos subsequentes serão conceituadas cada dimensão.

Quadro 1 – Dimensões do Comportamento de Gestão Financeira

Escalas existentes de PFMB	Planejamento	Acompanhamento de gastos	Orçamento	Economia	Investimento	Gerenciamento de riscos	Acumulação de Capital	Aposentadoria	Planejamento imobiliário	Seguro	Gerenciamento de fluxo de caixa	Administração de crédito	Corte de gastos	Controle de gastos	Controle de impulso	Organização	Impulso motivacional	Tendências de gerenciamento	Autores
Escala de frequência de gestão financeira	x	x	x																Fitzsimmons <i>et al.</i> (1993)
Escala de comportamento de gestão financeira				x	x	x	x	x			x	x							Porter; Garman (1993)

Um exemplo de comportamento financeiro é possuir um orçamento, que tem como objetivo ser uma ferramenta para controle financeiro e equilíbrio das receitas e despesas de um indivíduo ou família (Atkinson; Messy, 2012). Um orçamento é um instrumento financeiro, que fornece direcionamento e instrução para colocar em prática um plano (Sanvicente; Santos, 2011).

Economizar é um comportamento financeiro comum (Hilgert; Hogarth; Beverly, 2003; Perry; Morris, 2005; Jorgensen, 2007; Xiao, 2008; Dew; Xiao, 2011; Atkinson; Messy, 2012). A capacidade de economizar recursos financeiros é uma componente da alfabetização financeira. Essa economia pode ter propósitos diferentes, poupar exige adiar um prazer imediato, para focar em objetivos futuros (Ülkümen; Cheema, 2011). Em um mercado dinâmico, há a necessidade da adoção de comportamentos financeiros básicos, sendo poupar um deles (Jorgensen, 2007). É necessário entender a motivação do hábito de poupança, uma vez que pode ser uma ação de curto prazo, apenas para atingir um objetivo, ou uma motivação de longo prazo, por exemplo, poupar para a velhice (Xiao, 2008).

Comportamentos de poupança incluem diferentes aspectos, tais como, a separação regular de fundos com a finalidade de economizar, a priorização do depósito em uma conta poupança antes do pagamento de outras despesas, a manutenção de uma conta de poupança específica, o direcionamento de parte do salário para investimentos ou reservas, a poupança direcionada a objetivos de longo prazo, a iniciativa ou aumento deliberado das economias, bem como o ato contínuo de reservar recursos financeiros. Esse conjunto de comportamentos reflete um compromisso prudente, influenciando diretamente na capacidade do indivíduo em atender a necessidades emergenciais, alcançar metas de longo prazo e garantir estabilidade financeira ao longo do tempo (Porter, 1990; Prochaska-Cue, 1993; Hilgert; Hogarth; Beverly, 2003; Kim; Garman; Sorhaindo, 2003; Perry; Morris, 2005; Jorgensen, 2007; Xiao, 2008; Dew; Xiao, 2011; Atkinson; Messy, 2012).

Investimento é um comportamento financeiro que visa a aplicação de dinheiro para obtenção de rendimentos. Investir exige conhecimento, e este hábito tende a surgir após comportamentos de gerenciamento de fluxo de caixa, gestão de crédito e o hábito de poupar (Hilgert; Hogarth; Beverly, 2003; Dew; Xiao, 2011).

A dimensão gerenciamento de riscos está relacionada a situações que podem levar a perda de dinheiro, caso não exista planejamento prévio. Nessa dimensão, as assertivas visam entender o grau de cuidado para possíveis eventualidades. Nesse sentido, é o estudo de

procedimentos e estratégias para maior segurança na gestão financeira (Ruppenthal, 2013; Porter, 1990).

A dimensão denominada Acumulação de Capital visa investigar se os indivíduos manifestam comportamentos voltados à poupança e investimento com o intuito de aumentar seu patrimônio financeiro. Nesta dimensão, destaca-se alguns pontos, tais como o hábito de reservar dinheiro regularmente para fins de economia, bem como alocação de recursos financeiros em ações, títulos ou fundos mútuos. Estas questões buscam verificar a propensão do indivíduo para a prática sistemática de poupança, assim como sua disposição para investir em opções financeiras, refletindo em uma orientação voltada à acumulação de capital ao longo do tempo (Porter, 1990).

A dimensão aposentadoria não pode ser superestimada, é essencial que o plano de aposentadoria pessoal ou familiar inclua preocupações sociais, relacionadas a saúde e sobretudo finanças (Taylor; Doverspike, 2003). Concomitantemente, a dimensão Planejamento Imobiliário é um componente importante do planejamento financeiro, tornando-se, para grande parte dos alguns indivíduos e famílias, uma demanda obrigatória (EDWARDS, 1991).

A aquisição de apólices de seguro é vista como um comportamento financeiro positivo, visto que protege o capital em caso de eventualidades, como acidente automotivos, furtos de casa, ou até mesmo problemas de saúde repentinos. As assertivas visam entender se os indivíduos possuem apólices de seguro e se estas são adequados (Jorgensen, 2007; Prochaska-Cue, 1993).

O gerenciamento de fluxo de caixa refere-se ao planejamento da alocação da renda de um indivíduo ou família, com o objetivo de atender às suas metas financeiras (Godwin, 1999). Gerenciamento de fluxo de caixa é um comportamento financeiro comum, que diz respeito a equilibrar receitas e despesas, nesse sentido, pagar contas em dia e possuir um método para registros financeiros estão dentro dessa dimensão (Hilgert; Hogarth; Beverly, 2003; Atkinson; Messy, 2012; Porter, 1990; Dew; Xiao, 2011).

A dimensão Administração de Crédito abrange três indicadores comuns, a relação entre dívida, pagamentos e renda familiar, o cronograma de pagamentos com cartão de crédito e o pagamento integral de faturas de cartões de crédito. Esses indicadores oferecem uma visão abrangente da saúde financeira, avaliando a capacidade de gestão de obrigações, pontualidade em pagamentos e o hábito de quitar integralmente as faturas. Essa abordagem proporciona uma leitura do comportamento financeiro de longo prazo, contribuindo para uma avaliação abrangente da capacidade de gerenciamento financeiro (Hilgert; Hogarth; Beverly, 2003).

A dimensão corte de gastos, visa entender se existem estratégias para aliviar o orçamento tanto em cenários de dificuldades financeiras quanto como uma prática recorrente visando eliminar gastos desnecessários. Em períodos de aperto econômico, essa medida torna-se essencial para garantir a estabilidade financeira, permitindo uma gestão mais eficiente dos recursos disponíveis. Além disso, adotar o corte de gastos como um exercício regular revela-se essencial para manter uma abordagem financeiramente sustentável a longo prazo, promovendo a consciência e a disciplina na administração do orçamento pessoal ou familiar. Essa prática contribui não apenas para enfrentar desafios imediatos, mas também para cultivar hábitos financeiros saudáveis e sustentáveis ao longo do tempo (Kim; Garman; Sorhaindo, 2003).

Na mesma lógica, a dimensão controle de gastos representa um comportamento financeiro responsável, uma vez que a acumulação de pequenas despesas dispensáveis pode resultar em um custo expressivo para um indivíduo ou família. Essa prática se fundamenta na ideia de que a soma desses gastos aparentemente insignificantes pode ter um impacto significativo no orçamento global. Esse processo de controle de gastos não apenas contribui para a redução de desperdícios, mas também fortalece a capacidade de planejamento e tomada de decisões financeiras conscientes (Perry; Morris, 2005).

Spinella *et al.* (2007) aborda três dimensões diferentes que são, Controle de Impulso, Organização e Impulso Motivacional. A dimensão Controle de Impulso busca verificar se o indivíduo consegue controlar-se quando vê algo que deseja comprar ou se compra coisas das quais não precisa, ultrapassando seu orçamento e criando problemas financeiros de curto e longo prazo. Já a organização financeira visa uma boa administração do dinheiro. Nesse sentido, um bom comportamento financeiro é manter as finanças organizadas, possuindo métodos próprios de organização, que podem ser até mesmo um sistema configurado para administração de dinheiro. Por fim, a dimensão Impulso Motivacional aborda o entusiasmo pessoal em ganhar dinheiro, bem como esforçar-se muito neste objetivo, trabalhando sempre para aumentar a riqueza.

Gardarsdóttir e Dittmar (2012) abordam tendências básicas de gerenciamento financeiro, que abrangem desde a atenção dedicada ao fluxo de caixa até a gestão cuidadosa das obrigações financeiras. Estas práticas essenciais fornecem uma base sólida para uma administração financeira eficiente, onde o acompanhamento constante do fluxo de caixa permite uma compreensão precisa da entrada e saída de recursos financeiros.

2.3 AUTORREGULAÇÃO

A autorregulação é uma habilidade fundamental que está intrinsecamente ligada à capacidade de controlar impulsos e resistir a respostas imediatistas, sejam elas relacionadas a pensamentos, emoções ou desejos. Em outras palavras, trata-se da capacidade de regular o comportamento e reações, mesmo em situações desafiadoras ou quando confrontados com estímulos tentadores (Gailliot *et al.*, 2007).

É também, uma característica fundamental da personalidade humana, pois desempenha um papel crucial no controle dos pensamentos, sentimentos e impulsos de um indivíduo, bem como na melhoria do desempenho em suas atividades diárias. Esse processo adaptativo não apenas permite que as pessoas ajustem suas respostas de acordo com as normas sociais, mas também representa uma habilidade valiosa para enfrentar os mais diversos desafios (Baumeister *et al.*, 2006).

A autorregulação é um processo complexo que visa o desenvolvimento por meio da organização dos processos mentais internos e do comportamento, alinhados com valores culturais, expectativas sociais, padrões internalizados e autoconstrução. Em outras palavras, trata-se da habilidade do indivíduo de controlar e regular seus próprios pensamentos, emoções e ações, de acordo com as normas e valores da sociedade em que está inserido, bem como com suas próprias crenças e objetivos pessoais (Trommsdorff, 2012).

Sendo a autorregulação uma habilidade vital que permeia todos os aspectos de nossas vidas, ela capacita os indivíduos a se adaptarem a uma variedade de situações, enfrentarem desafios com resiliência e a alcançarem objetivos de maneira mais eficaz. É uma qualidade que pode ser cultivada e aprimorada, beneficiando não apenas o indivíduo, mas também a sociedade como um todo (Gestsdottir; Lerner, 2008).

Ademais, a autorregulação é um processo complexo e multifacetado que permeia diversas áreas da vida das pessoas. Envolve a habilidade de ajustar continuamente os pensamentos, emoções, atenção e comportamentos em resposta aos diferentes eventos e situações que enfrentamos diariamente. Além disso, vai além da simples reação aos estímulos externos, também capacita os indivíduos a moldarem ativamente o ambiente e as circunstâncias ao redor (Halfon *et al.*, 2017).

Este processo complexo envolve a modificação ativa do comportamento, dos processos mentais e das reações emocionais para lidar com desafios variados encontrados ao longo da vida. A autorregulação é essencial para navegar eficazmente em situações sociais, acadêmicas

e profissionais, pois permite tomar decisões ponderadas, controlar impulsos, lidar com o estresse e manter o foco em nossos objetivos (Gestsdottir; Lerner, 2008).

Além disso, a autorregulação também está relacionada à capacidade de adiar gratificações imediatas em prol de recompensas futuras, o que é crucial para o sucesso a longo prazo. Pessoas que possuem forte autorregulação muitas vezes demonstram maior resiliência diante das adversidades e são capazes de manter a calma em situações de alta pressão (Gestsdottir; Lerner, 2008).

A autorregulação não é apenas uma característica individual, mas também é influenciada pelo ambiente e pelas experiências de vida. Ambientes que oferecem apoio, incentivo e oportunidades para praticar a autorregulação podem ajudar as pessoas a desenvolverem e aprimorarem essas habilidades ao longo do tempo (Gestsdottir; Lerner, 2008).

Quando falamos em autorregulação, estamos nos referindo a um conjunto de habilidades essenciais que nos permite não apenas lidar com desafios e adversidades, mas também aprimorar nossa qualidade de vida e alcançar nossos objetivos. Isso significa que as pessoas autorreguladas não apenas respondem de maneira adaptativa a situações estressantes ou difíceis, mas também são capazes de influenciar positivamente o mundo ao seu redor. É uma habilidade vital que não apenas ajuda a enfrentar os desafios cotidianos, mas também capacita a moldar ativamente o mundo, promovendo tanto o bem-estar pessoal quanto a harmonia nas interações sociais (Halfon *et al.*, 2017).

Esse processo implica na capacidade de monitorar atentamente o próprio comportamento, refletir sobre as experiências passadas, fazer ajustes flexíveis com base nas demandas do ambiente e resistir a impulsos momentâneos em prol de metas a longo prazo. A autorregulação é essencial para o desenvolvimento saudável, pois permite que as pessoas se adaptem a diferentes situações, enfrentem desafios e alcancem objetivos, promovendo assim um equilíbrio entre as necessidades individuais e as exigências sociais (Trommsdorff, 2012).

A autorregulação é um conceito fundamental que permeia todos os aspectos da adaptação humana. Ela refere-se à capacidade das pessoas de ajustar não apenas seus comportamentos, mas também seus pensamentos, atenção e emoções, para se adequarem a diferentes contextos e situações. Em outras palavras, é a habilidade de regular e controlar conscientemente as respostas a estímulos externos e internos (Gestsdottir; Lerner, 2008). A capacidade de autorregulação opera por meio de uma variedade de processos cognitivos, incluindo automonitoramento constante, estabelecimento de padrões para o próprio comportamento, julgamento crítico, autoavaliação honesta e, autoreação afetiva. Ao integrar

esses processos, é possível criar um ciclo contínuo de melhoria pessoal, promovendo o desenvolvimento pessoal e a realização do potencial máximo (Bandura, 1991).

O automonitoramento contínuo, aliado à reflexão sobre as próprias ações e ao reconhecimento do impacto dessas ações, desempenha um papel central na autorregulação eficaz. Ao priorizar o desenvolvimento pessoal, o respeito próprio e a satisfação intrínseca, os indivíduos podem não apenas melhorar suas próprias vidas, mas também contribuir significativamente para um mundo melhor (Bandura, 1991).

A capacidade de autorregulação é fundamental em diferentes áreas, desde o controle emocional em situações de conflito até a concentração e foco necessários para realizar tarefas complexas. Além disso, desempenha um papel relevante nos relacionamentos interpessoais, permitindo comunicar de forma eficaz, compreender as emoções dos outros e resolver conflitos de maneira construtiva (Halfon *et al.*, 2017). Sendo assim, é um processo fundamental que envolve a harmonização dos processos mentais, comportamentais e emocionais de um indivíduo com os valores e expectativas da sociedade, bem como com os próprios objetivos e aspirações pessoais. É uma habilidade essencial para o crescimento pessoal, o desenvolvimento saudável e o sucesso nas interações sociais e profissionais (Trommsdorff, 2012).

De acordo com Neal e Carey (2005), Kanfer (1970) articulou uma teoria de autorregulação em três etapas. No primeiro estágio, conhecido como automonitoramento, a pessoa é capaz de examinar e reconhecer seu próprio comportamento. Este processo implica uma profunda autoconsciência, onde a pessoa está atenta às suas ações e reações em diversas situações. A segunda etapa, denominada autoavaliação, envolve a comparação do comportamento atual com um padrão estabelecido, seja interno ou externo. Esta análise cuidadosa permite identificar discrepâncias entre o comportamento atual e o padrão desejado. É nesse ponto que a pessoa reconhece as diferenças, abrindo caminho para o terceiro passo, conhecido como auto reforço, que desempenha um papel vital na teoria de autorregulação. Após a identificação das disparidades entre o comportamento atual e o padrão desejado, o indivíduo é motivado a fazer esforços para ajustar seu comportamento. Este estágio é impulsionado pelo desejo inato de se alinhar com o padrão estabelecido, seja ele interno, refletindo valores pessoais, ou externo, baseado em normas sociais e expectativas.

A autorregulação do comportamento por meio da autoavaliação é uma habilidade exclusivamente humana. Desempenhando um papel crucial ao direcionar o comportamento e criar motivações intrínsecas para a ação (Bandura, 1991).

A autorregulação é um fenômeno complexo e multifacetado que desempenha um papel crucial no comportamento humano em várias esferas da vida. Este mecanismo intrínseco de controle opera através de três subfunções principais, cada uma delas desempenhando um papel distinto e essencial na manutenção da autonomia pessoal. Em primeiro lugar, o automonitoramento do próprio comportamento, seus determinantes e suas consequências. Ao estar ciente de nossas ações, das razões por trás delas e das possíveis ramificações, podemos ajustar nosso comportamento de acordo. Este processo cognitivo não apenas nos ajuda a entender melhor a nós mesmos, mas também a tomar decisões mais informadas (Bandura, 1991).

É essencial cultivar a capacidade de automonitoramento. Ao estar consciente do próprio desempenho, um indivíduo pode identificar áreas de melhoria. Esse ciclo de avaliação contínua impulsiona o crescimento pessoal. A autocrítica construtiva, aliada ao reconhecimento dos sucessos, serve como um guia para ajustar o comportamento e alcançar metas (Bandura, 1991).

A segunda subfunção, a autoreação afetiva, é igualmente importante. As emoções desempenham um papel significativo nas ações e decisões. Ao tomar consciência das reações emocionais do próprio comportamento, pode-se regular eficazmente as respostas. Isso não apenas ajuda a evitar comportamentos prejudiciais, mas também a cultivar emoções positivas, promovendo assim o bem-estar emocional (Bandura, 1991).

A autoeficácia surge como um pilar fundamental da autorregulação. Acreditar na própria capacidade de realizar tarefas e superar desafios é essencial para fortalecer a autonomia pessoal. Ao entender e cultivar essas subfunções - automonitoramento, autoreação afetiva e autoeficácia - pode-se fortalecer a autonomia pessoal, melhorando a motivação e alcançando uma vida mais satisfatória em todas as áreas. As estruturas cognitivas iniciais e as crenças que uma pessoa tem sobre si mesma desempenham um papel crucial na determinação de quais aspectos de seu funcionamento pessoal recebem maior atenção e dedicação. Isso significa que as percepções internas, como autoestima e autoimagem, moldam as prioridades de um indivíduo. Muitas pessoas valorizam mais a sensação de satisfação pessoal que surge do trabalho bem feito do que recompensas materiais (Bandura, 1991).

Entretanto, a autorregulação não é apenas uma questão individual, mas também é influenciada pelo ambiente social e cultural em que uma pessoa está inserida. Normas sociais, expectativas e pressões externas desempenham um papel significativo na maneira como as pessoas regulam seu comportamento. Em uma sociedade que valoriza a gratificação instantânea

e recompensas imediatas, a capacidade de autorregulação pode ser ainda mais desafiadora de manter (Baumeister *et al.*, 2006).

É importante notar que a autorregulação não é um fenômeno isolado; ela está intrinsecamente ligada à motivação e à ação humanas em diferentes áreas da vida. Seja no campo acadêmico, profissional ou pessoal, a capacidade de autorregular-se está diretamente ligada ao desempenho e ao alcance dos objetivos (Bandura, 1991).

A autorregulação não é um processo estático, mas sim dinâmico e contínuo, que evolui ao longo do tempo à medida que o indivíduo adquire novas experiências, conhecimentos e habilidades. Ela é influenciada por diferentes fatores, como a educação recebida, o ambiente social, as interações familiares, entre outros. Portanto, a capacidade de autorregulação não apenas reflete a maturidade emocional e cognitiva de uma pessoa, mas também sua capacidade de se adaptar e prosperar em um mundo em constante mudança (Trommsdorff, 2012).

A habilidade de autorregulação envolve principalmente resistir às tentações e aos impulsos, sendo que os impulsos mais intensos são os mais difíceis de conter. Nesse contexto, a autorregulação está ligada a uma dimensão de força e é considerada uma habilidade que pode ser aprimorada por meio de treinamento (Baumeister *et al.*, 1998). Indivíduos com baixa autorregulação tendem a agir de forma automática e impulsiva, enquanto aqueles com níveis mais elevados de autorregulação tendem a ponderar suas ações, conseguindo controlar seus impulsos e adotar padrões pessoais mais sólidos (Hofmann; Rauch; Gawronski, 2007). Indivíduos com de habilidades de autorregulação demonstram um comportamento focado na realização de metas, capazes de resistir às tentações de recompensas imediatas em favor de benefícios a longo prazo (Carey; Neal; Collins, 2004).

Essa habilidade desempenha um papel crucial no sucesso dos indivíduos, pois permite que eles enfrentem tarefas que podem não trazer motivação pessoal imediata ou que estejam fora de seus hábitos estabelecidos. A autorregulação capacita as pessoas a perseverarem, a manterem o foco e a agirem de acordo com seus objetivos a longo prazo, mesmo quando há distrações ou dificuldades no caminho (Gailliot *et al.*, 2007).

Além disso, desenvolver a autorregulação não apenas aumenta a produtividade e a eficiência, mas também tem um impacto positivo na saúde mental e emocional. Indivíduos que possuem uma boa autorregulação geralmente experimentam menos estresse e esgotamento, pois são capazes de lidar de maneira mais eficaz com as demandas da vida cotidiana (Gailliot *et al.*, 2007).

Os indivíduos desempenham um papel fundamental na influência de suas próprias motivações e ações, mas essa influência só é efetiva quando eles estão verdadeiramente cientes de seu desempenho e das repercussões de suas atitudes. É nesse contexto que a autorregulação se torna vital para o desenvolvimento pessoal e profissional (Bandura, 1991). Não sendo apenas uma qualidade individual, mas também um pilar fundamental para o funcionamento saudável da sociedade. Indivíduos autorregulados têm a capacidade de resistir a impulsos prejudiciais, tomar decisões ponderadas e manter o foco em metas de longo prazo. Eles conseguem resistir à tentação imediata em favor de recompensas futuras, mostrando assim um alto grau de autodisciplina e controle emocional (Baumeister *et al.*, 2006).

Pesquisas científicas sobre autorregulação têm contribuído significativamente para inúmeras áreas do conhecimento, incluindo saúde, bem-estar psicológico e desempenho no trabalho. Isso porque indivíduos autorregulados exibem uma notável capacidade de adaptação aos desafios que enfrentam (Kuhl; Fuhrmann, 1998).

Em essência, a autorregulação pode ser entendida como a capacidade de um indivíduo fazer algo que talvez não queira. Esta habilidade envolve recursos pessoais, tais como energia e força de vontade, que estão intrinsecamente ligados às decisões financeiras dos indivíduos (Vohs, 2006).

Um exemplo claro dessa interligação está relacionado ao enfrentamento dos impulsos de compra a curto prazo, que tem um impacto direto na maximização do bem-estar financeiro a longo prazo. A capacidade de resistir a esses impulsos requer não apenas uma compreensão dos desejos imediatos, mas também uma autoavaliação contínua que leva em consideração metas financeiras de longo prazo e valores pessoais. Assim, a autorregulação torna-se uma ferramenta essencial no contexto das decisões financeiras, pois implica em planejamento e tomada de decisões conscientes. Ao desenvolver essa capacidade, os indivíduos podem não apenas gerenciar melhor suas finanças, mas também cultivar uma mentalidade que promove o equilíbrio entre gratificações imediatas e metas financeiras de longo prazo. Esse processo contínuo de autorregulação não apenas contribui para a estabilidade financeira, mas também para o desenvolvimento pessoal e o bem-estar global dos indivíduos (Howlett; Kees; Kemp, 2008).

No entanto, é importante entender que a autorregulação não é um recurso ilimitado. Assim como a energia ou a força física, a capacidade de autorregulação é limitada e pode se esgotar com o tempo. Esse esgotamento do ego pode levar a um estado temporário de fadiga

mental e emocional, tornando mais difícil para o indivíduo manter o controle sobre suas emoções e comportamentos (Baumeister *et al.*, 2006).

A autorregulação vai além das configurações dos macrossistemas cognitivos, ela também está intrinsecamente conectada a mecanismos subcognitivos, que por sua vez estão relacionados a conceitos fundamentais de energia e motivação. Essa interligação complexa entre processos mentais e emocionais destaca a natureza multifacetada da autorregulação. No âmbito dos macrossistemas cognitivos, a autorregulação envolve a capacidade de controlar pensamentos, comportamentos e emoções, garantindo que estejam alinhados com metas e objetivos estabelecidos (Kuhl, 2000).

Os mecanismos subcognitivos são como os alicerces invisíveis que sustentam as ações e decisões diárias. Em termos de energia, a autorregulação requer um investimento constante de recursos mentais. Assim como um músculo que se fortalece com o exercício, a capacidade de autorregulação pode ser aprimorada e refinada com prática e esforço contínuos. No entanto, essa energia não é infinita; ela precisa ser gerida cuidadosamente para evitar a exaustão mental (Kuhl, 2000).

Quanto à motivação, os mecanismos subcognitivos da autorregulação também estão profundamente entrelaçados com nossa motivação intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca, proveniente de interesses pessoais e paixões, muitas vezes impulsiona a autorregulação de forma eficaz, tornando mais fácil resistir às distrações e manter o foco nas metas estabelecidas. Por outro lado, a motivação extrínseca, oriunda de recompensas externas ou pressões sociais, pode complicar a autorregulação, especialmente quando essas recompensas não estão alinhadas com nossos valores e objetivos intrínsecos. Portanto, compreender a autorregulação como uma interação dinâmica entre macrossistemas cognitivos e mecanismos subcognitivos é essencial para explorar seu verdadeiro potencial. Ao reconhecer a importância da gestão de energia mental e da motivação intrínseca, pode-se não apenas aprimorar a capacidade de autorregulação, mas também aplicá-la de maneira mais eficaz na rotina diária, impulsionando em direção ao sucesso e ao bem-estar duradouros (Kuhl, 2000).

Ao prestar atenção aos efeitos de suas ações não apenas em si mesmos, mas também nos outros e no mundo ao seu redor, os indivíduos podem desenvolver uma compreensão mais profunda de como suas escolhas impactam o ambiente. Essa consciência ampliada pode levar a uma motivação intrínseca para agir de maneira ética e benéfica para todos, contribuindo não apenas para o próprio crescimento, mas também para o bem-estar da comunidade e da sociedade como um todo (Bandura, 1991).

Portanto, é essencial promover a conscientização sobre a importância da autorregulação e fornecer às pessoas ferramentas e apoio para desenvolver e fortalecer essa habilidade. Ao investir no desenvolvimento da autorregulação, pode-se melhorar o bem-estar individual, e também contribuir para uma sociedade mais resiliente e equilibrada (Baumeister *et al.*, 2006).

Além disso, como argumentado por Vohs *et al.* (2006), estudos contínuos sobre autorregulação podem fornecer novas perspectivas sobre questões relacionadas a gastos excessivos e compras impulsivas. Ao entender as complexidades da autorregulação, é possível explorar estratégias para mitigar comportamentos prejudiciais, como compras impulsivas, que muitas vezes estão ligadas à falta de controle sobre os impulsos. Essa habilidade de autorregulação não apenas impacta as decisões financeiras, mas também influencia positivamente a saúde mental e emocional.

Indivíduos autorregulados são capazes de manter uma perspectiva de longo prazo, priorizando objetivos significativos sobre gratificações instantâneas. Consequentemente, eles tendem a experimentar níveis mais elevados de satisfação pessoal e bem-estar emocional. Além disso, no contexto profissional, a autorregulação é um traço valorizado. Indivíduos que conseguem regular suas emoções e comportamentos são mais propensos a alcançar um desempenho consistente e eficaz no trabalho. Eles são capazes de enfrentar desafios com calma e determinação, adaptando-se às demandas do ambiente de trabalho de maneira mais eficaz do que aqueles que sucumbem aos impulsos momentâneos (Vohs, 2006).

Portanto, o estudo contínuo da autorregulação não apenas amplia o entendimento sobre a natureza humana, mas também oferece abordagens práticas e aplicáveis para variadas áreas da vida, desde o campo profissional até a esfera pessoal. Desenvolver e aprimorar a autorregulação não é apenas uma jornada individual; é também um investimento no progresso coletivo, promovendo escolhas mais conscientes e uma sociedade mais equilibrada e resiliente (Vohs, 2006).

Neal e Carey (2005) definem duas dimensões em seu questionário sobre autorregulação, sendo elas, estabelecimento de objetivos e controle de impulsos. O processo de estabelecimento de objetivos está intrinsecamente ligado à capacidade de cada indivíduo de definir metas claras e, subsequentemente, dedicar-se para alcançá-las. Isso envolve não apenas a habilidade de identificar esses objetivos, mas também a resiliência para monitorar constantemente o progresso e resistir às tentações que possam desviá-lo do caminho traçado.

Já o controle de impulsos refere-se à habilidade do indivíduo em tomar decisões ponderadas e refletir profundamente antes de agir. O controle de impulsos abarca diferentes

aspectos, incluindo a capacidade de medir cuidadosamente as possíveis consequências das ações, a habilidade de perceber e aprender com os próprios erros, a resistência à distração que pode desviar a atenção dos objetivos estabelecidos, e a dificuldade em reconhecer limites pessoais (Neal; Carey, 2005).

Cada um desses elementos é fundamental para a autorregulação eficaz e a consecução bem-sucedida de metas. Ao considerar a tomada de decisões, a capacidade de ponderar as implicações de cada escolha é crucial. Indivíduos que possuem um bom controle de impulsos têm a habilidade de analisar cuidadosamente as opções disponíveis, levando em conta não apenas o impacto imediato de suas ações, mas também as consequências a longo prazo. Além disso, eles têm a capacidade de aprender com os erros, transformando cada obstáculo em uma oportunidade de crescimento e ajustando suas estratégias conforme necessário (Neal; Carey, 2005).

Outro desafio enfrentado no controle de impulsos é a capacidade de manter o foco nos objetivos estabelecidos, evitando distrações que possam surgir no caminho. Isso requer uma mente treinada para resistir às tentações temporárias que podem desviar a atenção do que realmente importa. Finalmente, a noção de limites pessoais desempenha um papel crucial no controle de impulsos. Reconhecer e compreender as próprias limitações é essencial para evitar a sobrecarga e o esgotamento, permitindo uma abordagem equilibrada e sustentável para a busca dos objetivos. Em suma, o controle de impulsos não é apenas sobre resistir às tentações momentâneas, mas também sobre desenvolver uma compreensão profunda de si mesmo, das próprias metas e dos caminhos que levam ao sucesso. É um processo contínuo de autoconhecimento, disciplina e resiliência, que capacita os indivíduos a alcançar não apenas seus objetivos imediatos, mas também a cultivar uma mentalidade e um estilo de vida orientados para o progresso e o autodesenvolvimento a longo prazo (Neal; Carey, 2005).

2.4 BEM-ESTAR FINANCEIRO

O bem-estar financeiro (BEF) emerge como um pilar da gestão financeira pessoal, representando a capacidade individual de gerenciar a renda de forma apropriada para atender às necessidades básicas e assegurar uma qualidade de vida satisfatória. Este constructo vai além da quantificação de recursos monetários, envolvendo uma compreensão aprofundada das finanças pessoais, abarcando habilidades complexas de orçamentação, investimento,

planejamento a longo prazo e administração responsável de passivos financeiros (Arber; Fenn; Meadows, 2014).

O estado de bem-estar financeiro não apenas confere estabilidade financeira, mas também minimiza o estresse relacionado ao dinheiro, permitindo que os indivíduos concentrem suas energias em outras esferas cruciais da vida, tais como saúde, relações interpessoais e desenvolvimento pessoal. Para alcançar e perpetuar o bem-estar financeiro, torna-se imperativo desenvolver uma mentalidade financeira saudável, adotar práticas de poupança e investimento responsáveis, e permanecer alerta às oportunidades financeiras que se delineiam ao longo da trajetória pessoal (Arber; Fenn; Meadows, 2014).

O bem-estar financeiro não se restringe a uma acumulação de recursos monetários, ele se traduz na capacidade de administrar esses recursos de modo eficiente, construindo, assim, uma base sólida tanto para o presente quanto para o futuro. Esse processo confere uma sensação de segurança e tranquilidade financeira (Arber; Fenn; Meadows, 2014).

A gestão financeira eficiente está ligada ao bem-estar financeiro dos indivíduos, uma vez que uma administração inadequada das finanças pessoais pode resultar em implicações significativas e adversas. Uma gestão financeira sólida influencia a estabilidade econômica e a na segurança dos indivíduos. A falta de habilidades ou práticas inadequadas de gerenciamento financeiro pode levar a uma série de problemas, tais como endividamento excessivo, falta de poupança para emergências, dificuldades no acesso a crédito, e até mesmo impactos negativos na saúde mental e emocional dos indivíduos (Joo, 2008).

A falta de uma gestão financeira coerente pode resultar em estresse financeiro, ansiedade e insatisfação geral com a vida. Além disso, indivíduos que não conseguem administrar suas finanças de forma adequada enfrentam desafios no planejamento para o futuro, incluindo aposentadoria e educação dos filhos. A importância do desenvolvimento de habilidades de gestão financeira é, portanto, crucial para diminuir os riscos associados à má administração financeira e para promover o bem-estar econômico a longo prazo (Joo, 2008).

A gestão financeira eficiente é um pilar fundamental para o bem-estar financeiro e emocional dos indivíduos. Investir em educação financeira e facilitar o acesso a recursos financeiros são estratégias cruciais para ajudar as pessoas a administrar suas finanças de forma prudente, promovendo assim uma sociedade mais estável e economicamente saudável (Joo, 2008).

O bem-estar financeiro desempenha um papel mais importante no bem-estar global do indivíduo quando comparado a atributos como saúde física e satisfação no trabalho. Este

fenômeno reflete uma interseção entre estabilidade econômica e qualidade de vida, indicando que a segurança financeira é um fator preponderante na determinação do bem-estar geral das pessoas. Logo os aspectos financeiros impactam diretamente no bem-estar humano (Netemeyer *et al.*, 2018).

Indivíduos que experimentam uma sensação de contentamento em relação à sua situação financeira demonstram níveis mais elevados de bem-estar financeiro. Esta correlação tem implicações significativas tanto a curto quanto a longo prazo. O bem-estar financeiro emerge como uma preocupação na vida dos indivíduos, mesmo para aqueles que não possuem um interesse explícito ou preocupação direta com questões financeiras (Barrafrem; Västfjäll; Tinghög, 2020).

O bem-estar financeiro pode ser considerado como o estado em que um indivíduo percebe que suas necessidades e desejos financeiros são atendidos, proporcionando uma sensação de segurança econômica e permitindo a busca de objetivos e aspirações pessoais. A conexão intrínseca entre a satisfação financeira e o bem-estar financeiro reflete a importância das condições econômicas pessoais na qualidade de vida e na felicidade geral dos indivíduos. É importante ressaltar que o bem-estar financeiro não se limita apenas à acumulação de riqueza material, mas também envolve uma compreensão e gestão eficazes das finanças pessoais (Barrafrem; Västfjäll; Tinghög, 2020).

A longo prazo, o bem-estar financeiro está associado à estabilidade econômica, e também ao acesso a oportunidades educacionais, de saúde e de lazer. Indivíduos que estão satisfeitos com sua realidade financeira geralmente têm a capacidade de planejar para o futuro, investir em educação e cuidados de saúde, e participar de atividades sociais e culturais. Portanto, o bem-estar financeiro não apenas influencia o presente, mas também molda as perspectivas futuras e o desenvolvimento pessoal e social (Barrafrem; Västfjäll; Tinghög, 2020).

A gestão eficaz das finanças pessoais emerge como um fator preponderante na determinação do nível de bem-estar financeiro individual, ou seja, existe correlação entre a habilidade de gerenciar recursos financeiros com responsabilidade e o alcance de um estado financeiro satisfatório. Sendo assim, a prudência na gestão financeira pessoal, um componente fundamental na busca do bem-estar econômico (Hagerty; Veenhoven, 2003).

A responsabilidade na administração dos recursos financeiros implica uma avaliação criteriosa das escolhas de consumo, investimento e, crucialmente, o uso prudente de instrumentos de crédito. A cautela ao lidar com crédito é imperativa, uma vez que decisões

imprudentes neste âmbito podem acarretar endividamento excessivo e, conseqüentemente, comprometer o bem-estar financeiro. O entendimento profundo das implicações associadas aos instrumentos de crédito, tais como taxas de juros, prazos e condições contratuais, é essencial para evitar armadilhas financeiras que possam prejudicar o equilíbrio econômico pessoal (Hagerty; Veenhoven, 2003).

A ausência de preocupações exacerbadas com compromissos financeiros é um indicador de um maior bem-estar financeiro. Quando um indivíduo consegue honrar seus compromissos sem desencadear dificuldades financeiras significativas, isso não apenas reduz o estresse associado às finanças, mas também promove uma sensação de segurança e estabilidade econômica. Esse estado de estabilidade proporciona uma base sólida para uma visão positiva da vida, impactando não apenas o aspecto financeiro, mas também o bem-estar emocional e psicológico do indivíduo (Hagerty; Veenhoven, 2003).

A gestão responsável das finanças pessoais, caracterizada pela prudência no uso de crédito e pelo cumprimento dos compromissos financeiros, emerge como uma via para alcançar um nível sustentável de bem-estar financeiro. Este estado, por sua vez, contribui para uma perspectiva mais positiva da vida, reforçando a importância de uma abordagem cuidadosa e informada na administração dos recursos financeiros individuais (Hagerty; Veenhoven, 2003).

O bem-estar financeiro pode ser definido como o estado no qual um indivíduo se encontra em uma posição financeira sólida e estável, caracterizada pela ausência de preocupações significativas relacionadas às finanças. Esta condição é construída sobre uma avaliação cuidadosa das circunstâncias financeiras tanto no presente quanto no futuro, levando em consideração fatores pessoais, metas financeiras individuais e as perspectivas econômicas (Joo, 2008).

O bem-estar financeiro é uma área de estudo interdisciplinar que abrange múltiplos campos, incluindo economia, psicologia, finanças comportamentais e planejamento financeiro. Ele se refere à capacidade de gerenciar recursos financeiros de forma eficaz, adaptar-se a mudanças econômicas e lidar com desafios financeiros inesperados. Além disso, o bem-estar financeiro está intrinsecamente ligado ao bem-estar psicológico e emocional, pois a estabilidade financeira pode ter um impacto significativo na saúde mental e no bem-estar geral de um indivíduo (Joo, 2008).

Para atingir o bem-estar financeiro, é crucial que as pessoas desenvolvam habilidades de gestão financeira, como orçamento adequado, investimento prudente, controle de dívidas e planejamento para contingências. Além disso, é fundamental considerar as aspirações de longo

prazo, como aposentadoria confortável, educação dos filhos e objetivos de carreira, ao fazer escolhas financeiras (Joo, 2008).

O bem-estar financeiro está relacionado a competência financeira e ao equilíbrio entre as necessidades imediatas e os objetivos de longo prazo. Ele envolve uma compreensão profunda das finanças pessoais, uma mentalidade de planejamento a longo prazo e a capacidade de adaptar-se às mudanças econômicas, contribuindo assim para uma vida financeira saudável e satisfatória (Joo, 2008).

Uma das dimensões fundamentais do bem-estar financeiro reside na expectativa de segurança financeira. Este conceito pode ser examinado através da análise da confiança que os indivíduos ou famílias possuem em relação ao seu futuro financeiro, bem como da sua habilidade em estabelecer metas financeiras claras e poupar dinheiro de maneira sistemática para alcançar esses objetivos futuros. Além disso, uma importante dimensão a ser considerada é a percepção de melhoria na situação financeira quando comparada a um período anterior (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020; Netemeyer *et al.*, 2018).

A expectativa de segurança financeira engloba a sensação de confiança em relação ao futuro econômico, além da capacidade de planejar e adotar medidas concretas para enfrentar desafios financeiros potenciais. Este componente do bem-estar financeiro pode ser analisado por meio de indicadores que refletem a disposição das pessoas em investir em sua própria segurança financeira, estabelecendo metas realistas e implementando estratégias eficientes de poupança (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020; Netemeyer *et al.*, 2018).

A confiança no futuro financeiro está intrinsecamente ligada à habilidade de estabelecer metas financeiras específicas e tangíveis. Estas metas orientam os indivíduos na direção de um futuro financeiro mais estável e seguro. Ao definir metas realistas, as pessoas são capazes de visualizar seus objetivos e, subsequentemente, trabalhar de forma consistente para alcançá-los. Além disso, a criação de um fundo de reserva para emergências e a poupança para aposentadoria são exemplos práticos de metas financeiras que podem aumentar significativamente a segurança financeira (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020; Netemeyer *et al.*, 2018).

Outro aspecto crucial é a capacidade de perceber melhorias na situação financeira, especialmente quando comparada a um período anterior. Esta percepção não apenas reforça a confiança na capacidade pessoal de gerenciar finanças, mas também pode servir como um estímulo positivo para a definição e alcance de metas financeiras mais ambiciosas. A comparação entre a situação financeira presente e passada pode ajudar as pessoas a identificar

padrões de gastos, ajustar comportamentos financeiros e adotar medidas que contribuam para um futuro mais estável (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020; Netemeyer *et al.*, 2018).

A expectativa de segurança financeira é uma componente vital do bem-estar financeiro, destacando a importância da confiança no futuro econômico, do estabelecimento de metas financeiras realistas e da capacidade de perceber melhorias na situação financeira em relação ao passado. O entendimento e a promoção desses elementos são essenciais para o desenvolvimento de estratégias eficazes que visem aprimorar o bem-estar financeiro das famílias e indivíduos (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020; Netemeyer *et al.*, 2018).

Outra dimensão fundamental do bem-estar financeiro é a capacidade financeira de um indivíduo ou família. Este atributo refere-se à habilidade potencial de uma família ou indivíduo em cumprir integralmente com suas despesas essenciais, que englobam necessidades básicas como alimentação e moradia, e também a capacidade de arcar com encargos associados ao parcelamento de itens como móveis, eletrodomésticos, automóveis, bem como outras dívidas assumidas (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020).

Este conceito de capacidade financeira contempla a noção de sustentabilidade financeira, considerando a capacidade imediata de cumprir com as obrigações financeiras, e a habilidade de manter esse padrão de gastos a longo prazo, sem comprometer a estabilidade econômica e o acesso a recursos essenciais. A capacidade financeira é intrinsecamente ligada à segurança econômica e à capacidade de planejamento a longo prazo, proporcionando um fundamento sólido para a segurança financeira e a qualidade de vida (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020).

Além disso, esta dimensão do bem-estar financeiro também está relacionada à gestão prudente das dívidas. Indivíduos e famílias que conseguem arcar com suas despesas essenciais e ao mesmo tempo gerenciar suas dívidas de forma responsável estão melhor posicionados para evitar armadilhas financeiras, como taxas de juros elevadas e dívidas insustentáveis. Portanto, a capacidade financeira reflete a solidez das finanças no presente e serve como um indicador crucial para a prevenção de crises financeiras futuras e a promoção da estabilidade econômica de longo prazo (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020).

Sendo assim, a capacidade financeira representa uma dimensão importante do bem-estar financeiro, destacando a importância de ter acesso a recursos e de gerenciá-los de maneira eficaz e sustentável. Em um contexto mais amplo, essa capacidade promove a estabilidade econômica individual e familiar, além de contribuir para a resiliência econômica da sociedade como um todo (D'Agostino; Rosciano; Starita, 2020).

2.5 ESTUDOS ANTERIORES

Este capítulo busca evidenciar pesquisas que envolvem contribuições teóricas ou empíricas sobre a relação dos temas: comportamento de gestão financeira, autorregulação e bem-estar financeiro. Para realizar esse levantamento, buscou-se artigos científicos nas bases de dados *Emerald Insight*, *Elsevier* e *Springer* nos períodos que compreendem os anos de 2008 a 2023. Os textos foram lidos, traduzidos, resumidos e apresentados no formato de quadro.

2.5.1 Relação entre a autorregulação e o comportamento de gestão financeira familiar

No quadro 2 são apresentados estudos que abordam a relação entre autorregulação e o comportamento de gestão financeira familiar, apresentado os autores, o ano da publicação da obra, os objetivos do estudo, a amostra do estudo, a metodologia e uma síntese das contribuições.

Quadro 2 - Estudos relacionados a AR e CGGF

Autores	Objetivos	Amostra	Metodologia	Contribuições
Park (2021)	Este estudo tem como objetivo focar o comportamento de gestão de dívidas para consumidores jovens adultos.	Dados da Pesquisa Longitudinal Nacional da Juventude de 1997.	Utilizaram-se os dados da Pesquisa Longitudinal Nacional da Juventude de 1997 (NLSY97) para elencar sobre as características financeiras, demográficas e atitudinais dos jovens consumidores dos EUA, bem como sobre diversas condições socioeconômica.	Os resultados mostram que a autodeterminação e a motivação por si só não podem provocar uma mudança direta no comportamento financeiro sem a mediação da psicologia financeira.

Goyal; Kumar; Hoffmann (2023)	Este estudo centra-se em como a socialização financeira e as características psicológicas afetam o comportamento de gestão financeira pessoal de jovens profissionais na Índia.	Jovens profissionais na Índia	Os autores desenvolvem uma estrutura conceitual baseada na literatura existente e testam empiricamente suas hipóteses empregando modelagem de equações estruturais de mínimos quadrados parciais (PLS-SEM).	A atitude em relação ao dinheiro, a autoeficácia financeira, a tolerância ao risco financeiro, a socialização financeira através do ensino direto dos pais e dos pares, e os meios de comunicação social estão todos positivamente associados ao comportamento de gestão financeira pessoal (PFMB) dos jovens profissionais. Quase todas as características psicológicas medeiam parcialmente a associação entre socialização financeira e PFMB.
Goyal; Kumar; Xiao (2021)	O objetivo deste artigo é investigar o estado atual da pesquisa sobre Comportamento de Gestão Financeira Pessoal (PFMB), com foco principal em seus antecedentes e consequências.	160 artigos publicados durante 1970–2020.	Segue uma abordagem sistemática e apresenta as definições e teorias do PFMB, tendências de publicação baseadas no tempo, região, população amostral, desenhos de pesquisa, técnicas de coleta e análise de dados, juntamente com antecedentes e resultados por meio de análise de conteúdo.	A síntese baseia-se em vários fatores que afetam o PFMB, tais como fatores demográficos, socioeconômicos, psicológicos, sociais, culturais, experiência financeira, alfabetização financeira e fatores tecnológicos.
Kasoga; Tegambwage (2022)	O objetivo do artigo é examinar a mediação do comportamento de gestão financeira, mecanismo de autocontrole, otimismo, pensamento deliberativo e decisões de investimento nas ações do mercado da Tanzânia.	268 investidores individuais no mercado de ações da Tanzânia.	Foram aplicados questionários. Os dados foram analisados por meio de modelagem de equações estruturais.	As descobertas implicam que pessoas com bom autocontrole, otimistas e deliberativas são mais propensas a poupar dinheiro, têm melhor comportamento de gestão financeira e preferem tomar decisões de investimento.

Owusu <i>et al.</i> , (2021)	Este artigo investiga os determinantes do comportamento de compra compulsiva e verifica o efeito do comportamento de compra compulsiva na propensão de um indivíduo ser dependente de empréstimos e ter problemas financeiros.	477 questionários.	O método de pesquisa de levantamento foi questionários como método principal meio de coleta de dados. As relações previstas do estudo foram testadas usando o mínimo parcial técnica de modelagem de equações estruturais quadradas.	Os resultados dos autores sugerem que materialismo, status socioeconômico e habilidades de gestão financeira de indivíduo são preditores significativos do comportamento de compra compulsiva. Os autores também consideram que o comportamento de compra compulsiva está positivamente associado a dependência de empréstimos e a análise dos autores sugere que as habilidades de gestão financeira moderam as relações hipotéticas.
---------------------------------	--	-----------------------	--	--

Fonte: Organizado pelo autor.

Os achados do estudo de Park (2021) evidenciam que, embora a autodeterminação e a motivação sejam elementos fundamentais para impulsionar a alteração do comportamento financeiro, sua influência direta é mitigada na ausência da mediação proporcionada pela psicologia financeira. Este aspecto ressalta a importância do entendimento dos processos psicológicos subjacentes às decisões financeiras e à gestão de recursos, os quais moldam a maneira como os indivíduos percebem, avaliam e respondem aos estímulos financeiros. Portanto, é imperativo reconhecer a interação complexa entre os elementos motivacionais intrínsecos, como a autodeterminação, e os fatores psicológicos externos, destacados pela psicologia financeira, para uma compreensão abrangente e eficaz dos determinantes do comportamento financeiro.

A atitude em relação ao dinheiro, a autoeficácia financeira, a tolerância ao risco financeiro, a socialização financeira por meio do ensino direto dos pais e dos pares, bem como a influência dos meios de comunicação social, demonstram uma correlação positiva com o comportamento de gestão financeira pessoal (PFMB) entre jovens profissionais. É observado que quase todas as características psicológicas mencionadas desempenham um papel mediador parcial na relação entre a socialização financeira e o PFMB. Este achado destaca a importância da educação financeira direta fornecida pelos pais e pela rede social do indivíduo, e também da percepção subjetiva e das atitudes pessoais em relação ao dinheiro, da confiança na capacidade de lidar com questões financeiras e da disposição para assumir riscos financeiros

moderados. Além disso, a influência dos meios de comunicação social emerge como um fator significativo que molda as percepções e comportamentos financeiros dos jovens profissionais, destacando a necessidade de considerar os aspectos individuais e também os contextos sociais e culturais na promoção da gestão financeira eficaz entre essa demografia específica (Goyal; Kumar; Hoffmann, 2023).

Em síntese, o estudo de Goyal; Kumar; Xiao (2021) é fundamentado em uma gama diversificada de fatores que influenciam o comportamento de gestão financeira pessoal (PFMB), os quais abrangem aspectos demográficos, socioeconômicos, psicológicos, sociais, culturais, experiência financeira, alfabetização financeira e fatores tecnológicos. Estes elementos formam uma teia complexa de influências que moldam as atitudes, comportamentos e decisões financeiras individuais. Os fatores demográficos incluem variáveis como idade, gênero e estado civil, que podem influenciar a forma como uma pessoa aborda suas finanças. Já os aspectos socioeconômicos englobam variáveis como renda, ocupação e nível educacional, que desempenham um papel crucial na determinação do acesso aos recursos financeiros e na capacidade de tomada de decisões informadas. Além disso, fatores psicológicos como a aversão ao risco e a autoeficácia financeira, juntamente com fatores sociais, como a influência dos pares e da família, desempenham um papel significativo na formação das atitudes e comportamentos financeiros. A dimensão cultural também é relevante, pois as crenças, valores e normas sociais de uma comunidade podem influenciar as práticas financeiras individuais. A experiência financeira, a alfabetização financeira e a tecnologia também são elementos-chave, pois afetam a familiaridade com conceitos financeiros, habilidades de gestão e acesso a ferramentas financeiras modernas. Em conjunto, esses diversos fatores compõem o panorama multifacetado que permeia o campo da gestão financeira pessoal.

As descobertas do estudo de Kasoga e Tegambwage (2022) sugerem que indivíduos caracterizados por um alto nível de autocontrole, otimismo e uma abordagem deliberativa tendem a apresentar uma maior propensão para poupar dinheiro, exibem um comportamento mais eficaz em termos de gestão financeira e demonstram uma preferência por tomar decisões de investimento. Esses atributos psicológicos desempenham um papel crucial na maneira como os indivíduos lidam com suas finanças pessoais e investimentos, influenciando diretamente suas escolhas e estratégias financeiras. O autocontrole, por exemplo, reflete a capacidade de resistir a impulsos imediatos em prol de objetivos financeiros de longo prazo, como economizar e investir. O otimismo, por sua vez, pode impulsionar a confiança na capacidade de alcançar metas financeiras, incentivando a adoção de comportamentos proativos em relação ao dinheiro.

Além disso, uma abordagem deliberativa indica uma tendência para a reflexão cuidadosa e análise criteriosa das opções de investimento, resultando em decisões mais informadas e prudentes. Portanto, esses traços psicológicos moldam as atitudes e comportamentos financeiros individuais, e também influenciam as estratégias de gestão de dinheiro e investimento adotadas pelos indivíduos.

Os resultados da pesquisa de Owusu *et al.*, (2023) indicam que o materialismo, o status socioeconômico e as habilidades de gestão financeira de um indivíduo desempenham papéis significativos como preditores do comportamento de compra compulsiva. Os pesquisadores também observam uma associação positiva entre o comportamento de compra compulsiva e a dependência de empréstimos. Além disso, a análise dos autores aponta que as habilidades de gestão financeira têm um efeito moderador sobre as relações hipotéticas identificadas. Essas descobertas revelam a complexidade dos fatores que influenciam a propensão para compras compulsivas, destacando a interação entre aspectos individuais, como atitudes em relação ao materialismo e habilidades de gerenciamento financeiro, e fatores externos, como o status socioeconômico. A compreensão dessas relações pode fornecer ideias importantes para o desenvolvimento de estratégias de intervenção e prevenção voltadas para a redução do comportamento de compra compulsiva e o fortalecimento das habilidades de gestão financeira.

Nesse sentido, torna-se evidente que uma série de aspectos psicológicos desempenha um papel significativo na influência do comportamento de gestão financeira. Entre esses fatores, a autorregulação emerge como um desses aspectos. Sendo assim, o compilado desses estudos leva a primeira hipótese:

H1: A autorregulação tem relação positiva com o comportamento de gestão financeira familiar.

2.5.2 Relação entre o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro

No quadro 3 são apresentados estudos que abordam a relação do comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro, apresentado os autores, o ano da publicação da obra, os objetivos do estudo, a amostra do estudo, a metodologia e uma síntese das contribuições:

Quadro 3 - Estudos relacionados ao CGFF e o BEF

Autores	Objetivos	Amostra	Metodologia	Contribuições
Riitsalu e Murakas (2019)	O objetivo deste trabalho é estudar como o conhecimento subjetivo e objetivo de finanças, o comportamento na gestão das finanças pessoais e o status socioeconômico afetam o bem-estar financeiro.	Dados de pesquisa de alfabetização da Estônia.	A pontuação do bem-estar financeiro é construída com base em dados quantitativos da pesquisa sobre alfabetização financeira da Estônia como a média aritmética de quatro afirmações numa escala de cinco pontos. Quatro hipóteses são testadas na análise de regressão múltipla.	Os resultados destacam a importância do conhecimento subjetivo e do bom comportamento para melhorar o bem-estar financeiro.
Xiao e Porto (2017)	O objetivo deste artigo é investigar os papéis da alfabetização financeira, comportamento financeiro e capacidade financeira como mediadores entre educação financeira e satisfação financeira.	Os dados são do Estudo Nacional de Capacidade Financeira de 2012.	Os dados nacionais contam com informações detalhadas sobre satisfação financeira, educação, alfabetização, comportamento, capacidade e variáveis relacionadas. As análises de mediação são usadas para responder as questões de pesquisa.	Os resultados mostram que a alfabetização financeira subjetiva, comportamento financeiro desejável e um índice de capacidade financeira são fortes mediadores entre educação financeira e satisfação financeira. Os formuladores de políticas sobre educação financeira do consumidor podem usar as informações para defender e promover programas de educação eficazes para melhorar o bem-estar financeiro do consumidor.

<p>Xiao, Chen e Chen (2014).</p>	<p>O objetivo deste estudo foi examinar as associações entre a capacidade financeira do consumidor e a satisfação financeira.</p>	<p>Foram utilizados dados da Pesquisa de Capacidade Financeira dos Estados Unidos de 2009.</p>	<p>Consistiu em três pesquisas interligadas: (1) Pesquisa Nacional: uma pesquisa telefônica projetável nacionalmente com 1.488 adultos americanos; (2) Pesquisa estado por estado: uma pesquisa on-line estado por estado com aproximadamente 28.146 adultos americanos; (3) Inquérito Militar: Um inquérito online a 800 militares e cônjuges .Os inquéritos fizeram muitas perguntas sobre a satisfação financeira dos inquiridos, a capacidade financeira, a alfabetização financeira, o comportamento financeiro e as características demográficas e socioeconômicas.</p>	<p>Os resultados sugerem que, para melhorar o bem-estar financeiro do consumidor, os programas de educação financeira do consumidor devem enfatizar a tomada de ações e incentivar os consumidores a evitar comportamentos financeiros de risco, se envolver em comportamentos financeiros desejáveis e melhorar a autoeficácia financeira.</p>
<p>Xiao, Tang e Shim, (2009).</p>	<p>Pesquisas recentes sobre bem-estar sugerem que comportamentos específicos de domínio contribuem para satisfações específicas de domínio, que por sua vez contribuem para o bem-estar geral de um indivíduo. O estudo é uma tentativa de acrescentar à literatura, observando esses fatos do ponto de vista financeiro.</p>	<p>976 alunos completaram a pesquisa.</p>	<p>Os dados foram coletados de uma amostra de estudantes de uma grande universidade estadual do sudoeste dos EUA. Na primavera de 2006, uma pesquisa foi desenvolvida e pré-testada com base em uma revisão da literatura e em informações coletadas de estudantes universitários, usando técnicas de grupos focais para coletar informações sobre suas práticas de gestão de dinheiro.</p>	<p>Este estudo fornece novas evidências para a literatura de pesquisa de bem-estar em vários aspectos: o comportamento do domínio contribui para a satisfação do domínio; o comportamento do domínio contribui para a satisfação em outros domínios; a satisfação do domínio contribui para a satisfação com a vida; o comportamento do domínio contribui diretamente para a satisfação com a vida; e o domínio financeiro precisa ser considerado na mensuração da qualidade de vida universitária.</p>

She <i>et al.</i> , (2021).	Avaliar o impacto das crenças psicológicas (conhecimento financeiro subjetivo, atitude financeira e <i>locus</i> de controle) no bem-estar financeiro, bem como o papel mediador do comportamento financeiro na relação entre crenças psicológicas e bem-estar financeiro entre trabalhadores adultos na Malásia.	500 adultos trabalhadores da Malásia.	Um questionário baseado em pesquisa foi utilizado para obter informações. A modelagem de equações estruturais de mínimos quadrados parciais (PLS-SEM) foi utilizada para avaliar o modelo de mensuração e o modelo de mediação proposto.	Os resultados mostraram que o conhecimento financeiro subjetivo, a atitude financeira e o <i>locus</i> de controle têm um impacto positivo tanto no comportamento financeiro quanto no bem-estar financeiro. Os resultados também mostraram que o comportamento financeiro medeia as relações entre atitude financeira e bem-estar financeiro, bem como entre <i>locus</i> de controle e bem-estar financeiro.
-----------------------------	---	---------------------------------------	--	--

Fonte: Organizado pelo autor.

Os resultados do estudo de Riitsalu e Murakas (2019) ressaltam a significativa influência do conhecimento subjetivo, isto é, a compreensão individual das finanças pessoais e a capacidade de tomar decisões financeiras informadas, bem como a importância do comportamento financeiro responsável e prudente na melhoria do bem-estar financeiro dos indivíduos. Este destaque enfatiza a necessidade de uma abordagem holística que incorpore tanto o aspecto cognitivo, representado pelo conhecimento financeiro subjetivo, quanto o aspecto comportamental, caracterizado por práticas financeiras positivas e adaptativas. Tal abordagem abrange não apenas a aquisição de conhecimentos financeiros específicos, mas também o desenvolvimento de habilidades e hábitos que promovam a estabilidade financeira e o bem-estar a longo prazo.

Os dados do estudo de Xiao e Porto (2017) revelam uma interconexão entre vários aspectos do bem-estar financeiro. A alfabetização financeira subjetiva, que diz respeito à compreensão pessoal das finanças, juntamente com o comportamento financeiro favorável, desempenha um papel crucial nesse contexto. Além disso, o índice de capacidade financeira, que avalia a habilidade prática de lidar com questões financeiras, emerge como um mediador importante entre a educação financeira e a satisfação financeira. Essa compreensão mais profunda oferece uma base sólida para os formuladores de políticas no campo da educação financeira do consumidor. Eles podem usar essas informações para defender e promover programas de educação financeira eficazes, direcionados a melhorar significativamente o bem-estar financeiro dos consumidores. Ao reconhecer a importância desses elementos interligados, os esforços podem ser concentrados de forma mais precisa e eficaz, maximizando assim o impacto positivo nas vidas financeiras dos indivíduos e das comunidades em geral.

Os achados do estudo de Xiao, Chen e Chen (2014) evidenciam uma abordagem mais abrangente e proativa para promover o bem-estar financeiro dos consumidores. Além de fornecer conhecimentos básicos sobre finanças, os programas de educação financeira devem destacar a importância da tomada de ações concretas. Isso significa capacitar os consumidores a aplicar efetivamente os conhecimentos adquiridos em suas vidas financeiras diárias, como criar e seguir um orçamento, economizar para metas de longo prazo e gerenciar dívidas de forma responsável. Além disso, é fundamental incentivar os consumidores a evitar comportamentos financeiros arriscados, como o endividamento excessivo ou investimentos de alto risco sem a devida análise. Em vez disso, os programas devem promover comportamentos financeiros prudentes e sustentáveis, como investir de forma diversificada, economizar para emergências e planejar para a aposentadoria. Outro aspecto crucial é o fortalecimento da autoeficácia financeira dos consumidores. Isso envolve cultivar a confiança das pessoas em suas habilidades para tomar decisões financeiras acertadas e lidar eficazmente com desafios financeiros. Os programas de educação financeira devem oferecer ferramentas práticas e recursos que ajudem os consumidores a desenvolverem essa confiança, como simulações financeiras, exercícios de planejamento financeiro e acesso a aconselhamento financeiro especializado. Ao adotar uma abordagem abrangente que enfatize a ação, o gerenciamento de riscos e o fortalecimento da autoeficácia, os programas de educação financeira podem desempenhar um papel fundamental na melhoria do bem-estar financeiro dos consumidores. Essa ênfase na capacitação e no desenvolvimento de habilidades financeiras práticas pode ajudar os indivíduos a alcançarem uma maior estabilidade financeira, reduzir o estresse relacionado às finanças e alcançar seus objetivos financeiros de longo prazo.

O estudo de Xiao, Tang e Shim (2009) representa uma contribuição significativa para a literatura de pesquisa sobre o bem-estar em múltiplos domínios, oferecendo novas perspectivas e evidências substanciais. Primeiramente, destaca-se a relação entre o comportamento em um determinado domínio e a satisfação nesse mesmo domínio, evidenciando a influência direta que as ações individuais exercem sobre a percepção de bem-estar em áreas específicas da vida. Além disso, este estudo revela que o comportamento em um domínio específico não só afeta a satisfação nesse domínio, mas também pode ter repercussões positivas ou negativas em outros aspectos da vida. Essa interconexão entre diferentes domínios ressalta a importância de adotar uma abordagem holística ao avaliar o bem-estar, reconhecendo que as experiências em uma área da vida podem influenciar outras áreas de forma significativa.

Outra descoberta importante é a associação entre a satisfação em um domínio específico e a satisfação geral com a vida. Isso sugere que o bem-estar em áreas específicas da vida, como finanças, relacionamentos ou saúde, desempenha um papel fundamental na determinação do bem-estar global e na qualidade de vida como um todo. Além disso, este estudo destaca que o comportamento financeiro tem um impacto direto na satisfação geral com a vida, sublinhando a importância do gerenciamento eficaz das finanças pessoais para o bem-estar geral. Por fim, este estudo ressalta a necessidade de considerar o domínio financeiro ao avaliar a qualidade de vida em contextos específicos, como o ambiente universitário. Isso sugere que políticas e intervenções destinadas a melhorar a qualidade de vida dos estudantes universitários devem incluir componentes que abordem diretamente questões relacionadas à educação financeira e ao gerenciamento de recursos. No geral, este estudo amplia a compreensão do bem-estar em múltiplos domínios e destaca a importância de abordagens integradas e abrangentes para promover uma melhor qualidade de vida em diferentes contextos.

Os resultados da pesquisa de She *et al.*, (2022) revelaram uma série de descobertas fundamentais que destacam a complexa interação entre diferentes aspectos psicológicos e comportamentais e o bem-estar financeiro. Em primeiro lugar, foi observado que o conhecimento financeiro subjetivo, ou seja, a percepção pessoal do entendimento das finanças, juntamente com a atitude financeira e o *locus* de controle, desempenham papéis cruciais na determinação do comportamento financeiro e, por consequência, do bem-estar financeiro. É importante ressaltar que o conhecimento financeiro subjetivo inclui a confiança e a autoavaliação da competência financeira. Da mesma forma, a atitude financeira, que engloba as crenças, valores e emoções em relação ao dinheiro e ao planejamento financeiro, exerce uma influência significativa sobre as escolhas financeiras e, por extensão, sobre o bem-estar financeiro. Além disso, o *locus* de controle, que se refere à percepção de controle pessoal sobre os eventos da vida, emerge como um fator determinante na formação de comportamentos financeiros e na consequente sensação de bem-estar financeiro. Indivíduos com um *locus* de controle interno, que acreditam ter controle sobre seu destino financeiro, tendem a adotar comportamentos mais proativos e responsáveis em relação ao dinheiro, contribuindo para uma maior satisfação financeira. Um achado especialmente relevante foi a identificação do comportamento financeiro como um mediador nas relações entre atitude financeira e bem-estar financeiro, bem como entre *locus* de controle e bem-estar financeiro. Isso sugere que a forma como pensamos e nos sentimos em relação ao dinheiro influencia diretamente nossas ações financeiras, as quais, por sua vez, afetam nossa sensação de bem-estar financeiro. Essas

descobertas destacam a importância de considerar não apenas os aspectos objetivos, como conhecimento financeiro e recursos disponíveis, mas também os aspectos subjetivos, como atitudes e percepções individuais, ao desenvolver estratégias para melhorar o bem-estar financeiro das pessoas. Investir em programas de educação financeira que abordem não apenas os aspectos técnicos, mas também os aspectos comportamentais e psicológicos, pode ser crucial para promover uma maior estabilidade financeira e uma sensação de satisfação e segurança em relação às finanças pessoais. Parte superior do formulário Nesse sentido, entende-se que adotar bons comportamentos financeiros no ambiente familiar também pode levar as famílias a possuírem um maior bem-estar financeiro, nesse sentido, apresenta-se a segunda hipótese:

H2: O comportamento de gestão financeira familiar tem relação positiva com o bem-estar financeiro.

2.5.3 Relação entre a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro

No quadro 4 são apresentados estudos que abordam a relação entre autorregulação, comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro, apresentado os autores, o ano da publicação da obra, os objetivos do estudo, a amostra do estudo e uma síntese das contribuições:

Quadro 4 - Estudos relacionados a AR, CGFF e BEF

Autores	Objetivos	Amostra	Metodologia	Contribuições
---------	-----------	---------	-------------	---------------

Chhatwani e Mishra (2021)	Verificar a ligação entre alfabetização financeira e fragilidade financeira durante o COVID-19. Ademais, examinar se a alfabetização financeira tem um impacto diferencial na fragilidade financeira com base em fatores psicológicos (confiança financeira), econômicos (riqueza) e sociais (raça).	2.202 observações.	Os autores usaram dados nacionalmente representativos da faixa etária trabalhadora americana. Eles coletaram seis conjuntos de dados diferentes coletados em diferentes períodos de tempo para conduzir o presente estudo. Com base em 2.202 observações, realizaram análises de regressão logística para testar as relações propostas.	Verificou-se que a alfabetização financeira reduz as chances de ser financeiramente frágil. Descobriu-se também que os consumidores alfabetizados financeiramente com alta confiança financeira são menos frágeis financeiramente durante o COVID-19. O impacto adverso da alfabetização financeira sobre a fragilidade financeira é maior para consumidores com mais do que menos riqueza. A interação com a raça não é significativa, sugerindo que a alfabetização financeira ultrapassa as fronteiras raciais.
Ponchio, Cordeiro e Gonçalves (2019)	Explorar o impacto do autocontrole dos gastos do consumidor, orientação de poupança pessoal, materialismo, conhecimento financeiro e perspectiva de tempo no bem-estar financeiro percebido pelos consumidores brasileiros.	1.027 respondentes	Uma estrutura conceitual é fornecida para apoiar as hipóteses de pesquisa. Uma pesquisa com 1.027 respondentes permitiu testar as hipóteses de pesquisa por meio de modelos baseados em regressão.	Os resultados evidenciam que as duas dimensões do bem-estar financeiro, são previstas pelo autocontrole dos gastos do consumidor, materialismo e perspectiva de tempo; a orientação de poupança pessoal também prevê a segurança financeira futura. Perspectiva de tempo modera o efeito do materialismo no estresse atual de gerenciamento de dinheiro e autocontrole dos gastos do consumidor media esta relação.
Singh e Malik, (2022)	Este estudo sintetiza e identifica as principais áreas e dimensões do bem-estar financeiro.	Amostra de 467 artigos.	Os autores estudam sistematicamente e uma amostra de 467 artigos da base de dados Scopus para identificar a tendência de pesquisa sobre bem-estar financeiro durante os últimos 25 anos (1997–2021).	Foram encontrados quatro clusters na área do bem-estar financeiro: conceituação e antecedentes do bem-estar financeiro, bem-estar financeiro dos jovens adultos, relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro e consequências do bem-estar financeiro.

Lučić e Previšić (2021)	Investigar os efeitos dos valores do materialismo na impulsividade cognitiva e afetiva e no comportamento financeiro responsável entre jovens adultos.	483 jovens adultos de 18 a 25 anos de idade na Croácia.	Aplicação de um questionário, composto por quatro partes.	A pesquisa descobriu que o materialismo não tem efeito direto no comportamento financeiro responsável, no entanto, a impulsividade cognitiva medeia totalmente a relação de todos os três, há três elementos de materialismo, centralidade, sucesso e felicidade e comportamento financeiro responsável. A impulsividade afetiva não afeta a relação.
Silva <i>et al.</i> , (2022)	Compreender a relação entre o bem-estar financeiro, os seus preditores (situação financeira, comportamento financeiro, conhecimento financeiro e atitudes financeiras) e o bem-estar geral.	262 adultos trabalhadores	Aplicação de questionário com 262 respondentes.	Os resultados mostraram que apenas o status financeiro estava positivamente relacionado com o bem-estar financeiro e este último estava positivamente relacionado com o bem-estar geral. Verificou-se também que o bem-estar financeiro mediou a relação entre a situação financeira e o bem-estar geral. Em suma, estes resultados mostraram um conceito multidisciplinar de bem-estar geral e que os indivíduos tendem a priorizar a segurança financeira em detrimento dos outros componentes.

Fonte: Organizado pelo autor.

O estudo de Chhatwani e Mishra (2021) revelou uma relação clara entre alfabetização financeira e resiliência financeira durante a pandemia do COVID-19. De forma concreta, foi observado que os indivíduos que possuíam um nível mais elevado de alfabetização financeira tinham menor probabilidade de enfrentar fragilidade financeira em tempos de crise. Além disso, um achado particularmente interessante foi a relação entre a alfabetização financeira e a confiança financeira. Descobriu-se que consumidores com uma alfabetização financeira robusta e uma confiança sólida em suas habilidades financeiras eram menos propensos a enfrentar situações de fragilidade financeira durante o período de crise provocado pela pandemia. É importante notar que os benefícios da alfabetização financeira foram mais pronunciados entre aqueles com maiores níveis de riqueza. Isso sugere que, embora a alfabetização financeira seja valiosa para todos os estratos socioeconômicos, seu impacto positivo é ainda mais significativo para aqueles com recursos financeiros mais substanciais. Um aspecto notável dessas descobertas foi a constatação de que a influência da alfabetização financeira sobre a fragilidade

financeira não foi afetada pela raça dos participantes. Isso sugere que os benefícios da alfabetização financeira se estendem além das fronteiras raciais, proporcionando uma proteção financeira igualmente eficaz para indivíduos de diferentes origens étnicas e raciais. Esses resultados ressaltam a importância crítica de promover a alfabetização financeira em todas as comunidades, independentemente de sua composição racial. Investir em programas de educação financeira acessíveis e culturalmente sensíveis pode desempenhar um papel vital em fortalecer a resiliência financeira de indivíduos e famílias em face de crises econômicas e incertezas futuras.

Os resultados do estudo de Ponchio, Cordeiro e Gonçalves (2019) oferecem uma visão abrangente sobre os determinantes do bem-estar financeiro, destacando a influência de várias dimensões e comportamentos individuais. É evidente que tanto a segurança financeira presente quanto a futura são profundamente influenciadas pelo autocontrole dos gastos, pelo materialismo e pela perspectiva temporal do consumidor. O autocontrole financeiro emerge como um fator crucial na previsão do bem-estar financeiro, sugerindo que a capacidade de gerenciar os gastos de forma responsável e prudente desempenha um papel significativo na sensação de segurança financeira atual e futura. Além disso, o materialismo, ou seja, a tendência de valorizar a posse de bens materiais, também se revela como um preditor importante do bem-estar financeiro, influenciando tanto a satisfação financeira presente quanto as preocupações com a segurança financeira futura. Outro achado relevante é a importância da perspectiva temporal na determinação do bem-estar financeiro. A orientação para o futuro e a disposição para poupar recursos para metas de longo prazo emergem como elementos essenciais na construção de uma base sólida para a segurança financeira futura. Além disso, a interação entre materialismo e perspectiva temporal revela nuances interessantes na relação entre esses fatores e o estresse financeiro atual. Parece que a forma como as pessoas encaram o tempo e valorizam os bens materiais pode moderar os níveis de estresse relacionados ao gerenciamento financeiro. O autocontrole dos gastos, por sua vez, atua como um mediador nessa relação, ajudando a regular os efeitos do materialismo e da perspectiva temporal no estresse financeiro presente. Essas descobertas ressaltam a complexidade das interações entre diferentes aspectos psicológicos e comportamentais e seu impacto no bem-estar financeiro. Compreender essas dinâmicas é fundamental para desenvolver estratégias eficazes de educação financeira e intervenções que visam melhorar a segurança financeira e a qualidade de vida dos indivíduos.

O estudo de Singh e Malik (2022) identificou quatro agrupamentos distintos dentro do campo do bem-estar financeiro, cada um oferecendo perspectivas sobre diferentes aspectos

dessa área crucial, são eles, conceituação e antecedentes do bem-estar financeiro; bem-estar financeiro dos jovens adultos; relação entre alfabetização financeira e bem-estar financeiro; consequências do bem-estar financeiro. Esses clusters oferecem uma visão abrangente e multifacetada do bem-estar financeiro, destacando diferentes perspectivas e áreas de interesse dentro deste campo de estudo. Ao compreender melhor as complexidades do bem-estar financeiro em suas diversas dimensões, podemos desenvolver abordagens mais eficazes para promover a saúde financeira e o bem-estar das pessoas em todo o espectro da sociedade.

Os resultados do estudo de Lučić e Previšić (2021) revelaram aspectos fascinantes sobre a interação entre materialismo, impulsividade e comportamento financeiro responsável. Embora tenha sido observado que o materialismo em si não exerce um efeito direto sobre a adoção de comportamentos financeiros responsáveis, descobriu-se que a impulsividade cognitiva atua como um mediador crucial nessa relação. É interessante notar que a impulsividade cognitiva foi identificada como um fator que media completamente a ligação entre os diferentes elementos do materialismo - centralidade, busca pelo sucesso e felicidade - e o comportamento financeiro responsável. Isso sugere que a forma como as pessoas pensam e processam informações relacionadas aos seus valores materialistas desempenha um papel fundamental na maneira como elas gerenciam suas finanças. Por outro lado, descobriu-se que a impulsividade afetiva não tem um efeito significativo nessa relação. Isso indica que as emoções imediatas e o impulso emocional não têm o mesmo impacto na capacidade das pessoas de adotar comportamentos financeiros responsáveis em comparação com a impulsividade cognitiva, que está mais relacionada à tomada de decisões baseadas em pensamentos rápidos e impulsivos. Essas descobertas oferecem uma visão mais profunda da complexidade dos fatores que influenciam o comportamento financeiro e ressaltam a importância de considerar não apenas os traços de personalidade e valores individuais, mas também os processos cognitivos subjacentes. Compreender como o materialismo e a impulsividade se relacionam com o comportamento financeiro pode ajudar a informar estratégias mais eficazes de educação financeira e intervenções destinadas a promover uma maior responsabilidade financeira entre os indivíduos.

Os achados do estudo de Silva *et al.*, (2023) oferecem uma visão rica sobre as complexas inter-relações entre diferentes aspectos do bem-estar, com um foco específico no bem-estar financeiro e seu papel como mediador crucial. Foi observado que o status financeiro está diretamente relacionado ao bem-estar financeiro, o que não é surpreendente, dada a influência significativa que a estabilidade financeira exerce sobre a qualidade de vida das pessoas. No

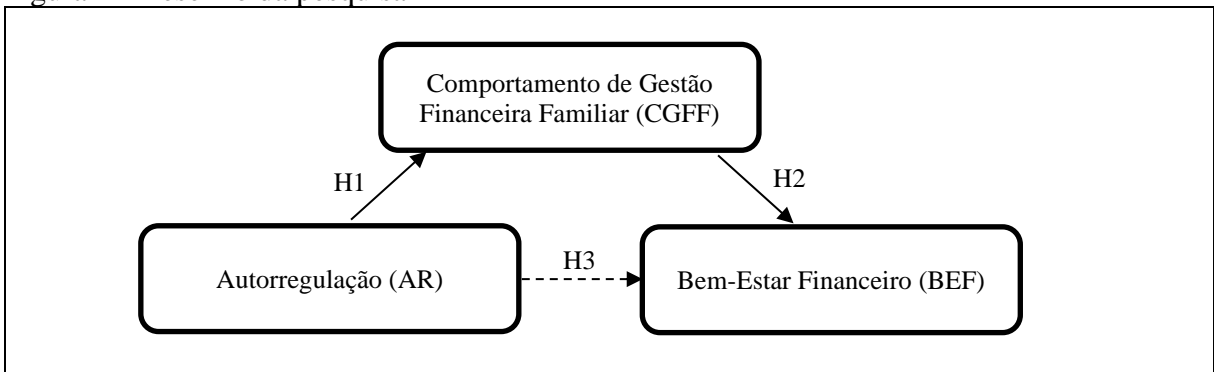
entanto, é importante destacar que o bem-estar financeiro não é apenas um fim em si mesmo, mas também serve como um elo vital para o bem-estar geral. A ligação entre o bem-estar financeiro e o bem-estar geral é especialmente notável. Este estudo identificou uma relação positiva entre esses dois construtos, sugerindo que a sensação de segurança e satisfação financeira contribui de maneira significativa para o bem-estar global de um indivíduo. Além disso, descobriu-se que o bem-estar financeiro atua como um mediador nessa relação, destacando sua importância como um determinante chave do bem-estar geral. Uma descoberta intrigante foi a tendência dos indivíduos em priorizar a segurança financeira em detrimento de outros componentes do bem-estar. Isso sugere que, para muitos, a estabilidade financeira pode ser vista como um pré-requisito fundamental para alcançar outros aspectos do bem-estar, como saúde física, relacionamentos interpessoais satisfatórios e realização pessoal. Essa ênfase na segurança financeira como uma prioridade primordial destaca a importância crítica de políticas e intervenções que visam melhorar a saúde financeira das pessoas como um meio de promover um bem-estar geral mais robusto e sustentável. Em resumo, esses resultados ilustram a natureza multifacetada do bem-estar e ressaltam a importância de uma abordagem holística que reconheça a interconexão entre diferentes domínios, com o bem-estar financeiro desempenhando um papel central nessa equação. Ao compreender melhor essas relações complexas, podemos desenvolver estratégias mais eficazes para promover um bem-estar integral e satisfatório para todos.

Diante desses estudos, observa-se que pode haver uma interação entre o comportamento de gestão financeira familiar e a autorregulação, que potencializam o bem-estar financeiro. Levando a terceira hipótese da pesquisa:

H3: A autorregulação, mediada pelo comportamento de gestão financeira familiar, influencia positivamente o bem-estar financeiro.

A figura 1 apresenta o desenho de pesquisa, onde demonstra-se que autorregulação, mediada pelo comportamento de gestão financeira familiar, influencia positivamente o bem-estar financeiro.

Figura 1 - Desenho da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O capítulo discorre sobre a forma como a pesquisa foi ordenada. Neste sentido, recorre à literatura para conceituar corretamente as definições metodológicas.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa é descritiva visto que buscou descrever a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro, visando atender o objetivo específico a: “descrever a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro”. É definida como hipotético-dedutivo, pois consiste na proposição de hipóteses acerca de um tema. Neste estudo testaram-se as hipóteses H1, H2 e H3 relacionadas aos objetivos específicos b: “Avaliar a relação entre autorregulação e o comportamento de gestão financeira familiar”; c: “avaliar a relação entre o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro”; e d:” “avaliar a relação entre a autorregulação e o bem-estar financeiro, mediada pelo comportamento de gestão financeira familiar”. Em relação ao método, caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa. Dados quantitativos, podem ser apurados com recursos provenientes do campo da estatística, tais como, frequência, média, mediana e moda, podendo apontar informações relevantes e confiáveis a respeito de muitas observações (Creswell, 2009).

Em pesquisas quantitativas, procura-se testar ou verificar uma teoria, e não a desenvolver. Sendo assim, o pesquisador contribuirá com a teoria, coletará dados para testá-la e refletirá sobre sua confirmação ou refutação conforme os resultados (CRESWELL, 2009).

Quanto ao modelo, configura-se como descritivo, tendo como objetivo apontar e descrever as relações entre as dimensões definidas como comportamento de gestão financeira, autorregulação e bem-estar financeiro. O levantamento dos dados caracteriza-se como de seção cruzada, pois os dados são coletados em um determinado momento no tempo.

3.2 CONSTRUCTO DA PESQUISA

Constructo é utilizado para medir coisas ou conceitos não observáveis diretamente (Girma; Vencappa, 2015). No quadro 5 está descrito o constructo da autorregulação.

Quadro 5 – Constructo da AR

Dimensão	Cód.	Item	Autores
Estabelecimento de objetivos	AR01	Estabelecemos metas para a família e acompanhamos o progresso.	Neal e Carey (2005)
	AR02	Quando a família tem uma meta, geralmente planejamos como alcançá-la.	
	AR03	Se resolvemos mudar alguma coisa, prestamos muita atenção em como estamos.	
	AR04	Temos facilidade em estabelecer metas familiares.	
	AR05	Normalmente acompanhamos o progresso familiar em direção aos objetivos.	
	AR06	Temos facilidade em fazer planos que nos ajudem a alcançar os objetivos.	
Controle de impulsos	AR07	Temos facilidade em decidir sobre as coisas em família.	
	AR08	Não adiamos a tomada de decisões.	
	AR09	Quando se trata de decidir sobre uma mudança, não nos sentimos sobrecarregados com a escolha.	
	AR10	Pequenos problemas ou distrações não nos tiram do rumo.	
	AR11	Mesmo tendo muitos planos, conseguimos nos concentrar neles.	

Fonte: A autora

Para medir o comportamento de gestão financeira optou-se pela combinação de escalas existentes na literatura, conforme aponta Goyal et al. (2021). O constructo de Comportamento de Gestão Financeira Familiar é apresentado no quadro 6.

Quadro 6 - Constructo do CGFF

Dimensão	Cód.	Item	Autores
CGFF	CF01	Sempre temos ciência do valor exato de nossas dívidas pendentes.	Fitzsimmons <i>et al.</i> , (1993); Kim <i>et al.</i> , (2003); Jorgensen (2007); Prochaska-Cue (1993); Atkinson e Messy (2012); Porter e Garman (1993); Hilgert <i>et al.</i> , (2003); Perry e Morris (2005); Dew e Xiao (2011); Spinella <i>et al.</i> , (2007); Gardarsdóttir e Dittmar (2012).
	CF02	Monitoramos cuidadosamente o fluxo de caixa para evitar problemas financeiros.	
	CF03	Monitoramos e controlamos de perto nossos gastos para evitar excessos financeiros.	
	CF04	Pagamos todas as contas em dia, evitando atrasos e multas.	
	CF05	Identificamos e reduzimos despesas de custo de vida quando necessário.	
	CF06	Mantemos o autocontrole e evitamos compras impulsivas quando vemos algo que desejamos.	
	CF07	Encaramos com entusiasmo as oportunidades para aumentar nossos ganhos financeiros.	
	CF08	Mantemos nossas finanças devidamente organizadas e estruturadas para uma gestão eficiente.	
	CF09	Pagamos integralmente a fatura do cartão de crédito todos os meses.	
	CF10	Contribuímos regularmente para uma conta poupança.	
	CF11	Estabelecemos e mantemos um fundo de poupança de emergência.	
	CF12	Temos o hábito de iniciar ou aumentar nossas economias regularmente.	
	CF13	Estabelecemos metas de economia para objetivos de longo prazo, como educação, carro ou casa.	
	CF14	Sempre reservamos dinheiro para economizar parte de nossa renda.	
	CF15	Sempre buscamos economizar dinheiro quando possível.	
	CF16	Nosso orçamento inclui um plano para lidar com emergências e despesas inesperadas.	
	CF17	Regularmente separamos dinheiro para economizar e investir.	

	CF18	Avaliamos regularmente nossos gastos para identificar oportunidades de melhoria.	
	CF19	Elaboramos um plano detalhado para o futuro financeiro da família.	
	CF20	Fazemos planos claros sobre como usar o dinheiro da família.	
	CF21	Elaboramos e acompanhamos um orçamento para controlar nossos gastos.	
	CF22	Seguimos consistentemente o orçamento ou plano de gastos estabelecido.	
	CF23	Utilizamos um orçamento escrito para guiar nossas decisões financeiras.	
	CF24	Mantemos um orçamento doméstico responsável para nossa família.	
	CF25	Possuímos uma apólice de seguro de vida para proteger nossa família financeiramente.	
	CF26	Possuímos uma apólice de seguro de proprietário ou locatário para proteção adequada.	
	CF27	Possuímos um testamento atualizado para garantir a proteção do patrimônio familiar.	
	CF28	Possuímos uma apólice de seguro de invalidez para situações imprevistas.	
	CF29	No ano passado, fizemos contribuições para programas de aposentadoria privada.	
	CF30	Diversificamos nossos investimentos em diferentes tipos de ativos.	
	CF31	Realizamos investimentos em títulos, ações ou fundos mútuos.	
	CF32	Investimos ou compramos ativamente investimentos no último ano.	
	CF33	Valorizamos a importância dos investimentos e temos um plano claro para atingir nossos objetivos financeiros.	

Fonte: A autora.

O terceiro constructo mensura o bem-estar financeiro das famílias, conforme aponta o quadro 7.

Quadro 7 - Constructo do BEF

Dimensão	Cód.	Item	Autores
Expectativa Financeira	BEF01	Estamos otimistas em relação às finanças no futuro	Netemeyer <i>et al.</i> , (2018); D'Agostino, Rosciano e Starita (2020)
	BEF02	Quando comparamos a situação financeira familiar de 12 meses atrás com a atual, percebemos que ela melhorou.	
	BEF03	Estamos nos tornando financeiramente seguros	
	BEF04	Estamos construindo um futuro financeiro seguro.	
	BEF05	Acreditamos que vamos alcançar as metas financeiras que estabelecemos para o futuro.	
	BEF06	Nossa família está em dia com as finanças, pagando todas as contas até o vencimento.	
Capacidade Financeira	BEF07	Nos últimos 12 meses, nossa família pagou contas importantes, como aluguel ou prestação da casa, sempre até o vencimento.	
	BEF08	Nos últimos 12 meses, conseguimos pagar coisas como geladeira, sofá ou carro sempre até o vencimento.	
	BEF09	Temos uma reserva financeira para emergências.	
	BEF10	Pagamos as parcelas de nossas dívidas sem apertos.	

Fonte: A autora.

E o quarto constructo é definido as variáveis de controle no quadro 8.

Quadro 8 - Variáveis de controle da pesquisa

Cód.	Descrição	Autor
------	-----------	-------

RF	Renda Familiar	Hanna <i>et al.</i> (2015)
TM	Tamanho da Família	Calvet; Campbell; Sodini (2007)
ED	Nível de escolaridade do responsável pelas finanças da casa	McHugh; Ranyard (2012)

Fonte: A Autora

3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento utilizado nesta pesquisa é um questionário estruturado, possuindo uma série ordenada de perguntas a serem respondidas pelos entrevistados. Este questionário deve ser objetivo, com tamanho limitado e possuir instruções, que esclarecem o objetivo de sua aplicação e evidenciam a relevância da colaboração do entrevistado (Matias-Pereira, 2019).

O questionário permitiu coletar os dados sobre a percepção dos entrevistados sobre a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro, de acordo com os constructos evidenciados nos quadros 05, 06 e 07. Inicialmente, o questionário traz o constructo que mede a autorregulação, com o questionário proposto por Neal e Carey (2005), no qual utilizou-se a tradução utilizada na pesquisa de Almeida e Behlau (2017). Depois, o comportamento de gestão financeira familiar, com uma mescla de questões dos onze questionários existentes na literatura e apontados por Goyal *et al.* (2021). Por fim, apresenta questões sobre o bem-estar financeiro, com uma combinação de questões propostas por D'Agostino, Rosciano e Starita (2020) e Netemeyer *et al.* (2018).

O questionário, traz 4 constructos, para mensurar a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro, além das variáveis de controle respectivamente. As assertivas foram respondidas por meio da escala de Likert, com pontuações variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Para responder o questionário os participantes precisaram assinalar mediante um “x” na coluna que melhor representa a sua percepção sobre as questões. Foi garantido aos entrevistados, anonimato das suas respostas. O instrumento utilizado nesta pesquisa, encontra-se no Apêndice A.

3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO

Nesta seção é apresentada a descrição da população e da amostra a ser investigada na pesquisa. A população refere-se ao total de elementos que possuem um conjunto de características comuns (Marconi, 2017). A pesquisa aconteceu no município de Morro da Fumaça- SC, a população do município é de 18.537 habitantes (IBGE, 2022). Optou-se pela escolha do município catarinense de Morro da Fumaça, pela proximidade geográfica e também

pelas potencialidades da região. Possui localização favorecida pelo fácil acesso a BR101, um forte empreendedorismo, além de presença marcante de empresas do ramo do vestuário e da cerâmica, o que favorece a presença de empregos (OBSERVATÓRIO UNESC, 2020).

A amostra é definida como não probabilística e por conveniência. Visto que a pesquisa se deu com mulheres matriculadas nos clubes de mães (artesanato) do município por entender que esse clube representa uma parcela significativa por bairro, com diversas classes sociais. Das 347 mulheres cadastradas, 322 aceitaram participar voluntariamente da pesquisa. Foram visitadas todas as 22 turmas de clubes de mães do município de Morro da Fumaça, sendo os bairros visitados: Distrito Estação Cocal, Bairro Centro, Linha Cabral, Linha Frasson, Bairro Napolini, Bairro Mina Fluorita, Linha Torrens, Bairro Maccari, Bairro Barracão, Bairro Graziela, Bairro Monte Verde, Bairro Jussara, Bairro De Costa e Linha Serafim.

A seleção de clubes de mães como locais de visita foi deliberada em virtude da disposição equitativa das turmas em várias localidades do município. Esta estratégia possibilitou a inclusão de participantes originários de diversos pontos geográficos da cidade, conferindo, assim, uma ampla representatividade e diversidade à amostra de respondentes.

Um teste post hoc foi realizado utilizando G*Power. Para um efeito médio ($f^2 = 0,15$), nível de significância de 5% e no máximo nove preditores, o poder do teste é de 99,97%, superando o limiar de 80% recomendados por Faul *et al.*, (2009) para considerar os resultados dos testes estatísticos das hipóteses como relevantes.

3.5 COLETA DE DADOS

A pesquisa foi conduzida em turmas de clubes de mães do município de Morro da Fumaça, durante os meses de agosto a outubro de 2023. As visitas foram organizadas com antecedência em coordenação com os responsáveis de cada turma. Optou-se por utilizar questionários impressos, levando em consideração que alguns membros poderiam não ter acesso a dispositivos digitais. Esse método visou garantir a participação de todos os membros e capturar a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro das famílias locais.

Antes da aplicação dos questionários, as entrevistadas foram devidamente orientadas pela pesquisadora sobre o propósito do estudo e a importância de responder com cuidado e atenção, assegurando assim a qualidade das respostas. O agendamento prévio das visitas com

as líderes de cada clube de mães permitiu melhor comunicação com as turmas, garantindo a presença e participação dos membros.

3.6 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DE DADOS

Neste tópico busca-se responder como os dados foram analisados. É uma fase onde o pesquisador verifica se serão confirmadas ou não as hipóteses propostas (Marconi, 2017). Para realizar essas análises, foi adotado a modelagem por equações estruturais, utilizando o *software* SMART PLS 4.0 como ferramenta estatística.

Ao empregar a modelagem por equações estruturais com o SMARTPLS 4, pretende-se aplicar um tratamento estatístico aos dados coletados. Essa técnica permite explorar as relações entre os constructos estudados e fornecer entendimento dos resultados obtidos. Ademais, ao comparar esta pesquisa com estudos anteriores, permitiu-se contextualizar as descobertas dessa pesquisa, bem como avaliar a sua relação com a literatura existente.

Com essa metodologia, é possível apresentar os resultados utilizando tanto gráficos elucidativos quanto análises estatísticas detalhadas para destacar as relações identificadas no estudo. Essa abordagem quantitativa contribui significativamente para o avanço do conhecimento dentro do campo de estudo, enriquecendo a compreensão e a discussão em torno do tema investigado.

Para validação do modelo reflexivo são observados alguns critérios, destacam-se o *loadings* (carregamento), a *Composite Reliability* (CR - confiabilidade composta), a *Average Variance Extrated* (AVE - validade convergente) e a validade discriminante. A validação dos constructos em uma pesquisa é um processo para garantir a confiabilidade e validade dos resultados obtidos.

Os *loadings* dos indicadores representam uma métrica para avaliar a relação entre cada indicador e seu respectivo constructo. Tipicamente, cargas fatoriais situadas na faixa de 0,40 a 0,70 são consideradas aceitáveis, enquanto aquelas abaixo de 0,40 devem ser consideradas para exclusão do constructo, desde que sua remoção não prejudique *Composite Reliability* (CR – confiabilidade composta) ou a validade do conteúdo (Bagozzi; Yi; Phillips, 1991; Jr. *et al.*, 2017).

O teste de CR - *Composite Reliability* (confiabilidade composta), proposto por Hair *et al.*, (2009), baseia-se na premissa de erros independentes. Em outras palavras, caso haja alguma conexão entre os resíduos (ou erros de medição), parte da variação residual e, por conseguinte,

da variação total será atribuída a essa conexão. Quanto ao ponto de corte, sua interpretação direta não é algo trivial, conforme apontado por Hair *et al.*, (2017).

A AVE -*Average Variance Extrated* (validade convergente), está diretamente ligado à carga fatorial elevada ao quadrado. Esse indicador focaliza a qualidade de uma medida, representando a proporção dos dados nas variáveis explicada por cada um dos construtos associados. A AVE está relacionada aos conjuntos de variáveis e reflete a média das correlações positivas entre as variáveis e seus respectivos construtos. Dessa forma, quando as AVEs ultrapassam 0,50, considera-se que o modelo alcança resultados satisfatórios. Da mesma forma, a avaliação da AVE verifica a consistência e a validade das medidas utilizadas no modelo (Valentini; Damásio, 2016).

A validade discriminante é um aspecto crucial da análise, pois está relacionada à capacidade do modelo de distinguir entre constructos distintos. Em outras palavras, ela garante que medidas diferentes estejam de fato mensurando conceitos diferentes, e não apenas variações do mesmo construto. A validade discriminante assegura que o modelo reflita as relações entre os construtos e que os instrumentos de medição sejam eficazes na captura das nuances individuais de cada constructo (Ringle; Da Silva; Bido, 2014).

Devido a algumas limitações identificadas nos métodos de Fornell e Larcker (1981), os pesquisadores Henseler, Ringle e Sarteedt (2015) propuseram o uso do HTMT, que representa a média das correlações entre os indicadores de constructos diferentes. Recomenda-se que o valor do HTMT seja inferior a "1". Entretanto, devido à ausência de um teste de significância direto, recomenda-se a realização de um procedimento de *bootstrapping* para derivar a distribuição e calcular um intervalo de confiança a 95%. Caso o valor do HTMT seja igual a 1 e esteja contido dentro do intervalo de confiança, considera-se a presença de falta de validade discriminante (Ab Hamid; Sami; Mohmad Sidek, 2017). Foi adicionado o cálculo *bootstrapping* para verificar os valores, todos deram inferiores a 1.

Para validar o modelo formativo são observados alguns critérios, destacam-se colinearidade, relevância e significância. A análise da multicolinearidade é crucial na avaliação de indicadores, especialmente em modelos de mensuração formativos, onde alta correlação entre os itens não é desejada, ao contrário dos indicadores reflexivos. A alta colinearidade pode ser problemática tanto metodologicamente quanto interpretativamente, afetando a estimativa dos pesos dos indicadores e sua significância estatística, especialmente em amostras pequenas. Isso pode resultar em aumento dos erros padrão, reduzindo a confiabilidade dos resultados e levando a estimativas incorretas ou inversões de pesos. Como referência, valores de VIF iguais

ou superiores a 5 indicam problemas críticos de colinearidade, enquanto valores próximos a 3 indicam problemas menores (Becker; Ringle; Wende, 2015; Mason; Perreault, 1991).

De acordo com Hair *et al.*, (2014), quando (a) o peso externo é significativo, o indicador deve ser mantido; (b) o peso externo não é significativo, mas a sua carga é relativamente elevada ($> 0,50$), o indicador deve ser mantido; e (c) o peso externo não é significativo e sua carga não é alta ($< 0,50$) mas é significativa, o indicador deve ser considerado para exclusão; e (d) tanto o peso externo quanto a carga externa não são significativos, o indicador deve ser removido do modelo.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, os resultados da pesquisa serão apresentados em três etapas distintas: a primeira apresenta a análise descritiva dos dados (caracterização da amostra) e a estatística dos constructos de autorregulação, comportamento de gestão financeira familiar e bem-estar financeiro; a segunda etapa compreende a avaliação do modelo de mensuração e, por fim, a terceira etapa avalia o modelo estrutural proposto, finalizando assim, a apresentação e a análise dos resultados.

4.1 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS

Para atingir os objetivos específicos desta pesquisa, inicialmente serão apresentadas as características da amostra. Em seguida, serão expostos os resultados da análise descritiva dos constructos de autorregulação, comportamento de gestão financeira familiar e bem-estar financeiro. Desta forma, busca-se organizar os elementos essenciais para abordar os objetivos específicos mencionados anteriormente.

4.1.1 Caracterização da amostra da pesquisa

Na tabela 1 está disposto a composição em percentual da amostra pesquisada.

Tabela 1 - Perfil dos respondentes

Descrição	Percentual
Sexo	Feminino (100,00%)
Renda Familiar	Até R\$ 2.640,00 (28,26%), De R\$ 2.641,00 à R\$ 5.280,00 (43,48%), Acima de R\$ 5.281,00 (28,26%)
Idade	Até 40 anos (13,98%), até 51 anos (24,22%), Até 60 anos (31,68%), Acima de 60 anos (30,12%)
Escolaridade Responsável Finanças	Fundamental incompleto/completo (41,61%), Ensino Médio incompleto/ completo (40,68%), Curso superior incompleto/ completo (17,70%)

Fonte: Dados de pesquisa

A totalidade dos respondentes é composta por mulheres, representando 100% do grupo, dado que este estudo se concentra em um clube de mães. Dentro dessa amostra, uma parcela significativa, correspondendo a 43,48%, reporta uma renda familiar situada na faixa de dois a quatro salários-mínimos. Além disso, constatou-se que 82,29% das pessoas responsáveis pelas finanças nesses lares possuem formação educacional até o ensino fundamental ou médio.

4.1.2 Análise descritiva dos constructos mensurados

Nessa seção, busca-se responder o objetivo de pesquisa a) Descrever a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro. Para isso, será apresentada a frequência de respostas de cada construto mensurado na pesquisa com o objetivo de verificar a distribuição dos dados e o percentual de concordância e discordância dos respondentes. A escala de Likert utilizada para o nível de concordância foi de sete pontos, com pontuações variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente) para métrica dos constructos de autorregulação, comportamento de gestão financeira familiar e bem-estar financeiro, apresentados a seguir.

4.1.2.1 Autorregulação

A autorregulação (AR) é uma habilidade ligada à capacidade de controlar impulsos e resistir a respostas imediatistas, sejam elas relacionadas a pensamentos, emoções ou desejos. Portanto, trata-se da capacidade de regular o comportamento e reações, mesmo em situações desafiadoras ou quando confrontados com estímulos tentadores (Gailliot *et al.*, 2007).

O constructo de autorregulação apresenta duas dimensões: estabelecimento de objetivos e controle de impulsos. A tabela 2 apresenta a estatística descritiva dos indicadores da dimensão estabelecimento de objetivos.

Tabela 2- Dimensão estabelecimento de objetivos da AR

Cód	Assertiva	Média	Mínimo	Máximo	Curtose	Assimetria
AR01	Estabelecemos metas para a família e acompanhamos o progresso.	5,575	1	7	0,130	-1,075
AR02	Quando a família tem uma meta, geralmente planejamos como alcançá-la.	5,888	1	7	1,069	-1,384
AR03	Se resolvemos mudar alguma coisa, prestamos muita atenção em como estamos	5,891	1	7	1,042	-1,369
AR04	Temos facilidade em estabelecer metas familiares.	5,081	1	7	-0,752	-0,69
AR05	Normalmente acompanhamos o progresso familiar em direção aos objetivos.	5,534	1	7	0,057	-0,971
AR06	Temos facilidade em fazer planos que nos ajudem a alcançar os objetivos.	5,215	1	7	-0,551	-0,731

Fonte: dados da pesquisa.

A dimensão estabelecimento de objetivos apresenta 8 assertivas, representadas pelos códigos: AR01, AR02, AR03, AR04, AR05 e AR06. Os indicadores da dimensão estabelecimento de objetivos que mais tiveram frequência de apontamento, foram AR03 com uma média de 5,891, seguido de AR02 com uma média de 5,888. A assimetria indica uma inclinação na distribuição dos dados para a direita em função dos valores negativos de todos os indicadores. A curtose apresenta distribuição pontiaguda em razão dos valores positivos nas assertivas AR01, AR02, AR03 e AR05, já nas assertivas AR04 e AR06 apresenta distribuição achatada, em razão dos valores negativos. A tabela 3 apresenta a estatística descritiva dos indicadores da dimensão controle de impulsos:

Tabela 3 - Dimensão controle de impulsos da AR

Cód.	Assertiva	Média	Mínimo	Máximo	Curtose	Assimetria
AR07	Temos facilidade em decidir sobre as coisas em família.	5,609	1	7	-0,059	-0,917
AR08	Não adiamos a tomada de decisões.	5,009	1	7	-0,615	-0,478
AR09	Quando se trata de decidir sobre uma mudança, não nos sentimos sobrecarregados com a escolha.	5,124	1	7	-0,582	-0,517
AR10	Pequenos problemas ou distrações não nos tiram do rumo.	4,975	1	7	-0,69	-0,512
AR11	Mesmo tendo muitos planos, conseguimos nos concentrar neles.	5,584	1	7	-0,374	-0,742

Fonte: dados da pesquisa.

A dimensão controle de impulsos apresenta 8 assertivas, representadas pelos códigos: AR07, AR08, AR09, AR10 e AR11. Os indicadores da dimensão controle de impulsos que mais tiveram frequência de apontamento, foram AR07 com uma média de 5,609, seguido de AR11 com uma média de 5,584. A assimetria indica uma inclinação na distribuição dos dados para a direita em função dos valores negativos de todos os indicadores. A curtose apresenta distribuição achatada, em razão dos valores negativos.

Na próxima seção, apresentam-se os dados do constructo do comportamento de gestão financeira familiar. Trata-se de uma medida dada por meio de cinco dimensões: Gestão de dívidas; Gestão de reserva financeira; Gestão de orçamento; Gestão de riscos; e Gestão de investimentos.

4.1.2.2 Comportamento de Gestão Financeira Familiar

O Comportamento de Gestão Financeira Familiar (CGFF) refere-se a um conjunto de dimensões comportamentais multidimensionais associadas ao planejamento, implementação e avaliação de várias atividades financeiras, incluindo gestão de fluxo de caixa, crédito,

poupança, investimentos, seguros, aposentadoria e planejamento patrimonial (Goyal; Kumar; Xiao, 2021). Inicia-se os resultados da análise descritiva dos construtos pelo comportamento de gestão financeira familiar.

O constructo de comportamento de gestão financeira familiar apresenta 5 dimensões: Gestão de dívidas; Gestão de reserva financeira; Gestão de orçamento; Gestão de riscos; e Gestão de investimentos. A dimensão gestão de dívidas apresenta 9 assertivas, representadas pelos códigos: CF01, CF02, CF03, CF04, CF05, CF06, CF07, CF08 e CF09. Apresenta-se na tabela 4, a estatística descritiva dos indicadores da dimensão gestão de dívidas:

Tabela 4 - Dimensão gestão de dívidas do CGFF

Cód.	Assertiva	Média	Mínimo	Máximo	Curtose	Assimetria
CF01	Sempre temos ciência do valor exato de nossas dívidas pendentes.	6,568	1	7	9,537	-3,140
CF02	Monitoramos cuidadosamente o fluxo de caixa para evitar problemas financeiros.	6,354	1	7	4,799	-2,364
CF03	Monitoramos e controlamos de perto nossos gastos para evitar excessos financeiros.	6,261	1	7	3,692	-2,139
CF04	Pagamos todas as contas em dia, evitando atrasos e multas.	6,562	1	7	9,636	-3,203
CF05	Identificamos e reduzimos despesas de custo de vida quando necessário.	6,217	1	7	3,227	-2,049
CF06	Mantemos o autocontrole e evitamos compras impulsivas quando vemos algo que desejamos.	6,217	1	7	3,692	-2,139
CF07	Encaramos com entusiasmo as oportunidades para aumentar nossos ganhos financeiros.	6,22	1	7	3,015	-1,963
CF08	Mantemos nossas finanças devidamente organizadas e estruturadas para uma gestão eficiente.	6,307	1	7	3,367	-2,144
CF09	Pagamos integralmente a fatura do cartão de crédito todos os meses.	6,168	1	7	3,227	-2,091

Fonte: dados da pesquisa.

Os indicadores da dimensão gestão de dívidas que mais tiveram frequência de apontamento, foram CF01 com uma média de 6,568, seguido de CF04 com uma média de 6,562; CF02 com uma média de 6,354 e CF08 com uma média de 6,307. A assimetria indica uma inclinação na distribuição dos dados para a direita em função dos valores negativos de todos os indicadores. Já a curtose apresenta distribuição pontiaguda em razão dos valores positivos. Apresenta-se na tabela 5, a estatística descritiva dos indicadores da dimensão gestão de reserva financeira:

Tabela 5 - Dimensão gestão de reserva financeira do CGFF

Cód.	Assertiva	Média	Mínimo	Máximo	Curtose	Assimetria
CF10	Contribuímos regularmente para uma conta poupança.	4,863	1	7	-1,033	-0,576
CF11	Estabelecemos e mantemos um fundo de poupança de emergência.	4,73	1	7	-1,299	-0,509
CF12	Temos o hábito de iniciar ou aumentar nossas economias regularmente.	5,096	1	7	-0,636	-0,657
CF13	Estabelecemos metas de economia para objetivos de longo prazo, como educação, carro ou casa.	4,516	1	7	-1,242	-0,331
CF14	Sempre reservamos dinheiro para economizar parte de nossa renda.	5,63	1	7	0,214	-1,223
CF15	Sempre buscamos economizar dinheiro quando possível.	5,907	1	7	1,026	-1,382
CF16	Nosso orçamento inclui um plano para lidar com emergências e despesas inesperadas.	5,289	1	7	-0,467	-0,953
CF17	Regularmente separamos dinheiro para economizar e investir.	4,484	1	7	-1,113	-0,318

Fonte: dados da pesquisa.

A dimensão gestão de reserva de emergência apresenta 8 assertivas, representadas pelos códigos: CF10, CF11, CF12, CF13, CF14, CF15, CF16 e CF17. Os indicadores da dimensão gestão de reserva financeira que mais tiveram frequência de apontamento, foram CF15 com uma média de 5,907, seguido de CF14 com uma média de 5,630; CF16 com uma média de 5,289 e CF12 com uma média de 5,096. A assimetria indica uma inclinação na distribuição dos dados para a direita em função dos valores negativos de todos os indicadores. Já a curtose apresenta distribuição achatada em razão dos valores negativos, com exceção das assertivas CF14 e CF15. Apresenta-se na tabela 6, a estatística descritiva dos indicadores da dimensão gestão de orçamento:

Tabela 6 - Dimensão gestão de orçamento do CGFF

Cód	Assertiva	Média	Mínimo	Máximo	Curtose	Assimetria
CF18	Avaliamos regularmente nossos gastos para identificar oportunidades de melhoria.	5,941	1	7	1,438	-1,501
CF19	Elaboramos um plano detalhado para o futuro financeiro da família.	5,63	1	7	0,327	-1,224
CF20	Fazemos planos claros sobre como usar o dinheiro da família.	6,056	1	7	2,444	-1,834
CF21	Elaboramos e acompanhamos um orçamento para controlar nossos gastos.	5,929	1	7	1,470	-1,500
CF22	Seguimos consistentemente o orçamento ou plano de gastos estabelecido.	5,267	1	7	-0,368	-0,862
CF23	Utilizamos um orçamento escrito para guiar nossas decisões financeiras.	4,876	1	7	-1,309	-0,637
CF24	Mantemos um orçamento doméstico responsável para nossa família.	5,857	1	7	0,996	-1,320

Fonte: dados da pesquisa.

A dimensão gestão de orçamento apresenta 7 assertivas, representadas pelos códigos: CF18, CF19, CF20, CF21, CF22, CF23 e CF24. Os indicadores da dimensão gestão de orçamento que mais tiveram frequência de apontamento, foram CF20 com uma média de 6,056, seguido de CF18 com uma média de 5,941; CF21 com uma média de 5,929 e CF24 com uma média de 5,857. A assimetria indica uma inclinação na distribuição dos dados para a direita em função dos valores negativos de todos os indicadores. Já a curtose apresenta distribuição pontiaguda em razão dos valores positivos, com exceção das assertivas CF22 e CF23. Apresenta-se na tabela 7, a estatística descritiva dos indicadores da dimensão gestão de riscos.

Tabela 7 - Dimensão gestão de riscos do CGFF

Cód	Assertiva	Média	Mínimo	Máximo	Curtose	Assimetria
CF25	Possuímos uma apólice de seguro de vida para proteger nossa família financeiramente.	1,77	1	7	3,291	2,204
CF26	Possuímos uma apólice de seguro de proprietário ou locatário para proteção adequada.	2,193	1	7	0,448	1,490
CF27	Possuímos um testamento atualizado para garantir a proteção do patrimônio familiar.	1,547	1	7	6,24	2,805
CF28	Possuímos uma apólice de seguro de invalidez para situações imprevistas.	2,019	1	7	1,251	1,751
CF29	No ano passado, fizemos contribuições para programas de aposentadoria privada.	1,829	1	7	2,607	2,075

Fonte: dados da pesquisa.

A dimensão gestão de riscos apresenta 5 assertivas, representadas pelos códigos: CF25, CF26, CF27, CF28 e CF29. Os indicadores da dimensão gestão de riscos que mais tiveram frequência de apontamento, foram CF26 com uma média de 2,193, seguido de CF18 com uma média de 2,019. A assimetria indica uma inclinação na distribuição dos dados para a esquerda em função dos valores positivos de todos os indicadores. Já a curtose apresenta distribuição pontiaguda em razão dos valores positivos. Apresenta-se na tabela 8, a estatística descritiva dos indicadores da dimensão gestão de investimentos.

Tabela 8 - Dimensão gestão de investimentos do CGFF

Cód	Assertiva	Média	Mínimo	Máximo	Curtose	Assimetria
CF30	Diversificamos nossos investimentos em diferentes tipos de ativos.	2,127	1	7	0,979	1,554
CF31	Realizamos investimentos em títulos, ações ou fundos mútuos.	1,817	1	7	2,961	2,048
CF32	Investimos ou compramos ativamente investimentos no último ano.	2,488	1	7	-0,350	1,159
CF33	Mantemos registros financeiros bem organizados e de fácil acesso.	2,925	1	7	-1,162	0,761

Fonte: dados da pesquisa.

A dimensão gestão de investimentos apresenta 4 assertivas, representadas pelos códigos: CF30, CF31, CF32 e CF33. Os indicadores da dimensão gestão de investimentos que mais tiveram frequência de apontamento, foram CF33 com uma média de 2,925, seguido de CF32 com uma média de 2,488. A assimetria indica uma inclinação na distribuição dos dados para a esquerda em função dos valores positivos de todos os indicadores. A curtose apresenta distribuição pontiaguda em razão dos valores positivos nas assertivas CF30 e CF31, já nas assertivas CF32 e CF33 apresenta distribuição achatada, em razão dos valores negativos.

Na próxima seção, apresentam-se os dados do constructo de autorregulação. Trata-se de uma medida dada por meio de duas dimensões: estabelecimento de objetivos e controle de impulsos.

4.1.2.3 Bem-estar Financeiro

O Bem-Estar Financeiro (BEF) é um pilar essencial na gestão financeira pessoal, representando a capacidade de gerenciamento da renda de forma apropriada para atender às necessidades básicas e assegurar um futuro financeiro confortável. Logo está relacionado ao presente e ao futuro, pois leva em consideração as finanças saudáveis no presente e no futuro (Arber; Fenn; Meadows, 2014).

O constructo de bem-estar financeiro apresenta duas dimensões: expectativa financeira e capacidade financeira. A tabela 9 apresenta a estatística descritiva dos indicadores da dimensão expectativa financeira:

Tabela 9 - Dimensão de expectativa financeira do BEF

Cód	Assertiva	Média	Mínimo	Máximo	Curtose	Assimetria
BEF01	Estamos otimistas em relação às finanças no futuro.	5,32	1	7	-0,412	-0,896
BEF02	Quando comparamos a situação financeira familiar de 12 meses atrás com a atual, percebemos que ela melhorou.	4,829	1	7	-1,155	-0,578
BEF03	Estamos nos tornando financeiramente seguros.	4,969	1	7	-0,916	-0,654
BEF04	Estamos construindo um futuro financeiro seguro.	5,189	1	7	-0,564	-0,769
BEF05	Acreditamos que vamos alcançar as metas financeiras que estabelecemos para o futuro.	5,248	1	7	-0,544	-0,822

Fonte: dados da pesquisa.

A dimensão expectativa financeira apresenta 5 assertivas, representadas pelos códigos: BEF01, BEF02, BEF03, BEF04 e BEF05. Os indicadores da dimensão expectativa financeira

que mais tiveram frequência de apontamento, foram BEF01 com uma média de 5,320, seguido de BEF05 com uma média de 5,248. A assimetria indica uma inclinação na distribuição dos dados para a direita em função dos valores negativos de todos os indicadores. A curtose apresenta distribuição achatada, em razão dos valores negativos. A tabela 10 apresenta a estatística descritiva dos indicadores da dimensão capacidade financeira:

Tabela 10 - Dimensão de capacidade financeira do BEF

Cód	Assertiva	Média	Mínimo	Máximo	Curtose	Assimetria
BEF06	Nossa família está em dia com as finanças, pagando todas as contas até o vencimento.	5,804	1	7	0,532	-1,389
BEF07	Nos últimos 12 meses, nossa família pagou contas importantes, como aluguel ou prestação da casa, sempre até o vencimento.	5,702	1	7	0,172	-1,299
BEF08	Nos últimos 12 meses, conseguimos pagar coisas como geladeira, sofá ou carro sempre até o vencimento.	5,767	1	7	0,390	-1,362
BEF09	Temos uma reserva financeira para emergências.	5,488	1	7	-0,285	-1,114
BEF10	Pagamos as parcelas de nossas dívidas sem apertos.	5,733	1	7	0,528	-1,294

Fonte: dados da pesquisa.

A dimensão capacidade financeira apresenta 5 assertivas, representadas pelos códigos: BEF06, BEF07, BEF08, BEF09 e BEF10. Os indicadores da dimensão capacidade financeira que mais tiveram frequência de apontamento, foram BEF06 com uma média de 5,804, seguido de BEF08 com uma média de 5,767. A assimetria indica uma inclinação na distribuição dos dados para a direita em função dos valores negativos de todos os indicadores. A curtose apresenta distribuição achatada no indicador BEF09, em razão do valor negativo. Já nos indicadores BEF06, BEF07, BEF08 e BEF10 apresenta distribuição pontiaguda, em razão dos valores positivos.

4.2 VALIDAÇÃO DOS MODELOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa para fins de resposta aos objetivos específicos “b”: Avaliar a relação entre autorregulação e o comportamento de gestão financeira familiar”; “c”: Avaliar a relação entre comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro; e “d”: Avaliar a relação entre a autorregulação e o bem-estar financeiro, mediada pelo comportamento de gestão financeira familiar. Estes objetivos

específicos concentram-se nas relações entre as variáveis latentes do modelo estrutural proposto.

4.2.1 Modelo do Comportamento de Gestão Financeira Familiar

A confiabilidade refere-se à habilidade de fornecer resultados consistentes ao longo do tempo e em diferentes locais, com base em diversas observações. Ela engloba aspectos como coerência, precisão, estabilidade, equivalência e homogeneidade. Para avaliar a confiabilidade dos dados, é necessário que os escores estimados por meio de uma escala demonstrem diversas evidências de validade e, ao mesmo tempo, apresentem indicadores apropriados de precisão. (Souza *et al.*, 2017).

4.2.1.1 Análise Exploratória constructo do comportamento de gestão financeira familiar.

Para examinar a estrutura subjacente do instrumento resultante de 33 itens do constructo de comportamento de gestão financeira familiar, foi realizada uma análise fatorial exploratória (AFE) usando o método de extração de componentes principais. A rotação varimax foi escolhida buscando verificar a relação ortogonal entre os fatores (Marôco, 2018).

Tabela 11 – AFE do constructo do CGFF

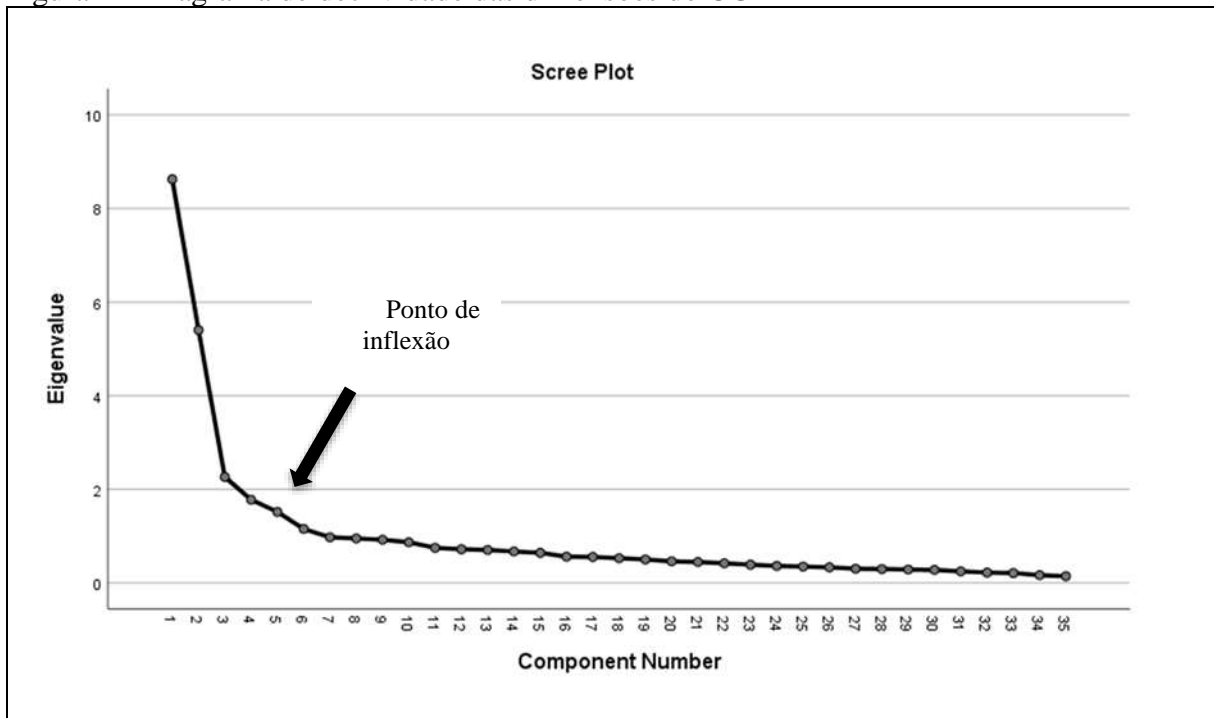
Cód	Descrição	Gestão de dívidas	Gestão de reserva financeira	Gestão de orçamento	Gestão de riscos	Gestão de investimentos
CF01	Sempre temos ciência do valor exato de nossas dívidas pendentes.	0,773				
CF02	Monitoramos cuidadosamente o fluxo de caixa para evitar problemas financeiros.	0,731				
CF03	Monitoramos e controlamos de perto nossos gastos para evitar excessos financeiros.	0,72				
CF04	Pagamos todas as contas em dia, evitando atrasos e multas.	0,717				
CF05	Identificamos e reduzimos despesas de custo de vida quando necessário.	0,711				
CF06	Mantemos o autocontrole e evitamos compras impulsivas quando vemos algo que desejamos.	0,706				
CF07	Encaramos com entusiasmo as oportunidades para aumentar nossos ganhos financeiros.	0,648				
CF08	Mantemos nossas finanças devidamente organizadas e estruturadas para uma gestão eficiente.	0,614				
CF09	Pagamos integralmente a fatura do cartão de crédito todos os meses.	0,574				
CF10	Contribuímos regularmente para uma conta poupança.		0,766			
CF11	Estabelecemos e mantemos um fundo de poupança de emergência.		0,765			

CF12	Temos o hábito de iniciar ou aumentar nossas economias regularmente.	0,691
CF13	Estabelecemos metas de economia para objetivos de longo prazo, como educação, carro ou casa.	0,620
CF14	Sempre reservamos dinheiro para economizar parte de nossa renda.	0,610
CF15	Sempre buscamos economizar dinheiro quando possível.	0,598
CF16	Nosso orçamento inclui um plano para lidar com emergências e despesas inesperadas.	0,583
CF17	Regularmente separamos dinheiro para economizar e investir.	0,537
CF18	Avaliamos regularmente nossos gastos para identificar oportunidades de melhoria.	0,82
CF19	Elaboramos um plano detalhado para o futuro financeiro da família.	0,791
CF20	Fazemos planos claros sobre como usar o dinheiro da família.	0,742
CF21	Elaboramos e acompanhamos um orçamento para controlar nossos gastos.	0,736
CF22	Seguimos consistentemente o orçamento ou plano de gastos estabelecido.	0,62
CF23	Utilizamos um orçamento escrito para guiar nossas decisões financeiras.	0,551
CF24	Mantemos um orçamento doméstico responsável para nossa família.	0,518
CF25	Possuímos uma apólice de seguro de vida para proteger nossa família financeiramente.	0,757
CF26	Possuímos uma apólice de seguro de proprietário ou locatário para proteção adequada.	0,72
CF27	Possuímos um testamento atualizado para garantir a proteção do patrimônio familiar.	0,68
CF28	Possuímos uma apólice de seguro de invalidez para situações imprevistas.	0,671
CF29	No ano passado, fizemos contribuições para programas de aposentadoria privada.	0,604
CF30	Diversificamos nossos investimentos em diferentes tipos de ativos.	0,841
CF31	Realizamos investimentos em títulos, ações ou fundos mútuos.	0,809
CF32	Investimos ou compramos ativamente investimentos no último ano.	0,716
CF33	Valorizamos a importância dos investimentos e temos um plano claro para atingir nossos objetivos financeiros.	0,680

Fonte: Dados da pesquisa

O teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi de 0,875 sendo valor superior a 0,80 detém uma classificação adjetivada como boa (Marôco, 2018). O número de componentes retidos foi determinado pelo declive (figura 2) em 5 fatores (Hayton; Allen; Scarpello, 2004) apresentando variância explicada de 55,95%.

Figura 2 – Diagrama de declividade das dimensões do CGFF



Fonte: Dados da pesquisa

Os itens retidos apresentaram valores superiores a 0,40 (Stevens, 2012), sem itens de carga cruzada e com coerência conceitual com seu componente correspondente. As cinco dimensões retidas foram nomeadas em Gestão de dívidas, Gestão de reserva financeira, Gestão de orçamento, Gestão de riscos e Gestão de investimentos.

A gestão de dívidas envolve conscientização dos débitos, controle rigoroso de gastos e monitoramento do fluxo de caixa. Pagamento pontual das contas, redução de despesas quando necessário e evitando compras impulsivas são essenciais. Buscar oportunidades de aumento de renda, manter as finanças organizadas e pagar integralmente a fatura do cartão de crédito ajudam a garantir estabilidade financeira a longo prazo.

Já a gestão de reserva financeira envolve práticas como contribuir regularmente para uma conta poupança e manter um fundo de emergência. É importante estabelecer metas de economia para objetivos de longo prazo, como educação, carro ou casa, reservando sempre uma parte da renda para isso. Além disso, é essencial incluir no orçamento um plano para lidar com emergências e despesas imprevistas, separando regularmente dinheiro para economizar e investir.

A gestão de orçamento é essencial para manter as finanças familiares saudáveis. Isso inclui avaliar regularmente os gastos, elaborar um plano financeiro detalhado, fazer decisões claras sobre o uso do dinheiro da família e acompanhar de perto um orçamento estabelecido. É

importante seguir consistentemente o plano de gastos, utilizar um orçamento escrito como guia e garantir que os recursos sejam utilizados de forma responsável para atender às necessidades familiares.

Por sua vez, a gestão de riscos financeiros é essencial para proteger o patrimônio familiar. Isso inclui possuir apólices de seguro de vida e de proprietário/locatário para garantir a segurança financeira da família em caso de eventos adversos. Além disso, é importante manter um testamento atualizado para proteger o patrimônio e garantir sua distribuição de acordo com os desejos. Ter uma apólice de seguro de invalidez é fundamental para lidar com situações imprevistas que possam afetar a capacidade de trabalho e gerar perdas financeiras. Contribuir regularmente para programas de aposentadoria privada também é uma medida importante para garantir segurança financeira no futuro. Essas práticas ajudam a minimizar os riscos financeiros e proteger o bem-estar da família em diversas circunstâncias.

Por fim, a gestão de investimentos é fundamental para o crescimento financeiro. Isso envolve diversificar os investimentos em diversos tipos de ativos, como títulos, ações ou fundos mútuos, visando minimizar riscos e maximizar retornos. Além disso, é importante investir ativamente e ter um plano claro para alcançar os objetivos financeiros estabelecidos. Valorizar a importância dos investimentos ajuda a construir um futuro financeiramente sólido e seguro.

4.2.1.2 Análise Confirmatória do constructo do comportamento de gestão financeira familiar.

Um modelo hierárquico de segunda ordem tipo reflexivo – formativo foi conduzido conforme Hair *et al.*, (2021). Entendendo que cada dimensão latente apresenta itens correlacionados refletem o constructo do comportamento de gestão financeira familiar (tabela 12).

Tabela 12 – AFC do constructo do CGFF

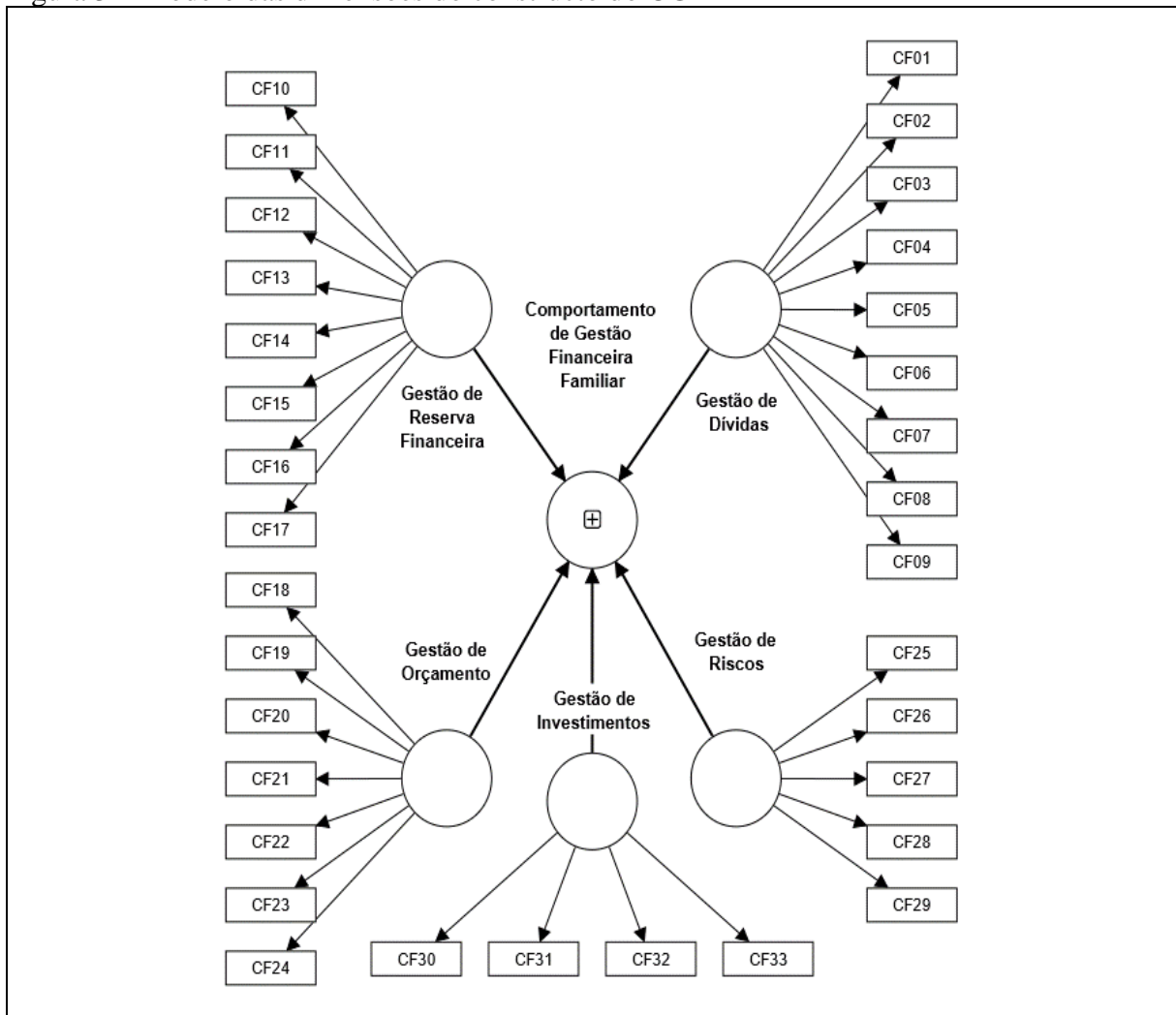
Cód	Descrição	Gestão de dívidas	Gestão de reserva financeira	Gestão de orçamento	Gestão de riscos	Gestão de investimentos
CF01	Sempre temos ciência do valor exato de nossas dívidas pendentes.	0,738				
CF02	Monitoramos cuidadosamente o fluxo de caixa para evitar problemas financeiros.	0,761				
CF03	Monitoramos e controlamos de perto nossos gastos para evitar excessos financeiros.	0,768				
CF04	Pagamos todas as contas em dia, evitando atrasos e multas.	0,688				
CF05	Identificamos e reduzimos despesas de custo de vida quando necessário.	0,786				
CF06	Mantemos o autocontrole e evitamos compras impulsivas quando vemos algo que desejamos.	0,693				
CF07	Encaramos com entusiasmo as oportunidades para aumentar nossos ganhos financeiros.	0,645				
CF08	Mantemos nossas finanças devidamente organizadas e estruturadas para uma gestão eficiente.	0,66				
CF09	Pagamos integralmente a fatura do cartão de crédito todos os meses.	0,658				
CF10	Contribuímos regularmente para uma conta poupança.		0,81			
CF11	Estabelecemos e mantemos um fundo de poupança de emergência.		0,838			
CF12	Temos o hábito de iniciar ou aumentar nossas economias regularmente.		0,709			
CF13	Estabelecemos metas de economia para objetivos de longo prazo, como educação, carro ou casa.		0,684			
CF14	Sempre reservamos dinheiro para economizar parte de nossa renda.		0,726			
CF15	Sempre buscamos economizar dinheiro quando possível.		0,621			
CF16	Nosso orçamento inclui um plano para lidar com emergências e despesas inesperadas.		0,719			
CF17	Regularmente separamos dinheiro para economizar e investir.		0,654			
CF18	Avaliamos regularmente nossos gastos para identificar oportunidades de melhoria.			0,829		
CF19	Elaboramos um plano detalhado para o futuro financeiro da família.			0,781		
CF20	Fazemos planos claros sobre como usar o dinheiro da família.			0,721		
CF21	Elaboramos e acompanhamos um orçamento para controlar nossos gastos.			0,775		
CF22	Seguimos consistentemente o orçamento ou plano de gastos estabelecido.			0,771		
CF23	Utilizamos um orçamento escrito para guiar nossas decisões financeiras.			0,666		
CF24	Mantemos um orçamento doméstico responsável para nossa família.			0,706		
CF25	Possuímos uma apólice de seguro de vida para proteger nossa família financeiramente.				0,811	
CF26	Possuímos uma apólice de seguro de proprietário ou locatário para proteção adequada.				0,676	

CF27	Possuímos um testamento atualizado para garantir a proteção do patrimônio familiar.	0,69				
CF28	Possuímos uma apólice de seguro de invalidez para situações imprevistas.	0,723				
CF29	No ano passado, fizemos contribuições para programas de aposentadoria privada.	0,744				
CF30	Diversificamos nossos investimentos em diferentes tipos de ativos.	0,859				
CF31	Realizamos investimentos em títulos, ações ou fundos mútuos.	0,803				
CF32	Investimos ou compramos ativamente investimentos no último ano.	0,803				
CF33	Valorizamos a importância dos investimentos e temos um plano claro para atingir nossos objetivos financeiros.	0,822				
<i>Alfa de Cronbach (α)</i>		0,879	0,868	0,871	0,781	0,841
<i>Composite Reliability - CR</i>		0,889	0,874	0,874	0,787	0,853
<i>Average Variance Extracted - AVE</i>		0,508	0,523	0,565	0,533	0,676

Fonte: Dados da pesquisa

Os indicadores da dimensão gestão de dívidas, gestão de reserva financeira, gestão de orçamento, gestão de riscos e gestão de investimentos apresentam *loadings* satisfatórios, dentro dos parâmetros estabelecidos. O modelo de comportamento de gestão financeira familiar foi formado por cinco dimensões (figura 3).

Figura 3 – Modelo das dimensões do constructo do CGFF



Fonte: Dados de pesquisa

As dimensões devem ser validadas segundo Hair *et al.*, (2021) quanto a colinearidade, a relevância e a significância.

Tabela 13– Validação do constructo do CGFF

Dimensão	VIF	Relevância	p-value
Gestão de dívidas	1,443	0,262	0,000
Gestão de investimentos	1,409	0,327	0,000
Gestão de orçamento	1,703	0,336	0,000
Gestão de reserva financeira	1,883	0,347	0,000
Gestão de riscos	1,362	0,283	0,000

Fonte: Dados da pesquisa

As dimensões gestão de dívidas, gestão de investimentos, gestão de orçamento, gestão de reserva financeira e gestão de riscos são significativas, apresentam VIF inferior a 2,50 (Becker; Ringle; Wende, 2015), apresentando relevância no constructo formativo do Comportamento em Gestão Financeira Familiar.

4.2.2 Modelo de autorregulação

Na tabela 14, encontram-se os resultados da validação do constructo de autorregulação, considerando os *loadings* dos itens, bem como a confiabilidade composta (CR) e o *Average* (AVE). Esses resultados são essenciais para garantir a robustez e a confiabilidade dos modelos propostos, ajudando a interpretar adequadamente os relacionamentos entre as variáveis estudadas.

Tabela 14 – AFC do constructo da AR

Cód	Descrição	Estabelecimento de objetivos	Controle de Impulsos
AR01	Estabelecemos metas para a família e acompanhamos o progresso.	0,750	
AR02	Quando a família tem uma meta, geralmente planejamos como alcançá-la.	0,810	
AR03	Se resolvemos mudar alguma coisa, prestamos muita atenção em como estamos.	0,770	
AR04	Temos facilidade em estabelecer metas familiares.	0,752	
AR05	Normalmente acompanhamos o progresso familiar em direção aos objetivos.	0,814	
AR06	Temos facilidade em fazer planos que nos ajudem a alcançar os objetivos.	0,726	
AR07	Temos facilidade em decidir sobre as coisas em família.		0,703
AR08	Não adiamos a tomada de decisões.		0,767
AR09	Quando se trata de decidir sobre uma mudança, não nos sentimos sobrecarregados com a escolha.		0,81
AR10	Pequenos problemas ou distrações não nos tiram do rumo.		0,722
AR11	Mesmo tendo muitos planos, conseguimos nos concentrar neles.		0,744
	<i>Alfa</i>	0,863	0,806
	<i>CR</i>	0,898	0,865
	<i>AVE</i>	0,594	0,563

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados obtidos para os indicadores relacionados às dimensões do estabelecimento de objetivos e controle de impulsos revelaram *loadings* que atendem aos critérios estabelecidos, indicando uma boa validade dessas medidas. Isso sugere que os itens utilizados para avaliar essas dimensões estão adequadamente alinhados com os constructos que pretendem mensurar, reforçando a confiabilidade dos resultados.

4.2.3 Modelo do Bem-estar Financeiro

Na tabela 15, encontram-se os resultados da validação do constructo de bem-estar financeiro, considerando os *loadings* dos itens, bem como a confiabilidade composta (CR) e o *Average* (AVE). Esses resultados são essenciais para garantir a robustez e a confiabilidade dos

modelos propostos, ajudando a interpretar adequadamente os relacionamentos entre as variáveis estudadas.

Tabela 15 – AFC do constructo do BEF

Cód	Descrição	Expectativa Financeira	Capacidade Financeira
BEF01	Estamos otimistas em relação às finanças no futuro	0,800	
BEF02	Quando comparamos a situação financeira familiar de 12 meses atrás com a atual, percebemos que ela melhorou.	0,850	
BEF03	Estamos nos tornando financeiramente seguros	0,913	
BEF04	Estamos construindo um futuro financeiro seguro.	0,899	
BEF05	Acreditamos que vamos alcançar as metas financeiras que estabelecemos para o futuro.	0,789	
BEF06	Nossa família está em dia com as finanças, pagando todas as contas até o vencimento.		0,899
BEF07	Nos últimos 12 meses, nossa família pagou contas importantes, como aluguel ou prestação da casa, sempre até o vencimento.		0,872
BEF08	Nos últimos 12 meses, conseguimos pagar coisas como geladeira, sofá ou carro sempre até o vencimento.		0,914
BEF09	Temos uma reserva financeira para emergências.		0,773
BEF10	Pagamos as parcelas de nossas dívidas sem apertos.		0,789
	<i>Alfa</i>	0,905	0,904
	<i>CR</i>	0,916	0,906
	<i>AVE</i>	0,726	0,725

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados obtidos para os indicadores relacionados às dimensões de expectativa financeira e capacidade financeira revelaram *loadings* que atendem aos critérios estabelecidos, indicando uma boa validade dessas medidas. Isso sugere que os itens utilizados para avaliar essas dimensões estão adequadamente alinhados com os constructos que pretendem mensurar, reforçando a confiabilidade dos resultados.

4.3 DIAGNÓSTICO DOS CONSTRUCTOS

Para atender o objetivo específico a “descrever a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro”, foram levantados os indicadores de dispersão dos dados das variáveis latentes. A tabela 16 visa demonstrar a média, mediana, quartil superior e quartil inferior das várias latentes dos constructos.

Tabela 16 - Dispersão das variáveis latentes dos constructos com dados não padronizados

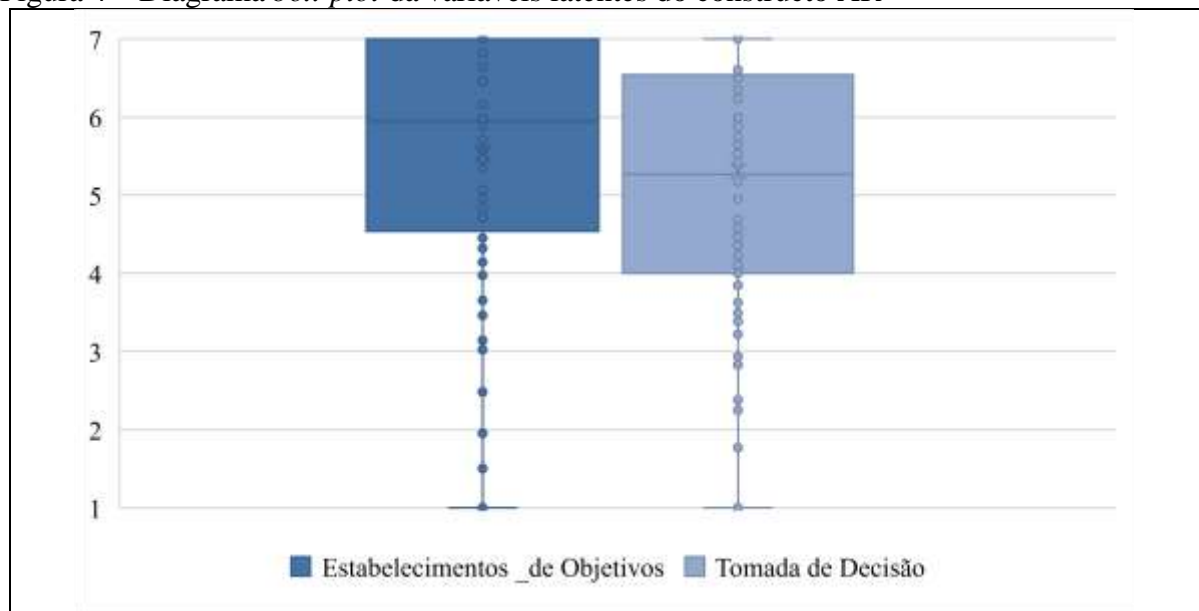
Constructos	Variáveis Latentes	Média	Mediana	Quartil Superior	Quartil Inferior
Autorregulação	Estabelecimento de objetivos	5,536	5,945	7,000	6,101
	Controle de Impulsos	5,309	5,27	6,362	4,013
	Gestão de dívidas	6,339	6,771	7,000	4,844

Comportamento de Gestão Financeira Familiar	Gestão de reserva financeira	5,095	5,383	2,162	1,000
	Gestão de orçamento	5,718	6,112	3,151	1,000
	Gestão de riscos	1,840	1,000	7,000	4,580
	Gestão de investimentos	2,269	1,592	6,517	4,000
Bem-estar financeiro	Expectativa financeira	5,116	5,416	7,000	4,000
	Capacidade financeira	5,697	4,695	7,000	4,695

Fonte: Dados da pesquisa

A figura 4 apresenta o gráfico box-plot do constructo de autorregulação (AR), que baseado em variáveis latentes validadas estatisticamente, foi criado com o propósito de visualizar a dispersão dos dados não padronizados de forma a estabelecer uma representação concordante com a escala de Likert utilizada.

Figura 4 – Diagrama *box-plot* da variáveis latentes do constructo AR

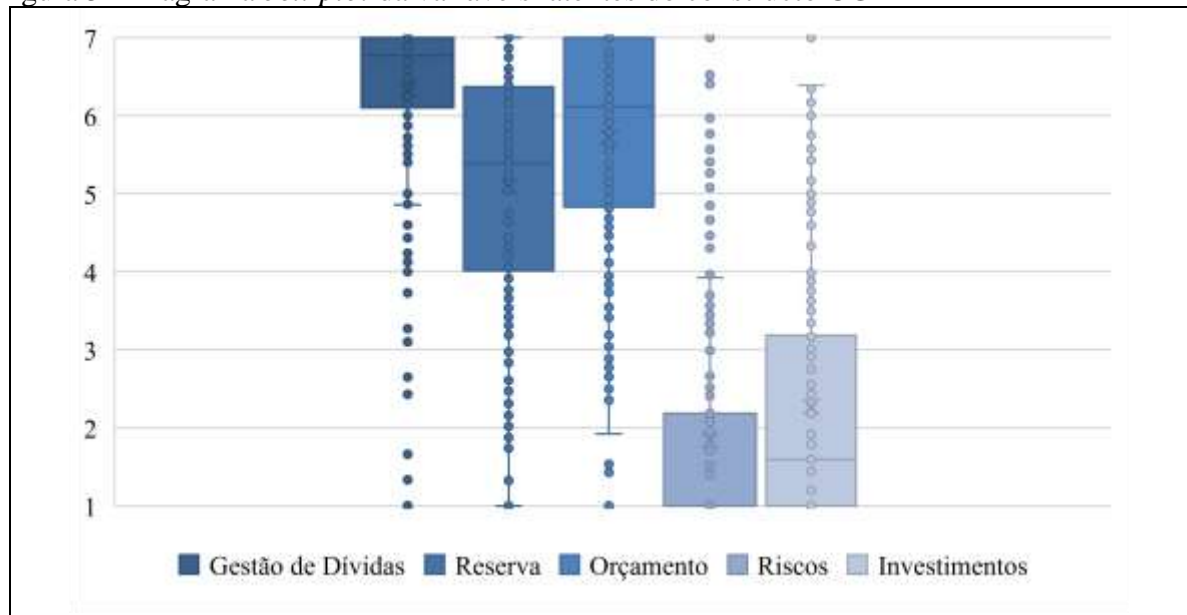


Fonte: Dados da pesquisa

No que diz respeito ao constructo de autorregulação, as dimensões relacionadas ao estabelecimento de objetivos e controle de impulsos demonstraram médias positivas. Isso sugere que as famílias examinadas têm a capacidade de definir objetivos financeiros, além de exercer controle sobre seus impulsos financeiros. Essa tendência positiva aponta para uma atitude proativa em relação à saúde financeira, onde os indivíduos são capazes de planejar e resistir a comportamentos impulsivos que possam comprometer seu bem-estar econômico a longo prazo.

A figura 5 apresenta o gráfico box-plot do constructo de comportamento de gestão financeira familiar, que baseado em variáveis latentes validadas estatisticamente, foi criado com o propósito de visualizar a dispersão dos dados não padronizados de forma a estabelecer uma representação concordante com a escala de Likert utilizada.

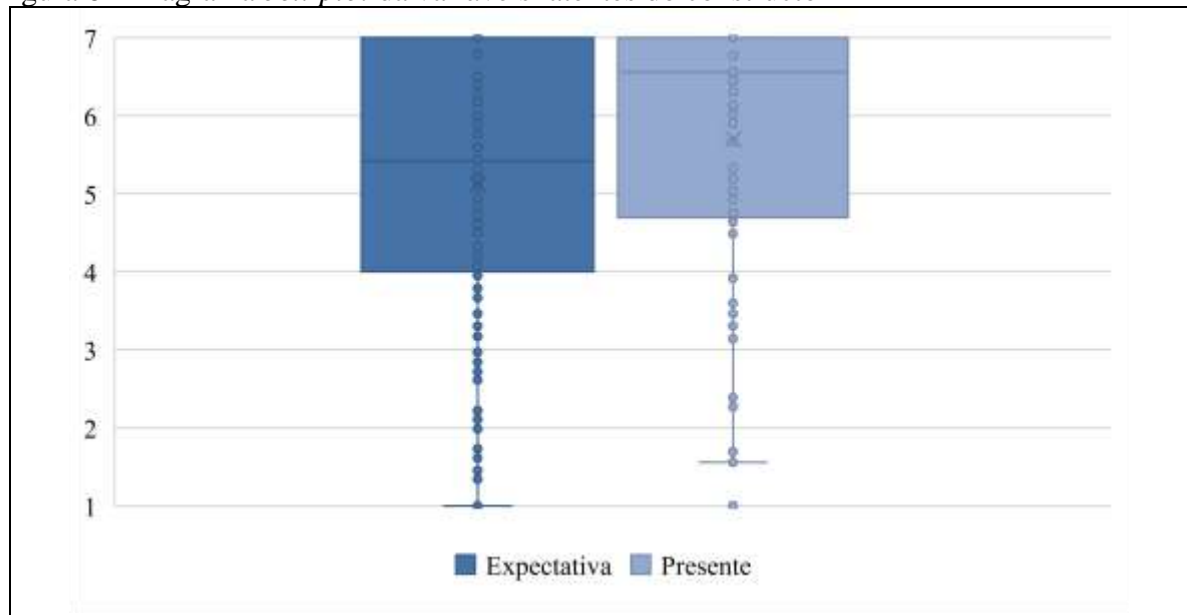
Figura 5 - Diagrama *box-plot* da variáveis latentes do constructo CGFF



Fonte: Dados da pesquisa

No contexto do comportamento de gestão financeira familiar, os resultados revelam uma visão multifacetada. Observou-se que as dimensões de gestão de dívidas, gestão de reserva financeira e gestão de orçamento receberam avaliações positivas, indicando práticas financeiras positivas dentro dessas áreas. Isso sugere que as famílias estão demonstrando habilidades no gerenciamento de dívidas, na criação e manutenção de reservas financeiras e no estabelecimento de orçamentos. Por outro lado, as dimensões de gestão de riscos e gestão de investimentos revelaram médias mais baixas, evidenciando lacunas significativas nas estratégias de gestão financeira. Esses resultados sugerem que as famílias podem estar enfrentando desafios ao lidar com questões relacionadas ao controle de riscos financeiros e à tomada de decisões de investimento. Entende-se então que as dimensões do comportamento de gestão financeira familiar não estão correlacionadas entre si, por isso o modelo define-se como formativo.

A figura 6 apresenta o gráfico *box-plot* do constructo de bem-estar financeiro, que baseado em variáveis latentes validadas estatisticamente, foi criado com o propósito de visualizar a dispersão dos dados não padronizados de forma a estabelecer uma representação concordante com a escala de Likert utilizada.

Figura 6 - Diagrama *box-plot* da variáveis latentes do constructo BEF

Fonte: Dados da pesquisa

No que tange ao constructo de bem-estar financeiro, é interessante notar que as dimensões de expectativa financeira e capacidade financeira apresentaram médias positivas. Estes resultados sugerem que as famílias têm uma percepção otimista em relação às suas finanças futuras, o que pode refletir uma confiança na sua capacidade de alcançar metas financeiras a longo prazo. Além disso, a evidência de uma capacidade financeira para lidar com obrigações de curto prazo sugere uma estabilidade financeira presente, onde as famílias conseguem gerenciar suas despesas e cumprir seus compromissos financeiros de forma eficaz.

4.4 MODELO ESTRUTURAL

Na tabela 17, são apresentados os resultados da análise da validade discriminante através do método HTMT, entre as diversas dimensões estudadas.

Tabela 17 - Validade Discriminante – Teste HTMT

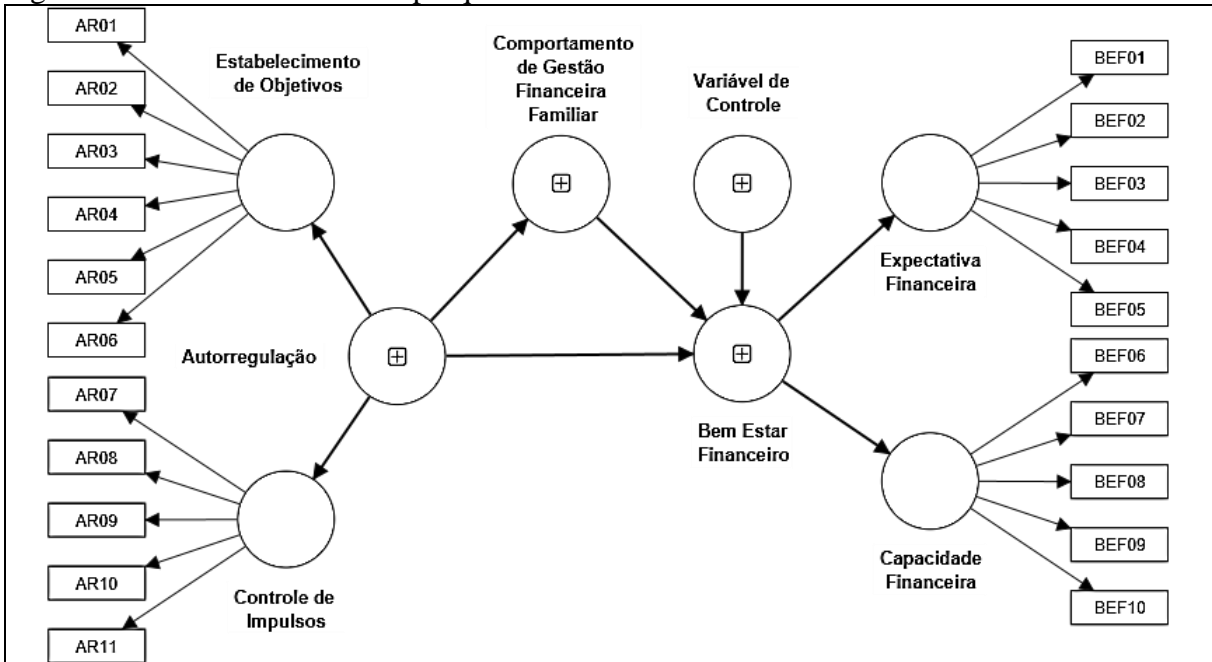
	Gestão de Dívidas	Gestão de Investimentos	Gestão de orçamento	Gestão de riscos	Gestão de reserva financeira	Estabelecimento de Objetivos	Controle de Impulsos	Capacidade Financeira	Teste HTMT diferente de 1
Gestão de dívidas									Sim
Gestão de investimentos	0,165								Sim
Gestão de orçamento	0,488	0,122							Sim
Gestão de riscos	0,309	0,561	0,109						Sim

Gestão de reserva financeira	0,441	0,347	0,682	0,177					Sim
Estabelecimento de objetivos	0,315	0,174	0,473	0,138	0,471				Sim
Controle de impulsos	0,144	0,186	0,191	0,159	0,14	0,525			Sim
Capacidade Financeira	0,409	0,105	0,39	0,122	0,49	0,329	0,125		Sim
Expectativa Financeira	0,282	0,119	0,368	0,100	0,388	0,308	0,181	0,536	Sim

Fonte: Dados da pesquisa

O teste *bootstrapping bias-corrected* foi realizado para verificar a existência de valores 1 no intervalo de confiança de 95%. Não foi observado valor igual a 1, o que indica que o modelo possui validade discriminante. Esse resultado confirma que as dimensões estudadas são distintas entre si e não estão altamente correlacionadas. A validade discriminante é demonstrada que cada dimensão está medindo um construto único e não esteja sobrepondo outros aspectos do fenômeno estudado (Hair *et al.*, 2021). O teste de hipóteses foi efetuado conforme figura 7.

Figura 7 - Modelo estrutural da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa

Para os testes de hipóteses os dados foram calculados na tabela 18.

Tabela 18 – Indicadores do modelo da pesquisa

Caminhos Estruturais	Modelo a				Modelo b			
	f ²	VIF	Path Coeffs	p-value	f ²	VIF	Path Coeffs	p-value
Variável de Controle	0,066	1,047	0,227	0,000	0,066	1,047	0,227	0,000
AR → BEF	0,012	1,154	0,233	0,000	0,012	1,154	0,102	0,066

AR → CGFF		0,153	1,000	0,364	0,000
CGFF → BEF		0,145	1,194	0,359	0,000
R ²	0,256			0,256	
R ² _a	0,259			0,259	

Fonte: Dados da pesquisa

A hipótese H1: “A autorregulação tem relação positiva com o comportamento de gestão financeira familiar” é confirmada, visto que a relação é positiva e significativa ($\beta = 0,364$; p-value = 0,000). Por sua vez a H2: “O comportamento de gestão financeira familiar tem relação positiva com o bem-estar financeiro” é confirmada, sendo que a relação é significativa e positiva ($\beta = 0,359$; p-value = 0,000). Para testar a H3: “A autorregulação mediada pelo comportamento de gestão financeira familiar influencia positivamente o bem-estar financeiro” foi inicialmente, foi calculado o “modelo a” para avaliar relação direta entre a “autorregulação” (AR) e o “bem-estar financeiro” (BEF) o qual é positivo e significativo ($\beta = 0,227$; p-value= 0,000). Entretanto ao adicionar a variável mediadora "Comportamento de Gestão Financeiro Familiar" (CGFF) calculando os indicadores no “modelo b” a relação entre AR e BEF fica positiva e não significativa ($\beta = 0,102$; p-value= 0,066). Conclui-se que a variável CGFF transfere “per si” a relação entre as variáveis AR e BEFF confirmando H3.

4.5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão analisados e discutidos os resultados obtidos na pesquisa, com o intuito de responder às hipóteses formuladas.

4.5.1 Autorregulação e Comportamento de Gestão Financeira Familiar

A hipótese H1 “a autorregulação tem relação positiva com o comportamento de gestão financeira familiar”, foi confirmada. Essa constatação sugere que famílias que demonstram habilidades de estabelecimento de objetivos e controle de impulsos, tendem a adotar comportamentos mais eficazes na gestão de suas dívidas, reserva financeira, orçamento, riscos e investimentos. Isso pode ser atribuído à capacidade das famílias autorreguladas de exercerem um maior controle sobre suas decisões financeiras.

A autorregulação define-se como um atributo essencial da personalidade humana, desempenhando um papel fundamental na regulação dos pensamentos, sentimentos e impulsos

de um indivíduo, além de contribuir significativamente para o aprimoramento do seu desempenho nas atividades cotidianas. Esse processo adaptativo não apenas capacita as pessoas a ajustarem suas respostas de acordo com as normas sociais, mas também representa uma habilidade valiosa para enfrentar uma variedade de desafios (Baumeister *et al.*, 2006).

Já o termo comportamento de gestão financeira engloba um conjunto de aspectos comportamentais complexos relacionados ao planejamento, execução e análise de diversas atividades financeiras. Isso inclui a administração do fluxo de caixa, o gerenciamento de crédito, a prática de poupança, investimentos, seguros, planejamento de aposentadoria e gestão patrimonial (Goyal; Kumar; Xiao, 2021).

As descobertas do estudo de Kasoga e Tegambwage (2022) sugerem que pessoas com alto nível de autocontrole, otimismo e uma abordagem deliberativa tendem a economizar mais dinheiro, gerenciar suas finanças de forma mais eficaz e preferir fazer investimentos. Esses traços psicológicos desempenham um papel crucial na forma como as pessoas lidam com suas finanças pessoais e investimentos, influenciando diretamente suas escolhas e estratégias financeiras. O autocontrole permite resistir a impulsos imediatos em prol de metas financeiras de longo prazo, enquanto o otimismo impulsiona a confiança na capacidade de alcançar essas metas, incentivando comportamentos proativos em relação ao dinheiro. Além disso, uma abordagem deliberativa resulta em decisões de investimento mais informadas e prudentes. Esses traços não apenas moldam as atitudes e comportamentos financeiros individuais, mas também influenciam as estratégias de gestão de dinheiro e investimento adotadas pelas pessoas.

A pesquisa conduzida por Goyal, Kumar e Xiao (2021), por exemplo, evidencia que existem uma variedade de fatores que impactam o comportamento da gestão financeira, abrangendo aspectos demográficos, socioeconômicos, psicológicos, sociais, culturais, experiência financeira, alfabetização financeira e elementos tecnológicos. Esses elementos compõem uma rede complexa de influências que moldam as atitudes, comportamentos e escolhas financeiras individuais. Deste modo, por meio dos resultados desta pesquisa, pode-se dizer que a autorregulação e o comportamento de gestão financeira familiar têm relação positiva, validando a hipótese H1. Na seção seguinte, aborda-se as considerações sobre a hipótese H2 que trata a relação entre o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro.

4.5.2 Comportamento de Gestão Financeira Familiar e Bem-estar Financeiro

A hipótese H2 “o comportamento de gestão financeira familiar tem relação positiva com o bem-estar financeiro.”, foi confirmada. Essa constatação sugere que famílias que adotam comportamentos mais eficazes na gestão de suas dívidas, reserva financeira, orçamento, riscos e investimentos, possuem maior bem-estar financeiro, ou seja, possuem capacidade de honrar com suas obrigações financeiras de curto prazo e também com seus objetivos financeiros futuros.

O bem-estar financeiro é uma medida holística que engloba tanto a estabilidade financeira presente quanto a perspectiva financeira futura de um indivíduo. Reflete não apenas a capacidade de gerir eficazmente os recursos financeiros no momento atual, mas também a confiança e a segurança em relação às finanças a longo prazo. Além disso, o bem-estar financeiro não se limita apenas à ausência de dificuldades financeiras imediatas, mas também inclui a capacidade de alcançar objetivos financeiros e aspirações futuras, proporcionando uma sensação de realização e tranquilidade em relação às finanças pessoais. Em suma, o bem-estar financeiro é alcançado quando uma pessoa é capaz de equilibrar as necessidades e desejos financeiros atuais com um planejamento estratégico para o futuro, garantindo tanto a estabilidade financeira presente quanto a prosperidade financeira futura (Arber; Fenn; Meadows, 2014).

Estudos anteriores têm destacado a estreita relação entre o comportamento de gestão financeira e o bem-estar financeiro. Por exemplo, as descobertas do estudo conduzido por Riitsalu e Murakas (2019) revelam a importância do conhecimento subjetivo nesse contexto, evidenciando seu papel crucial no bem-estar financeiro. Esse conhecimento subjetivo abrange não apenas a compreensão pessoal das finanças, mas também a capacidade de tomar decisões financeiras fundamentadas e informadas. Além disso, o estudo enfatiza a relevância do comportamento financeiro responsável e prudente como um elemento essencial para a melhoria do bem-estar financeiro dos indivíduos.

Essas descobertas sublinham a importância do conhecimento das finanças, e da habilidade de aplicar esse conhecimento de forma eficaz no contexto das decisões financeiras do dia a dia. Isso sugere que o desenvolvimento de habilidades de gestão financeira, juntamente com uma compreensão sólida dos princípios financeiros, é fundamental para promover um maior bem-estar financeiro entre os indivíduos. Além disso, enfatiza a necessidade de adotar um comportamento financeiro responsável e prudente, que envolve tomar decisões financeiras conscientes e evitar comportamentos de risco que possam comprometer a estabilidade financeira a longo prazo.

Já o estudo de Xiao, Chen e Chen (2014) demonstra uma perspectiva mais completa e proativa na promoção do bem-estar financeiro dos consumidores. Além de transmitir conceitos básicos de educação financeira, os programas devem enfatizar a importância da ação prática. Isso implica capacitar os consumidores a aplicar o conhecimento adquirido em suas atividades financeiras diárias, como estabelecer e aderir a um orçamento, economizar para objetivos de longo prazo e gerenciar dívidas de maneira responsável. Deste modo, por meio dos resultados desta pesquisa, pode-se dizer que o comportamento de gestão financeira familiar tem relação positiva com o bem-estar financeiro, validando a hipótese H2.

Na seção seguinte, aborda-se as considerações sobre a hipótese H3 que trata a relação entre a autorregulação e o bem-estar financeiro, mediado pelo comportamento de gestão financeira familiar.

4.5.3 A relação entre a autorregulação e o bem-estar financeiro é mediada pelo comportamento de gestão financeira familiar

A hipótese H3 “a autorregulação mediada pelo comportamento de gestão financeira familiar influencia positivamente o bem-estar financeiro”, foi confirmada. Essa constatação sugere que famílias autorreguladas, que estabelecem objetivos e controlam seus impulsos e que adotam comportamentos mais eficazes na gestão de suas dívidas, reserva financeira, orçamento, riscos e investimentos, possuem maior bem-estar financeiro, ou seja, possuem capacidade de honrar com suas obrigações financeiras de curto prazo e também com seus objetivos financeiros futuros.

Neste estudo, recorre-se a análise de mediação como método estatístico para verificar se a variável independente “autorregulação” afeta a variável dependente “bem-estar financeiro” por meio de mediação da variável “comportamento de gestão financeira familiar”. A análise de mediação é empregada para investigar hipóteses ou fornecer evidências sobre os mecanismos que explicam a ocorrência de determinados efeitos, ou sob quais condições esses efeitos são facilitados ou inibidos. (Hayes, 2017).

Esse resultado corrobora com estudos anteriores. Chhatwani e Mishra (2021) revelaram que uma relação clara entre alfabetização financeira e resiliência financeira durante a pandemia do COVID-19. Ponchio, Cordeiro, Gonçalves (2019) oferecem uma visão abrangente sobre os determinantes do bem-estar financeiro, destacando a influência de várias dimensões e comportamentos individuais. Lučić e Previšić (2021) revelaram aspectos fascinantes sobre a

interação entre materialismo, impulsividade e comportamento financeiro responsável. Por fim, Silva *et al.*, (2023) oferecem uma visão rica sobre as complexas inter-relações entre diferentes aspectos do bem-estar, com um foco específico no bem-estar financeiro.

A contribuição deste estudo para o campo das ciências sociais aplicadas é notável devido à originalidade da proposição de mediação entre os construtos analisados, algo que não foi encontrado em pesquisas anteriores até a presente data. Esta abordagem preenche uma lacuna significativa na literatura existente, fornecendo uma perspectiva sobre as relações entre autorregulação, comportamento de gestão financeira e bem-estar financeiro familiar.

Em suma, famílias com maior autorregulação, ou seja, que possuem capacidade de controlar impulsos e estabelecer objetivos, tendem a ter melhor bem-estar financeiro, que é caracterizado pela capacidade financeira no presente e as expectativas financeiras futuras, essa relação é influenciado pelo comportamento de gestão financeira familiar adotado. Para isso, é essencial adotar práticas sólidas de gestão financeira, como controle de dívidas, reserva financeira, orçamento equilibrado, gerenciamento de riscos e investimentos estratégicos. Esses comportamentos promovem não apenas o alcance, mas também a sustentação do bem-estar financeiro ao longo do tempo, aumentando a resiliência financeira e o sucesso a longo prazo das famílias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo geral analisar a influência da autorregulação e do comportamento de gestão financeira familiar no bem-estar financeiro. Por meio de um estudo do tipo Survey com 322 famílias residentes em Morro da Fumaça, Santa Catarina, este objetivo foi abordado e os seguintes objetivos específicos foram examinados.

Objetivo específico a: “Descrever a autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro”. A autorregulação, o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro foram descritos quantitativamente, proporcionando uma base para a análise subsequente. Este objetivo foi alcançado através da coleta e análise de dados que possibilitaram uma compreensão das características e variações desses constructos dentro da amostra estudada.

No objetivo específico b: “Avaliar a relação entre autorregulação e o comportamento de gestão financeira familiar”. Foi confirmada uma relação positiva e significativa, sugerindo que famílias com maior autorregulação adotam comportamentos de gestão financeira mais eficazes, o que implica em uma gestão mais competente de dívidas, reservas financeiras, orçamentos, riscos e investimentos.

No objetivo específico c: “Avaliar a relação entre o comportamento de gestão financeira familiar e o bem-estar financeiro”, foi demonstrado que práticas eficazes de gestão financeira estão diretamente associadas a um maior bem-estar financeiro, reforçando a importância da gestão financeira para a saúde financeira das famílias.

Por fim, o objetivo específico d: “Avaliar a relação entre a autorregulação e o bem-estar financeiro, mediada pelo comportamento de gestão financeira familiar” identificou que não é apenas a presença de autorregulação, mas também como ela é aplicada na prática da gestão financeira que conduz ao bem-estar financeiro.

5.1 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Esta pesquisa fornece uma contribuição teórica ao demonstrar a interdependência entre autorregulação, comportamento de gestão financeira familiar e bem-estar financeiro. Dessa forma, oferece uma nova perspectiva sobre a interação de traços psicológicos e práticas financeiras, demonstrando como a autorregulação influencia diretamente os comportamentos de gestão financeira e, por sua vez, o bem-estar financeiro.

A análise confirmou que a autorregulação é um preditor significativo do comportamento de gestão financeira familiar. Este estudo estabelece uma conexão entre a capacidade das famílias de estabelecer metas e controlar impulsos e a adoção de práticas financeiras mais eficientes. A autorregulação, definida como a habilidade de regular pensamentos, sentimentos e comportamentos em resposta a desafios externos e internos, é essencial para a tomada de decisões financeiras prudentes e estratégicas.

A análise fatorial exploratória realizada para definir o constructo de comportamento de gestão financeira familiar revelou cinco dimensões críticas: gestão de dívidas, reserva financeira, orçamento, riscos e investimentos. A identificação dessas dimensões clarifica os componentes do comportamento de gestão financeira e fornece uma estrutura para investigações futuras sobre quais aspectos da gestão financeira são influenciados pela autorregulação.

O estudo amplia o entendimento de como práticas eficazes de gestão financeira contribuem para o bem-estar financeiro. A confirmação de que o comportamento de gestão financeira familiar impacta positivamente o bem-estar financeiro enfatiza a função destas práticas na manutenção da saúde financeira. A pesquisa sugere que o bem-estar financeiro é diretamente afetado pela maneira como as famílias gerenciam seus recursos financeiros.

Este estudo também contribui ao demonstrar que o comportamento de gestão financeira familiar medeia a relação entre autorregulação e bem-estar financeiro. Isso indica que a autorregulação não afeta o bem-estar financeiro diretamente, mas através de práticas de gestão financeira, ressaltando a necessidade de abordagens que focam no aprimoramento das capacidades de gestão como um meio para melhorar o bem-estar financeiro.

5.2 CONTRIBUIÇÕES PRÁTICAS

Este estudo proporciona diversas contribuições práticas que podem ser aplicadas no desenvolvimento de políticas públicas, programas de educação financeira e práticas familiares, fortalecendo a gestão financeira e promovendo um bem-estar financeiro sustentável. As implicações práticas são fundamentadas na análise das relações entre autorregulação, comportamento de gestão financeira familiar e bem-estar financeiro.

Os resultados indicam que a promoção da autorregulação dentro das famílias pode aprimorar o comportamento de gestão financeira. Portanto, programas de educação financeira que incorporam treinamentos para desenvolver habilidades de autorregulação, como

estabelecimento de metas e controle de impulsos, podem ser mais eficazes. Políticas públicas que incentivam tais programas podem contribuir para uma sociedade financeiramente mais saudável e resiliente, ajudando indivíduos a tomar decisões mais informadas e prudentes.

A identificação das cinco dimensões críticas do comportamento de gestão financeira familiar, gestão de dívidas, reserva financeira, orçamento, riscos e investimentos, oferece um framework para a criação de conteúdos educativos específicos que abordem cada uma destas áreas. Intervenções educacionais podem ser desenhadas para abordar deficiências específicas nessas dimensões, fornecendo ferramentas e conhecimentos para a gestão eficaz de cada aspecto.

Com a confirmação de que o comportamento de gestão financeira medeia a relação entre autorregulação e bem-estar financeiro, evidencia-se a necessidade de intervenções que não apenas fomentem a autorregulação, mas também que direcionem os indivíduos a aplicar essas capacidades na gestão financeira prática. Essas intervenções devem enfatizar a importância de adotar práticas de gestão financeira eficazes e conscientes para alcançar um bem-estar financeiro duradouro. As famílias podem utilizar os achados deste estudo para revisar e ajustar suas próprias práticas financeiras. Compreender a importância da autorregulação e como ela pode influenciar positivamente a gestão financeira familiar incentiva uma abordagem mais estratégica e disciplinada para as finanças domésticas. Ao implementar as práticas identificadas nas cinco dimensões, as famílias podem melhorar sua estabilidade financeira e alcançar seus objetivos financeiros de longo prazo de maneira mais eficiente

5.3 CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS

As contribuições sociais deste estudo derivam da abordagem de que a melhoria na autorregulação e no comportamento de gestão financeira familiar pode impactar positivamente o bem-estar financeiro de comunidades. As implicações sociais emergem dos achados da pesquisa que demonstram a interconexão entre práticas financeiras e o bem-estar geral das famílias.

O estudo ressalta a importância da educação financeira como uma ferramenta para o desenvolvimento comunitário. Ao evidenciar que programas focados em fortalecer a autorregulação e habilidades de gestão financeira podem melhorar o bem-estar financeiro, sugere-se que tais programas sejam inseridos em agendas educacionais e comunitárias. As autoridades locais e organizações educacionais são encorajadas a implementar e apoiar

iniciativas que promovam a alfabetização financeira, capacitando os indivíduos a gerenciarem melhor suas finanças.

As descobertas do estudo fornecem diretrizes para a criação de comunidades mais resilientes economicamente. Ao melhorar a autorregulação e as competências de gestão financeira das famílias, as intervenções baseadas nesses resultados podem reduzir a vulnerabilidade econômica, especialmente em tempos de crise. Isso não apenas ajuda as famílias a manterem estabilidade financeira em situações adversas, mas também contribui para a saúde econômica geral da comunidade.

Este estudo oferece uma base para a formulação de políticas públicas que visem o desenvolvimento econômico sustentável. Os formuladores de políticas podem utilizar esses achados para projetar e implementar estratégias que fomentem a educação financeira e o desenvolvimento de habilidades de autorregulação, como parte integral dos currículos escolares e programas comunitários. Essas políticas podem visar especificamente as populações em risco, proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para uma gestão financeira e, conseqüentemente, uma melhoria no bem-estar financeiro.

Ao facilitar um melhor comportamento de gestão financeira e promover a autorregulação, este estudo sugere caminhos para melhorar o bem-estar social. A capacidade de gerenciar as finanças pessoais e familiares alivia o estresse financeiro individual e promove uma coesão e estabilidade social. A longo prazo, essas melhorias podem levar a uma diminuição da dependência de serviços sociais e assistência governamental, otimizando a alocação de recursos comunitários e melhorando a qualidade de vida geral

5.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E SUGESTÕES DE PESQUISAS FUTURAS

As principais limitações da pesquisa estiveram relacionadas à amostra utilizada, destacando a necessidade de ampliação em estudos futuros. Recomenda-se que pesquisas subsequentes busquem expandir não apenas o tamanho da amostra, mas também a diversidade de locais de pesquisa, abrangendo diferentes contextos socioeconômicos e culturais. Essa abordagem permitirá uma análise mais abrangente e comparativa dos resultados, possibilitando uma compreensão mais profunda das nuances do comportamento financeiro familiar em diversos cenários.

REFERÊNCIAS

- AB HAMID, Mohd. R.; SAMI, Waqas; MOHMAD SIDEK, MH M. Discriminant Validity Assessment: Use of Fornell & Larcker criterion versus HTMT Criterion. **Journal of Physics: Conference Series**, v. 890, p. 012163, set. 2017.
- AJZEN, Icek. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, n. 2, p. 179–211, dez. 1991.
- ALMEIDA, Anna A.; BEHLAU, Mara. Adaptação cultural do Questionário Reduzido de Autorregulação: sugestões de aplicação para área de voz. **CoDAS**, v. 29, n. 5, ago. 2017.
- ALTFEST, Lewis. Personal Financial Planning: Origins, Developments and a Plan for Future Direction. **The American Economist**, v. 48, n. 2, p. 53–60, out. 2004.
- ARBER, Sara; FENN, Kirsty; MEADOWS, Robert. Subjective financial well-being, income and health inequalities in mid and later life in Britain. **Social Science & Medicine**, v. 100, p. 12–20, jan. 2014.
- ATKINSON, Adele; MESSY, Flore-Anne. **Measuring Financial Literacy**. n. 15, 2012.
- ATKINSON, Adele.; MESSY, Flore-Anne. **Measuring Financial Literacy: Results of the OECD / International Network on Financial Education (INFE) Pilot Study**. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/finance-and-investment/measuring-financial-literacy_5k9csfs90fr4-en>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- BAGOZZI, Richard P.; YI, Youjae; PHILLIPS, Lynn W. Assessing construct validity in organizational research. **Administrative science quarterly**, p. 421-458, 1991.
- BANDURA, Albert. Social cognitive theory of self-regulation. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, n. 2, p. 248–287, dez. 1991.
- BARBERIS, Nicholas; THALER, Richard. A survey of behavioral finance. **Handbook of the Economics of Finance**, v. 1, p. 1053-1128, 2003.
- BARRAFREM, Kinga.; VÄSTFJÄLL, Daniel; TINGHÖG, Gustav. Financial well-being, COVID-19, and the financial better-than-average-effect. **Journal of Behavioral and Experimental Finance**, v. 28, p. 100410, dez. 2020.
- BARROS, Thiago DE S.; FELIPE, Israel. J. DOS S. Teoria Do Prospecto: Evidências Aplicadas Em Finanças Comportamentais. v. 14, n. 4, 2015.
- BAUMEISTER, Roy F. *et al.*, Ego depletion: Is the active self a limited resource? **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 74, n. 5, p. 1252–1265, 1998.
- BAUMEISTER, Roy F. *et al.*, Self-Regulation and Personality: How Interventions Increase Regulatory Success, and How Depletion Moderates the Effects of Traits on Behavior. **Journal of Personality**, v. 74, n. 6, p. 1773–1802, dez. 2006.
- BECKER, Jan. M.; RINGLE, Christian. M.; WENDE, Sven. **Boenningstedt: Smartpls**. 2015.
- CALVET, Laurent. E.; CAMPBELL, John Y.; SODINI, Paolo. Down or Out: Assessing the Welfare Costs of Household Investment Mistakes. **Journal of Political Economy**, v. 115, n. 5, p. 707–747, out. 2007.

- CAREY, Kate B.; NEAL, Dan J.; COLLINS, Susan E. A psychometric analysis of the self-regulation questionnaire. **Addictive Behaviors**, v. 29, n. 2, p. 253–260, fev. 2004.
- CHHATWANI, Malvika; MISHRA, Sushanta K. Does financial literacy reduce financial fragility during COVID-19? The moderation effect of psychological, economic and social factors. **International Journal of Bank Marketing**, v. 39, n. 7, p. 1114–1133, out. 2021.
- CHIU, Randy K. Ethical Judgment and Whistleblowing Intention: Examining the Moderating Role of *Locus* of Control. **Journal of Business Ethics**, v. 43, n. 1/2, p. 65–74, 2003.
- CNC. Sumário Econômico. 2023.
- CRESWELL, John W. *Research Design: Qualitative, Quantitative, And Mixed Methods Approaches*. 2009.
- D'AGOSTINO, Antonella; ROSCIANO, Monica; STARITA, Maria G. Measuring financial well-being in Europe using a fuzzy set approach. **International Journal of Bank Marketing**, v. 39, n. 1, p. 48–68, out. 2020.
- DANES, Sharon M. *Parental perceptions of children's financial socialization*. 1994.
- DEACON, Ruth E.; FIREBAUGH, Francille M. **Family Resource Management: Principles and Applications**. Allyn and Bacon, 1988.
- DEW, Jeffrey; XIAO, Jing J. **The Financial Management Behavior Scale: Development and Validation**. Rochester, NY, 2011. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/abstract=2061265>>. Acesso em: 6 mar. 2024
- DIENER, Edward; LUCAS, Richard E. *Personality traits*. 2019.
- EDWARDS, Kay P. *Planning for family asset transfers*. 1991.
- FARRELL, Lisa; FRY, Tim R. L.; RISSE, Leonora. The significance of financial self-efficacy in explaining women's personal finance behaviour. **Journal of Economic Psychology**, v. 54, p. 85–99, jun. 2016.
- FAUL, Franz. *et al.*, Statistical power analyses using G*Power 3.1: Tests for correlation and regression analyses. **Behavior Research Methods**, v. 41, n. 4, p. 1149–1160, nov. 2009.
- FITZSIMMONS, Vicki S. *et al.*, Financial management: Development of scales. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 14, n. 3, p. 257–274, 1993.
- FORNELL, Claes; LARCKER, David F. Structural Equation Models with Unobservable Variables and Measurement Error: Algebra and Statistics. **Journal of Marketing Research**, v. 18, n. 3, p. 382–388, ago. 1981.
- FRANCESCHINI, Carol. *Introdução a finanças comportamentais*. p. 176–489, 2015.
- GAILLIOT, Matthew T. *et al.*, Increasing Self-Regulatory Strength Can Reduce the Depleting Effect of Suppressing Stereotypes. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 33, n. 2, p. 281–294, fev. 2007.
- GARÐARSDÓTTIR, Ragna B.; DITTMAR, Helga. The relationship of materialism to debt and financial well-being: The case of Iceland's perceived prosperity. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 3, p. 471–481, jun. 2012.
- GESTSDOTTIR, Steinunn; LERNER, Richard M. Positive Development in Adolescence: The Development and Role of Intentional Self-Regulation. **Human Development**, v. 51, n. 3, p. 202–224, 2008.

- GIRMA, Sourafel; VENCAPPA, Dev. Financing sources and firm level productivity growth: evidence from Indian manufacturing. **Journal of Productivity Analysis**, v. 44, n. 3, p. 283–292, dez. 2015.
- GODWIN, Deborah D. **Antecedents and Consequences of Newlyweds' Cash Flow Management**. Rochester, NY, out. 1999. Disponível em: <<https://papers.ssrn.com/abstract=5860>>. Acesso em: 6 mar. 2024
- GOYAL, Kirti *et al.*, The psychological antecedents of personal financial management behavior: a meta-analysis. **International Journal of Bank Marketing**, v. 40, n. 7, p. 1413–1451, nov. 2022.
- GOYAL, Kirti; KUMAR, Satish; HOFFMANN, Arvid. The direct and indirect effects of financial socialization and psychological characteristics on young professionals' personal financial management behavior. **International Journal of Bank Marketing**, v. 41, n. 7, p. 1550–1584, dez. 2023.
- GOYAL, Kirti; KUMAR, Satish; XIAO, Jing J. Antecedents and consequences of Personal Financial Management Behavior: a systematic literature review and future research agenda. **International Journal of Bank Marketing**, v. 39, n. 7, p. 1166–1207, out. 2021.
- HAGERTY, Michael R.; VEENHOVEN, Ruut. Wealth and happiness revisited—growing national income does go with greater happiness. **Social Indicators Research**, v. 64, n. 1, p. 1–27, 2003.
- HAIR, Joe F. (ED.). **A primer on partial least squares structural equations modeling (PLS-SEM)**. Los Angeles: SAGE, 2014.
- HAIR, Joe F. *et al.*, **Análise multivariada de dados - 6ed.** Bookman Editora, 2009.
- HAIR, Joe F. *et al.*, **Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLS-SEM) Using R: A Workbook**. Cham: Springer International Publishing, 2021.
- HALFELD, Mauro; TORRES, Fábio D. F. L. Finanças comportamentais: a aplicações no contexto brasileiro. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 2, p. 64–71, jun. 2001.
- HALFON, N. *et al.*, **Handbook of Life Course Health Development**. Springer, 2017.
- HANNA, Sherman D.; LEE, Jonghee; LINDAMOOD, Suzanne. Financial Behavior and Attitudes of Asians Compared to Other Racial/Ethnic Groups in the United States. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 36, n. 3, p. 309–318, set. 2015.
- HAYES, Andrew F. **Introduction to Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis, Second Edition: A Regression-Based Approach**. Guilford Publications, 2017.
- HAYTON, James C.; ALLEN, David G.; SCARPELLO, Vida. Factor Retention Decisions in Exploratory Factor Analysis: a Tutorial on Parallel Analysis. **Organizational Research Methods**, v. 7, n. 2, p. 191–205, abr. 2004.
- HENSELER, Jorg; RINGLE, Christian M.; SARSTEDT, Marko. A new criterion for assessing discriminant validity in variance-based structural equation modeling. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 43, n. 1, p. 115–135, jan. 2015.
- HILGERT, Marianne A.; HOGARTH, Jeanne M.; BEVERLY, Sondra G. Household Financial Management: The Connection between Knowledge and Behavior. **Federal Reserve Bulletin**, v. 89, p. 309, 2003.

HOFMANN, Wilhelm.; RAUCH, Wolfgang.; GAWRONSKI, Bertram. And deplete us not into temptation: Automatic attitudes, dietary restraint, and self-regulatory resources as determinants of eating behavior. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 43, n. 3, p. 497–504, maio 2007.

HORNE, James C. V. **Fundamentos de administração financeira**. 11a. ed ed. México: Prentice-Hall, 2002.

HOWLETT, Elizabeth; KEES, Jeremy; KEMP, Elyria. The Role of Self-Regulation, Future Orientation, and Financial Knowledge in Long-Term Financial Decisions. **Journal of Consumer Affairs**, v. 42, n. 2, p. 223–242, jun. 2008.

IBGE. **Cidades e Estados**, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html%20Acesso%20em:%2027%20mai.%202023>>. Acesso em: 6 mar. 2024

JOO, Sohyun. Personal Financial Wellness. Em: XIAO, J. J. (Ed.). **Handbook of Consumer Finance Research**. New York, NY: Springer New York, 2008. p. 21–33.

JORGENSEN, Bryce L. **Financial Literacy of College Students: Parental and Peer Influences**. PhD Thesis—Virginia Tech, out. 2007.

JR., Joe F. H. *et al.*, PLS-SEM or CB-SEM: updated guidelines on which method to use. **International Journal of Multivariate Data Analysis**, v. 1, n. 2, p. 107, 2017.

KANFER, Frederick H. Self-regulation: research, issues and speculations. p. 178–220, 1970.

KASOGA, Pendo S.; TEGAMBWAGE, Amani G. Psychological traits and investment decisions: the mediation mechanism of financial management behavior – evidence from the Tanzanian stock market. **Journal of Money and Business**, v. 2, n. 2, p. 213–227, nov. 2022.

KIM, Jinhee; GARMAN, E. Thomas; SORHAINDO, Benoit. Relationships among credit counseling clients' financial wellbeing, financial behaviors, financial stressor events, and health. **Journal of Financial Counseling and planning**, v. 14, n. 2, 2003.

KIMURA, Herbert; BASSO, Leonardo F. C.; KRAUTER, Elizabeth. Paradoxos em finanças: teoria moderna versus finanças comportamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 46, n. 1, p. 41–58, mar. 2006.

KUHL, Julius. A Functional-Design Approach to Motivation and Self-Regulation. Em: **Handbook of Self-Regulation**. Elsevier, 2000. p. 111–169.

KUHL, Julius; FUHRMANN, Arno. Decomposing Self-Regulation and Self-Control: The Volitional Components Inventory. Em: HECKHAUSEN, J.; DWECK, C. S. (Eds.). **Motivation and Self-Regulation across the Life Span**. 1. ed. Cambridge University Press, 1998. p. 15–49.

LUČIĆ, Andrea; UZELAC, Marija; PREVIŠIĆ, Andrea. The power of materialism among young adults: exploring the effects of values on impulsiveness and responsible financial behavior. **Young Consumers**, v. 22, n. 2, p. 254–271, jul. 2021.

MARCONI, M. DE A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Rio de Janeiro: Atlas, 2017.

MARÔCO, João. **Análise Estatística com o SPSS Statistics.: 7ª edição**. ReportNumber, Lda, 2018.

- MASON, Charlotte H.; PERREAULT, William D. Collinearity, Power, and Interpretation of Multiple Regression Analysis. **Journal of Marketing Research**, v. 28, n. 3, p. 268–280, ago. 1991.
- MATIAS-PEREIRA, José. **Manual De Metodologia da Pesquisa Científica**. SÃO PAULO, SP: Atlas, 2019.
- MCHUGH, Sandie; RANYARD, Rob. Credit repayment decisions: The role of long-term consequence information, economic and psychological factors. **Review of Behavioural Finance**, v. 4, n. 2, p. 98–112, nov. 2012.
- NEAL, Dan J.; CAREY, Kate B. A Follow-Up Psychometric Analysis of the Self-Regulation Questionnaire. **Psychology of Addictive Behaviors**, v. 19, n. 4, p. 414–422, dez. 2005.
- NETEMEYER, Richard G. *et al.*, How Am I Doing? Perceived Financial Well-Being, Its Potential Antecedents, and Its Relation to Overall Well-Being. **Journal of Consumer Research**, v. 45, n. 1, p. 68–89, jun. 2018.
- O'CONNOR, Genevieve E.; KABADAYI, Sertan. Examining Antecedents of Health Insurance Literacy: The Role of *Locus* of Control, Cognitive Style, and Financial Knowledge. **Journal of Consumer Affairs**, v. 54, n. 1, p. 227–260, mar. 2020.
- OECD. **Economic surveys**. OECD Publishing, 2005.
- OWUSU, Godfred M. Y. *et al.*, Antecedents and consequences of compulsive buying behaviour: the moderating effect of financial management. **Journal of Business and Socio-economic Development**, v. 3, n. 3, p. 197–213, maio 2023.
- PAHL, Jan M. **Money and Marriage**. Macmillan Education, 1989.
- PARABONI, Ana L. *et al.*, Does formal and business education expand the levels of financial education? **International Journal of Social Economics**, v. 47, n. 6, p. 769–785, jun. 2020.
- PARK, Heejung. Financial behavior among young adult consumers: the influence of self-determination and financial psychology. **Young Consumers**, v. 22, n. 4, p. 597–613, out. 2021.
- PERRY, Vanessa G.; MORRIS, Marlene D. Who Is in Control? The Role of Self-Perception, Knowledge, and Income in Explaining Consumer Financial Behavior. **Journal of Consumer Affairs**, v. 39, n. 2, p. 299–313, set. 2005.
- PONCHIO, Mateus C.; CORDEIRO, Rafaela A.; GONÇALVES, Virginia N. Personal factors as antecedents of perceived financial well-being: evidence from Brazil. **International Journal of Bank Marketing**, v. 37, n. 4, p. 1004–1024, jun. 2019.
- PORTER, Nancy M. Testing a model of financial well-being. v. 4, p. 135–164, 1990.
- POTRICH, Ani C. G.; VIEIRA, Kelmara M.; KIRCH, Guilherme. Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, n. 69, p. 362–377, dez. 2015.
- PROCHASKA-CUE, Kathy. An exploratory study for a model of personal financial management style. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 4, p. 111–134, 1993.
- RICHINS, Marsha L.; DAWSON, Scott. A Consumer Values Orientation for Materialism and Its Measurement: Scale Development and Validation. **Journal of Consumer Research**, v. 19, n. 3, p. 303, dez. 1992.

- RIITSALU, Leonore; MURAKAS, Rein. Subjective financial knowledge, prudent behaviour and income: The predictors of financial well-being in Estonia. **International Journal of Bank Marketing**, v. 37, n. 4, p. 934–950, jun. 2019.
- RINGLE, Christian. M.; DA SILVA, Dirceu; BIDO, Diógenes D. S. Modelagem de Equações Estruturais com Utilização do Smartpls. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 13, n. 2, p. 56–73, maio 2014.
- ROGERS, Pablo; SECURATO, José.; FAVATO, Verônica. **Efeito educação financeira no processo de tomada de decisões em investimentos: Um estudo a luz das finanças comportamentais**. jan. 2008.
- RUPPENTHAL, Janis E. **Gerenciamento de riscos**. Santa Maria RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2013.
- SANVICENTE, Antonio Z.; SANTOS, Celso C. Orçamento na administração de empresas: planejamento e controle. 2011.
- SCHUCHARDT, Jane *et al.*, Personal Finance: An Interdisciplinary Profession. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 18, n. 1, 2007.
- SEHRAWAT, Kanchan; VIJ, Madhu; TALAN, Gaurav. Understanding the Path Toward Financial Well-Being: Evidence From India. **Frontiers in Psychology**, v. 12, p. 638408, jul. 2021.
- SHE, Long *et al.*, Psychological beliefs and financial well-being among working adults: the mediating role of financial behaviour. **International Journal of Social Economics**, v. 49, n. 2, p. 190–209, jan. 2022.
- SILVA, Ana J.; DIAS, Raquel. The role of financial status, attitudes, behaviours and knowledge for overall well-being in Portugal: the mediating role of financial well-being. **International Journal of Organizational Analysis**, v. 31, n. 7, p. 3668–3685, nov. 2023.
- SINGH, Dharmendra; MALIK, Garima. A systematic and bibliometric review of the financial well-being: advancements in the current status and future research agenda. **International Journal of Bank Marketing**, v. 40, n. 7, p. 1575–1609, nov. 2022.
- SOUZA, Ana C. D. *et al.*, Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, n. 3, p. 649–659, jul. 2017.
- SPINELLA, Marcello; YANG, Bijou; LESTER, David. Development Of The Executive Personal Finance Scale. **International Journal of Neuroscience**, v. 117, n. 3, p. 301–313, jan. 2007.
- STEVENS, James P. **Applied Multivariate Statistics for the Social Sciences, Fifth Edition**. Routledge, 2012.
- TANGNEY, June P.; BAUMEISTER, Roy F.; BOONE, Angie L. High self-control predicts good adjustment, less pathology, better grades, and interpersonal success. Em: Routledge, 2004. v. 72p. 271–324.
- TAYLOR, M. A.; DOVERSPIKE, D. **Retirement: Reasons, Processes, and Results**. Springer Publishing Company, 2003.

TROMMSDORFF, Gisela. Development of “Agentic” Regulation in Cultural Context: The Role of Self and World Views. **Child Development Perspectives**, v. 6, n. 1, p. 19–26, mar. 2012.

ÜLKÜMEN, Gülden; CHEEMA, Amar. Framing Goals to Influence Personal Savings: The Role of Specificity and Construal Level. **Journal of Marketing Research**, v. 48, n. 6, p. 958–969, dez. 2011.

UNESC, O. Plano de Desenvolvimento AMREC. 2020.

VALENTINI, Felipe; DAMÁSIO, Bruno F. Variância Média Extraída e Confiabilidade Composta: Indicadores de Precisão. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. 2, 2016.

VOHS, Kathleen D. Self-Regulatory Resources Power the Reflective System: Evidence From Five Domains. **Journal of Consumer Psychology**, v. 16, n. 3, p. 217–223, jan. 2006.

VOHS, Kathleen D.; FABER, Ronald J. Spent Resources: Self-Regulatory Resource Availability Affects Impulse Buying. **Journal of Consumer Research**, v. 33, n. 4, p. 537–547, mar. 2007.

WESTON, J.-B. **Managerial finance**. 9th ed ed. Dryden Press: Fort Worth, Tex, 1981.

XIAO, Jing J. Applying Behavior Theories to Financial Behavior. Em: XIAO, J. J. (Ed.). **Handbook of Consumer Finance Research**. New York, NY: Springer New York, 2008. p. 69–81.

XIAO, Jing J.; CHEN, Cheng; CHEN, Fuzhong. Consumer Financial Capability and Financial Satisfaction. **Social Indicators Research**, v. 118, n. 1, p. 415–432, ago. 2014.

XIAO, Jing J.; PORTO, Nilton. Financial education and financial satisfaction: Financial literacy, behavior, and capability as mediators. **International Journal of Bank Marketing**, v. 35, n. 5, p. 805–817, jul. 2017.

XIAO, Jing J.; TANG, Chuanyi.; SHIM, Soyeon. Acting for Happiness: Financial Behavior and Life Satisfaction of College Students. **Social Indicators Research**, v. 92, n. 1, p. 53–68, maio 2009.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

Prezado respondente, essa pesquisa busca identificar a Autorregulação, o Comportamento de Gestão Financeira Familiar e o Bem-estar Financeiro das famílias de Morro da Fumaça-SC. Todas as respostas têm caráter confidencial.

Agradeço a atenção e colaboração para realização da pesquisa.

Perfil do Respondente da Pesquisa

Sexo:	1. Feminino	2. Masculino
Bairro de residência:		
Cidade residência:		
Idade (anos):		
Quantas pessoas residem em sua casa, incluindo você?		
Quem é responsável pelas finanças em casa?	1. Eu	2. Meu companheiro (a)

Nível de Renda Mensal Familiar incluindo a sua.

1. Até R\$ 2.640,00	2. De R\$ 2.641,00 à R\$ 5.280,00	3. De R\$ 5.281,00 à R\$ 13.200,00	4. De R\$ 13.201,00 à R\$ 26.400,00	5. Acima de R\$ 26.400,00
---------------------------	---	--	--	---------------------------------

Qual o seu nível de escolaridade?

1. Fundamental incompleto / completo	2. Ensino médio incompleto / completo	3. Curso Superior incompleto / completo	4. Pós-graduação incompleto / completo
---	--	--	---

Qual o nível de escolaridade de seu companheiro (a)?

1. Fundamental incompleto / completo	2. Ensino médio incompleto / completo	3. Curso Superior incompleto / completo	4. Pós-graduação incompleto / completo
---	--	--	---

Avalie as assertivas abaixo sobre “**Autorregulação**” e assinale com "X" de acordo com seu grau de concordância ou discordância.

Cód.	Assertivas	←-----→						
		Discordo totalmente				Concordo totalmente		
AR01	Estabelecemos metas para a família e acompanhamos o progresso.	1	2	3	4	5	6	7
AR02	Quando a família tem uma meta, geralmente planejamos como alcançá-la.	1	2	3	4	5	6	7
AR03	Se resolvemos mudar alguma coisa, prestamos muita atenção em como estamos.	1	2	3	4	5	6	7
AR04	Temos facilidade em estabelecer metas familiares.	1	2	3	4	5	6	7
AR05	Normalmente acompanhamos o progresso familiar em direção aos objetivos.	1	2	3	4	5	6	7
AR06	Temos facilidade em fazer planos que nos ajudem a alcançar os objetivos.	1	2	3	4	5	6	7
AR07	Temos facilidade em decidir sobre as coisas em família.	1	2	3	4	5	6	7
AR08	Não adiamos a tomada de decisões.	1	2	3	4	5	6	7
AR09	Quando se trata de decidir sobre uma mudança, não nos sentimos sobrecarregados com a escolha.	1	2	3	4	5	6	7
AR10	Pequenos problemas ou distrações não nos tiram do rumo.	1	2	3	4	5	6	7
AR11	Mesmo tendo muitos planos, conseguimos nos concentrar neles.	1	2	3	4	5	6	7

Avalie as assertivas abaixo, sobre **Comportamento de Gestão Financeira**, e assinale com "X" de acordo com seu grau de concordância ou discordância.

Cód	Assertivas	←-----→						
		Discordo totalmente				Concordo totalmente		
CF01	Sempre temos ciência do valor exato de nossas dívidas pendentes.	1	2	3	4	5	6	7
CF02	Monitoramos cuidadosamente o fluxo de caixa para evitar problemas financeiros.	1	2	3	4	5	6	7
CF03	Monitoramos e controlamos de perto nossos gastos para evitar excessos financeiros.	1	2	3	4	5	6	7
CF04	Pagamos todas as contas em dia, evitando atrasos e multas.	1	2	3	4	5	6	7
CF05	Identificamos e reduzimos despesas de custo de vida quando necessário.	1	2	3	4	5	6	7
CF06	Mantemos o autocontrole e evitamos compras impulsivas quando vemos algo que desejamos.	1	2	3	4	5	6	7
CF07	Encaramos com entusiasmo as oportunidades para aumentar nossos ganhos financeiros.	1	2	3	4	5	6	7
CF08	Mantemos nossas finanças devidamente organizadas e estruturadas para uma gestão eficiente.	1	2	3	4	5	6	7
CF09	Pagamos integralmente a fatura do cartão de crédito todos os meses.	1	2	3	4	5	6	7
CF10	Contribuímos regularmente para uma conta poupança.	1	2	3	4	5	6	7
CF11	Estabelecemos e mantemos um fundo de poupança de emergência.	1	2	3	4	5	6	7
CF12	Temos o hábito de iniciar ou aumentar nossas economias regularmente.	1	2	3	4	5	6	7
CF13	Estabelecemos metas de economia para objetivos de longo prazo, como educação, carro ou casa.	1	2	3	4	5	6	7
CF14	Sempre reservamos dinheiro para economizar parte de nossa renda.	1	2	3	4	5	6	7
CF15	Sempre buscamos economizar dinheiro quando possível.	1	2	3	4	5	6	7

CF16	Nosso orçamento inclui um plano para lidar com emergências e despesas inesperadas.	1	2	3	4	5	6	7
CF17	Regularmente separamos dinheiro para economizar e investir.	1	2	3	4	5	6	7
CF18	Avaliamos regularmente nossos gastos para identificar oportunidades de melhoria.	1	2	3	4	5	6	7
CF19	Elaboramos um plano detalhado para o futuro financeiro da família.	1	2	3	4	5	6	7
CF20	Fazemos planos claros sobre como usar o dinheiro da família.	1	2	3	4	5	6	7
CF21	Elaboramos e acompanhamos um orçamento para controlar nossos gastos.	1	2	3	4	5	6	7
CF22	Seguimos consistentemente o orçamento ou plano de gastos estabelecido.	1	2	3	4	5	6	7
CF23	Utilizamos um orçamento escrito para guiar nossas decisões financeiras.	1	2	3	4	5	6	7
CF24	Mantemos um orçamento doméstico responsável para nossa família.	1	2	3	4	5	6	7
CF25	Possuímos uma apólice de seguro de vida para proteger nossa família financeiramente.	1	2	3	4	5	6	7
CF26	Possuímos uma apólice de seguro de proprietário ou locatário para proteção adequada.	1	2	3	4	5	6	7
CF27	Possuímos um testamento atualizado para garantir a proteção do patrimônio familiar.	1	2	3	4	5	6	7
CF28	Possuímos uma apólice de seguro de invalidez para situações imprevistas.	1	2	3	4	5	6	7
CF29	No ano passado, fizemos contribuições para programas de aposentadoria privada.	1	2	3	4	5	6	7
CF30	Diversificamos nossos investimentos em diferentes tipos de ativos.	1	2	3	4	5	6	7
CF31	Realizamos investimentos em títulos, ações ou fundos mútuos.	1	2	3	4	5	6	7
CF32	Investimos ou compramos ativamente investimentos no último ano.	1	2	3	4	5	6	7
CF33	Valorizamos a importância dos investimentos e temos um plano claro para atingir nossos objetivos financeiros.	1	2	3	4	5	6	7

Avalie as assertivas abaixo, sobre “**Bem-estar financeiro**”, e assinale com "X" de acordo com seu grau de concordância ou discordância

Cód	Assertivas	←=====→						
		Discordo totalmente			Concordo totalmente			
BEF01	Estamos otimistas em relação às finanças no futuro	1	2	3	4	5	6	7
BEF02	Quando comparamos a situação financeira familiar de 12 meses atrás com a atual, percebemos que ela melhorou.	1	2	3	4	5	6	7
BEF03	Estamos nos tornando financeiramente seguros	1	2	3	4	5	6	7
BEF04	Estamos construindo um futuro financeiro seguro.	1	2	3	4	5	6	7
BEF05	Acreditamos que vamos alcançar as metas financeiras que estabelecemos para o futuro.	1	2	3	4	5	6	7
BEF06	Nossa família está em dia com as finanças, pagando todas as contas até o vencimento.	1	2	3	4	5	6	7
BEF07	Nos últimos 12 meses, nossa família pagou contas importantes, como aluguel ou prestação da casa, sempre até o vencimento.	1	2	3	4	5	6	7
BEF08	Nos últimos 12 meses, conseguimos pagar coisas como geladeira, sofá ou carro sempre até o vencimento.	1	2	3	4	5	6	7
BEF09	Temos uma reserva financeira para emergências.	1	2	3	4	5	6	7
BEF10	Pagamos as parcelas de nossas dívidas sem apertos.	1	2	3	4	5	6	7